

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

**OUTRAS NARRATIVAS DA NACIONALIDADE: O MOVIMENTO DO
CONTESTADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em História, pelo Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

**CURITIBA
AGOSTO – 2004**

TERMO DE APROVAÇÃO

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

OUTRAS NARRATIVAS DA NACIONALIDADE: O MOVIMENTO DO CONTESTADO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro
Departamento de História, UFPR

Prof.^a Dr.^a Roseli Terezinha Boschilia
Departamento de História, Universidade Tuiuti do Paraná

Prof.^a Dr.^a Márcia Regina Capelari Naxara
Departamento de História, UNESP

Curitiba, 01 de outubro de 2004

AGRADECIMENTOS

Os erros de um trabalho de dissertação certamente iniciam nos agradecimentos, pois nunca conseguimos lembrar o nome de todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a consolidação do trabalho. De qualquer forma, tentarei lembrar daqueles, que, mais diretamente, me auxiliaram na realização desse projeto.

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, Prof. Luiz Carlos Ribeiro, pelo acompanhamento e atenção dedicados a esse trabalho e à banca de qualificação, formada pela Prof^a. Judite Maria Barboza Trindade e pelo Prof. Euclides Marchi, que contribuíram com questões fundamentais para a finalização deste trabalho. Ao Prof. Marcos Napolitano, pelas discussões propiciadas na disciplina de Seminário, importantes na definição da problemática e dos caminhos adotados. À Lucí e a Dóris, pelo apoio técnico.

Agradeço ao programa de bolsas da CAPES, que possibilitou maior dedicação ao curso durante o período de sua realização.

De forma especial, agradeço a todo o corpo docente da Universidade Tuiuti do Paraná, onde concluí a graduação mas, principalmente, à Prof.^a Wilma de Lara Bueno, que vem me acompanhando em tantas caminhadas, à Prof^a Helena Isabel Müller, por mostrar que o desentendimento é fundamental para que haja entendimento, ao Prof. Sérgio Feldmann, pelo incentivo inicial.

Agradeço às minhas “orientadoras” Prof^a Roseli Boschilia e Prof.^a Sidinalva Wawzyniak, pela orientação pessoal e profissional, que possibilitaram a conclusão de mais uma etapa desse trabalho, iniciado há alguns anos. Sem o auxílio, o empenho e a dedicação de vocês esse trabalho não existiria.

Agradeço aos companheiros do Grupo de Estudos Libertários, que propiciaram reflexões importantes sobre o ofício do historiador e a atuação na sociedade.

Pude contar, desde o primeiro momento em que me interessei pelo tema, com o auxílio e a atenção de Márcia Janete Espig, cujo trabalho e postura serviu como referência para a elaboração deste trabalho. Agradeço também, aos pesquisadores Paulo Pinheiro Machado e Rogério Rosa Rodrigues, pela possibilidade que me

deram de utilizar suas obras, importantes para uma compreensão maior sobre o conflito.

Durante o curso recebi, de diferentes formas, o apoio dos colegas Ilton, Lorena, Ale, Marcos, Sirlei, Andréa e Viviane.

Agradeço também aos amigos que, pacientemente, conviveram com muitas ausências mas, também, propiciaram momentos de intensas reflexões sobre o caminhos que escolhemos: Raquel, Marcelo, Patrícia, Ozias, Fernando, Michela, Karin e Indianara.

Por fim, agradeço aos meus familiares pela paciência que esse processo exigiu e, principalmente, ao Luiz, certamente a pessoa que mais sofreu com essa caminhada, pois conviveu com momentos de desânimo, de desespero e de euforia, mas sempre esteve ao meu lado, dando seu incondicional apoio.

Profecia (ou Testamento da Ira)

Herdeiros do novo milênio
Ninguém tem mais dúvidas
O sertão vai virar mar
E o mar sim
Depois de encharcar as mais estreitas veredas
Virará sertão

Antoê tinha razão rebanho da fé

A terra é de todos a terra é de ninguém
Pisarão na terra dele todos os seus
E os documentos dos homens incrédulos
Não resistirão a Sua ira

Filhos do caldeirão
Herdeiros do fim do mundo
Queimai vossa história tão mal contada

Ah! Joana Imaginária
Permita que o Conselheiro
Encoste sua cabeleira
No teu colo de oratórios
Tua sala de rosários
Teu beijo de cera quente
E assim na derradeira lua branca
Quando todos os rios virarem leite
E as barrancas cuscuz de milho
E as estrelas tocadeiras de viola
Caírem uma por uma
Os soldados do rei D. Sebastião
Mostrarão o caminho

Cordel do Fogo Encantado

SUMÁRIO

	RESUMO.....	6
	ABSTRACT	7
1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	CONTESTADO: UM TERMO POLISSÊMICO.....	22
2.1	A guerra do Contestado ou o território contestado?.....	23
2.2	A polissemia do termo continua: as direções seguidas.....	25
2.2.1	Especificidades de uma polissemia: os clássicos.....	27
2.2.2	Olhares de permanência.....	36
2.2.3	A perspectiva da esquerda.....	38
2.2.4	Outras perspectivas: a cultura e a modernidade.....	43
2.3	Algumas hipóteses e uma proposta de pesquisa.....	47
3.	REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONTESTADO NA IMPRENSA REGIONAL.....	50
3.1	Os periódicos no início do século XX: os lugares da imprensa.....	50
3.2	O Diário da Tarde.....	56
3.2.1	O Movimento do Contestado no Diário da Tarde.....	60
3.2.1.1	“O brilhante ornamento do exército brasileiro”.....	60
3.2.1.2	José Maria: “guerreiro audacioso, fanático e monarquista“.....	71
3.2.1.3	De facínoras a ignorantes: algumas representações sobre os rebeldes .	78
3.2.1.4	Algumas representações geográficas	83
3.2.1.5	O olhar romântico.....	86
3.2.1.6	O olhar científico.....	89
3.2.1.7	Identidade nacional/regional – uma ferida cultural.....	95
4.	CONTESTADO: UMA NARRATIVA DA NACIONALIDADE.....	104
4.1	Um projeto de nação.....	104
4.2	O homem e o meio no pensamento social brasileiro.....	109
4.3	Algumas narrativas sobre o Movimento do Contestado.....	115
4.3.1	Representações sobre a nacionalidade.....	125
4.3.2	Representações sobre o espaço.....	130
4.4	Os <i>Sertões</i> : paradigma dos movimentos sociais.....	133
4.4.1	Os narradores do Contestado e a presença euclidiana.....	134
4.4.2	Euclides da Cunha e o Movimento do Contestado	138
4.4.3	Uma comparação para se pensar o Brasil e os brasileiros.....	143
5.	CONCLUSÃO.....	145
	REFERÊNCIAS.....	149

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão histórica acerca de algumas representações produzidas durante a década de 1910 sobre o Movimento do Contestado. Centrando a análise nos textos produzidos pela imprensa periódica escrita paranaense e pelos militares, compreendemos que as narrativas desse evento estiveram inscritas em uma comunidade de imaginação, onde determinadas noções foram recorrentes. Verificamos a tensão existente entre concepções românticas e racionalistas nas reflexões a respeito dos habitantes do interior e que demonstraram o interesse de determinadas instituições do período, na constituição de uma identidade nacional e regional. Essas narrativas também possibilitaram refletirmos acerca da importância da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, na formação de um pensamento sobre o conflito sulino.

As narrativas fundantes do Movimento do Contestado, convergiam para uma representação comum no período, onde o homem do interior, apesar de considerado bárbaro e ignorante, também foi eleito como o elemento autenticamente nacional. Nesse sentido, os textos que narraram o conflito na segunda década do século XX, mostraram-se permeados por dúvidas e contradições em torno da necessidade de exterminar os rebeldes, por um lado considerados inimigos da República, porém, por outro lado, compreendidos enquanto cerne da verdadeira nacionalidade.

ABSTRACT

The present work has as objective to carry through a historical reflection concerning some representations produced during the decade of 1910 on the Movement of the Contestado one. Centering the analysis in the texts produced for the periodic press paranaense writing and the military, we understand that the narratives of this event had been enrolled in an imagination community, where determined slight knowledge had been recurrent. We verify the existing tension between romantic and racionalistas conceptions in the reflections regarding the inhabitants of the interior and that they had demonstrated the interest of definitive institutions of the period, in the constitution of a national and regional identity. Also they make possible to reflect concerning the importance of the workmanship of Euclides da Cunha, *Os Sertões*, in the formation of a thought on the southern conflict.

The fundantes narratives of the Movement of the Contestado one, converged to a common representation in the period, where the man of the interior, although considered barbarous and ignorant, also it was chosen as the autenticamente national element. In this direction, the texts that had told the conflict in the second decade of century XX, had revealed permeados for doubts and contradictions around the necessity of exterminar the rebels, on the other hand considered enemy of the Republic, however, on the other hand, understood while cerne of the true nationality.

LIZ ANDRÉA DALFRÉ

**OUTRAS NARRATIVAS DA NACIONALIDADE: O MOVIMENTO DO
CONTESTADO**

**CURITIBA
AGOSTO - 2004**

2. CONTESTADO: UM TERMO POLISSÊMICO

Consideramos que o termo Contestado se tornou polissêmico desde o momento em que o conflito recebeu esse nome, em 1912. Nesse período, Contestado se referia à uma região disputada judicialmente pelo Paraná e por Santa Catarina. O termo “Contestado” foi associado ao conflito armado que recebeu a denominação de Movimento ou Guerra do Contestado, devido ao fato dessa região ter constituído parte do palco onde se deu esse evento que envolveu sertanejos e forças militares.

No entanto, a polissemia em relação à palavra Contestado não se encerra na associação à questão de limites. Refere-se a um termo que sugere imagens referentes a um acontecimento real. Ao utilizarmos essa palavra, como leigos, evocamos nossas lembranças, nossa memória, e logo associamos a palavra à idéia de um movimento social, talvez ligado a questões territoriais, talvez o aproximando do Movimento de Canudos, para facilitar a “visualização”. Atualmente, entendemos que, como uma construção discursiva que pelo seu uso costumeiro foi sendo naturalizada, o termo caracteriza uma representação “das diversas experiências que constituem o evento ‘Contestado’.”¹

Optamos por apresentar nesse item, à maneira como diversos autores abordaram os elementos constitutivos do pensamento social do período, chamando a atenção para o uso, generalizador e classificatório, de determinadas noções. A confluência e/ou divergência das considerações feitas por esses indivíduos, direta ou indiretamente, suscitaram o surgimento da presente pesquisa.

Ao realizarmos esse percurso também tentaremos apontar a maneira como o Contestado foi erigido como movimento social, evidenciando a forma como diferentes estudiosos construíram uma representação referente ao conflito, bem como sua relação com a questão de limites. Alguns questionamentos permearam o levantamento dessas representações, tais como: quais autores buscaram romper

¹ Para Susan Aparecida de Oliveira, essa representação é assimiladora e consensual. Devido à enorme quantidade de interpretações sobre o conflito, cada qual seguindo uma direção singular e mesmo ao desconhecimento por parte do público acadêmico curitibano sobre o Movimento, discordamos dessa afirmação no que se refere à capital paranaense. OLIVEIRA, Susan Aparecida de. **Contestado**: visões e projeções da modernidade. Florianópolis-SC, 2001, 215 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, p. 3.

com as dicotomias elaboradas durante as primeiras décadas do século XX? A partir de quais parâmetros sustentaram seus argumentos? Em que espaço de análise inseriram o Movimento?

Diversos caminhos foram percorridos na definição do Movimento do Contestado. Nilson Thomé identificou muito bem os impasses relativos a essa questão ao sintetizar a diversidade de representações referentes a esse tema: “Para religiosos, ocorreu uma ‘Guerra de Fanáticos’; para sociólogos, houve um ‘Movimento Messiânico’; para políticos, aconteceu uma ‘Questão de Limites’; para militares, tratou-se de uma ‘Campanha Militar’; para marxistas, foi uma ‘Luta pela Terra’.”² O autor enfatiza que a história aceita essas atribuições, mas que, isoladas, constituem definições fragmentadas. Por sua vez, Thomé acredita que o Movimento do Contestado “foi um destacado evento histórico, resultante da revolta da população regional à ordem vigente, ou seja, uma insurreição da população cabocla.”³

2.1 A guerra do Contestado ou o território contestado?

A própria definição “Contestado” é objeto de uma pluralidade de significações. Isso ocorre porque os indivíduos que relataram ou estudaram o Movimento, ora associaram o conflito à questão de limites, ora enfatizaram que um evento não teve relação com o outro. Para Duglas Texeira Monteiro, por exemplo, os problemas gerados com a questão de limites deram origem a diversos conflitos armados, mas “nenhum desses conflitos, entretanto, tomou as proporções do que costuma ser chamado de Guerra do Contestado e que, com a questão de limites, manteve uma conexão apenas incidental.”⁴ Essa análise, tem sido tomada como verdadeira por

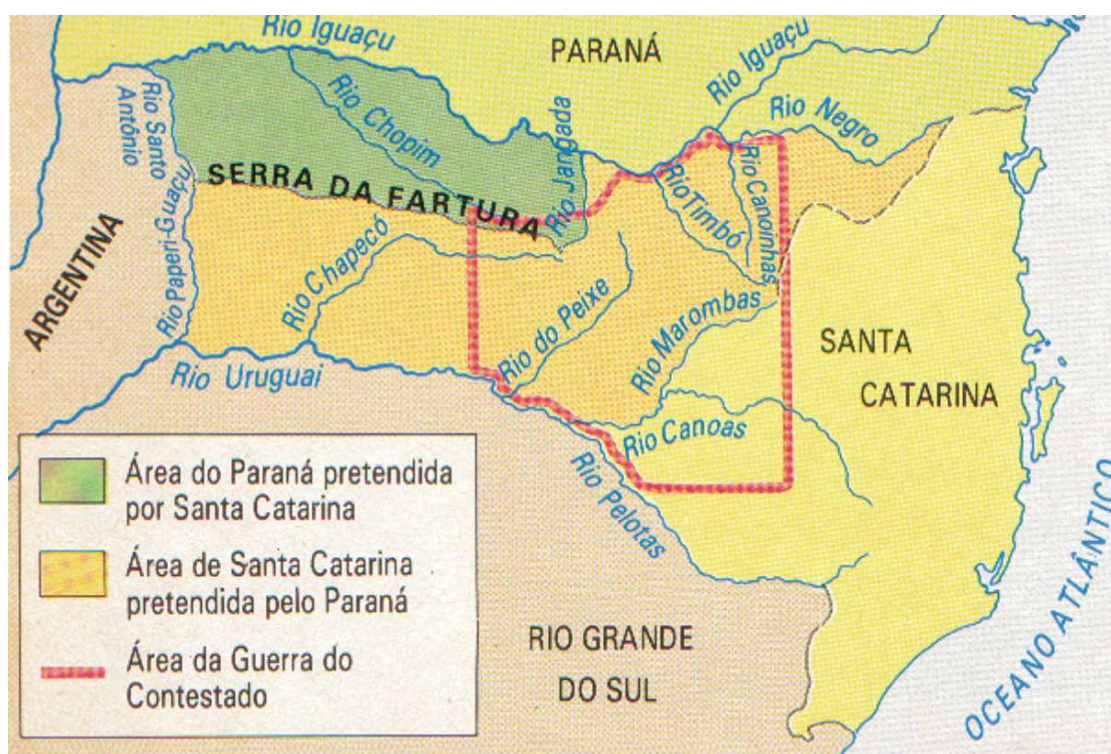
² THOMÉ, Nilson. **Os iluminados**: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999, p. 13.

³ Id. Nilson Thomé pode ser considerado um importante estudioso do assunto. Além de possuir um grande número de publicações sobre o tema é morador da região há muitos anos e travou conhecimento com muitos habitantes do local, remanescentes do movimento. No livro citado, o autor retrata as figuras místicas que percorreram o território antes, durante e depois do movimento (de 1840 a 1980).

⁴ MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo III, o Brasil Republicano, 2º vol.: Sociedade e Instituições (1889-1930), 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 71.

diversos estudiosos, sem que pese uma observação mais apurada da forma como cada grupo que morava na região esteve envolvido no conflito.

Desde 1853, a disputa territorial entre o Paraná e Santa Catarina vinha se arrastando e, já no início do século XX, após a Proclamação da República e princípio de autonomia dos estados da Federação, constituiu motivo de discussões acirradas entre as instâncias de poder desses estados brasileiros, contando, em diversos momentos, com as opiniões de representantes de outras regiões do país. Diversos foram os pareceres emitidos pelos poderes federais, ora dando ganho de causa a um, ora a outro. O litígio somente foi resolvido em 1916, devido à pressão exercida pelo governo federal e pela opinião pública contra os representantes estaduais, em função do conflito.⁵



In: AFONSO, Eduardo José. **O Contestado**. São Paulo. Ática, 1994, p. 20.

No mapa, podemos observar tanto o território disputado entre os dois estados, como a região onde se deu o conflito armado entre sertanejos e forças militares.

⁵ Na nova divisão territorial, os dois estados cederam parte das terras que estavam reclamando como suas, sendo que o Paraná ficou com 20.000 km² do território contestado enquanto Santa Catarina ficou com 28.000 km². Assim, o Paraná cedeu a parte norte compreendendo os municípios de Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas e Santa Catarina cedeu o sudoeste, compreendendo Palmas e Clevelândia.

Antes da definição definitiva de limites, as lideranças políticas que moravam no território Contestado se articularam no sentido de criar um estado próprio, independente. O Estado das Missões foi um projeto que, apesar de não ter entrado em vigor, contou com um governo provisório constituído em União da Vitória. Cf. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7 ed. Curitiba: Editora e Gráfica Vicentina, 1995, p. 190-192.

Tornou-se comum a atribuição do Movimento à questão de limites entre os dois estados. No entanto, a importância da disputa entre o Paraná e Santa Catarina interessava, principalmente, àqueles que moravam próximos à divisa provisória, às margens do Rio Negro e Iguaçu, como evidenciou o historiador Paulo Pinheiro Machado, em tese recentemente publicada.⁶ O historiador evidenciou o fato de terem existido grupos de sertanejos e proprietários envolvidos no conflito devido a interesses relacionados à questão litigiosa, questionando assim, a vertente defendida por Monteiro. Tal associação também está relacionada ao fato de se ter elegido o território paranaense palco do estopim do conflito, no momento em que o monge José Maria e seus seguidores instalaram-se na região de Palmas, possibilitando o confronto entre as forças militares paranaenses e os sertanejos que nesse local se encontravam.⁷

Mediante essas questões, ao nos referirmos ao Movimento do Contestado, acredito que não podemos entendê-lo como sinônimo da questão de limites, uma vez que, a maioria da população conflagrada morava em um território distanciado dessas disputas e possuía outras prioridades – como as aspirações religiosas, por exemplo – embora estas também estivessem relacionadas a questões de posse territorial.⁸ Por esses motivos, assumimos o termo Movimento do Contestado, compreendendo o conflito que ocorreu entre sertanejos do interior (tanto catarinense quanto paranaense) contra as forças do governo. A questão de limites, a nosso ver, constitui um elemento a mais para a compreensão desse acontecimento.

2.2 A polissemia do termo continua: as direções seguidas

É neste sentido que utilizamos a noção de polissemia para o Movimento do Contestado. As representações sobre o Movimento, fazem parte da própria história do Movimento. O Contestado somente existe como fato histórico-social porque foi elegido como tal, porque sociólogos, religiosos, políticos, jornalistas e, mais recentemente, historiadores, pensaram sobre ele. E cada qual construiu uma

⁶ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas-SP, 2001, 497 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, p. 127. A tese deste autor foi publicada pela editora da Unicamp.

⁷ Essa questão será retomada no segundo capítulo.

imagem sobre o acontecimento, vinculada a visões de mundo e questões teóricas específicas, próprias de cada tempo e lugar.

Descartando a idéia que nos remete à questão litigiosa, optamos por abordar a temática Contestado, a partir das construções discursivas que lhe atribuíram a característica de conflito, movimento ou guerra, evidenciando a elaboração de representações legitimadoras de uma ordem social, uma vez que os idealizadores dessas narrativas são os portadores de uma determinada verdade, principalmente por ocuparem um lugar autorizado. Provavelmente impulsionada pela criação das Faculdades de Filosofia⁹, a partir da década de 50, a academia se voltou para o estudo do Movimento do Contestado, visando explicar e entender os motivos que levaram tantos indivíduos ao questionamento da ordem vigente. Foi no confronto desses olhares que surgiu a necessidade de uma análise acerca dos elementos constitutivos do pensamento social do período sobre o conflito. Essas obras, além de demonstrarem algumas permanências, evocaram, direta ou indiretamente, a necessidade de uma análise mais apurada referente aos elementos presentes no imaginário sobre o Movimento Contestado, durante a década de 1910.

Para realizar esse percurso, procedemos com uma divisão de ordem cronológica quanto à bibliografia sobre o tema, visando apontar aquelas que indicaram, de alguma forma, elementos referentes ao pensamento social do início do século XX, no que se refere a classificações ou relatos referentes ao Movimento do Contestado e aos seus participantes. Muitos autores, apontaram os pressupostos científicos, as noções vigentes, a visão de mundo que orientou as narrativas sobre o Contestado, na maioria das vezes, tecendo críticas. Partimos, pois, para a busca dessas reflexões, fundamentais para esse trabalho, na medida em que deram origem a questionamentos relativos às representações existentes no início do século XX, que encontraram um lugar para o meio sertão e para o homem sertanejo, embora nenhum desses trabalhos tenha se detido de forma mais minuciosa sobre essa questão.

Vinculados a um pensamento predominante nas reflexões teóricas do seu tempo, mas também associados a uma visão de mundo particular, cada um desses autores seguiu um caminho, embora seus trabalhos revelem pontos de confluência

⁸ Cf. MACHADO, op. cit., p. 127.

⁹ Cf. WEINHARDT, op. cit., p. 21.

em vários aspectos, uma vez que são reflexões dinâmicas que se apropriam de uma amplitude de temas e explicações, muitas vezes se contradizendo e se questionando como tal. Nessa perspectiva, selecionamos alguns percursos que podem ser importantes no sentido de trilharmos os caminhos percorridos pelo pensamento em torno do Movimento do Contestado. Assim como os pensadores do início do século, aqueles que escreveram posteriormente também parecem estar preocupados com a brasilidade e com os rumos do país, fator que parece ser inerente àqueles que se dedicam, no Brasil, a pensar a sociedade.

2.2.1 Especificidades de uma polissemia: os clássicos

Os trabalhos acadêmicos que começaram a ser escritos a partir da década de 50, inauguram uma nova forma de abordagem referente ao Movimento e aos personagens que nele estiveram envolvidos. Os sertanejos, a partir desses estudos, passaram a ser considerados de um ponto de vista mais antropológico. A alteridade ganhou novos contornos, não situando mais o outro na esfera do inculto ou do incivilizado, até mesmo porque, a sociedade ocidental demonstrou, por meio de duas grandes guerras, que o ideal de progresso e modernidade também trouxe em seu encaixe morte e miséria. A noção de barbárie, tão comum nas explicações sobre os iletrados do início do século, perdeu seu sentido anterior, podendo ser utilizada para designar outros grupos, já não tão “incultos”.

Derivam desse período, três obras acadêmicas que se tornaram referências para os estudos sobre o Movimento do Contestado: *O messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz; *Messianismo e conflito social*, de Maurício Vinhas de Queiroz e *Os errantes do novo século*, de Duglas Teixeira Monteiro.¹⁰ O primeiro desses trabalhos foi o da socióloga Maria Isaura Pereira de

¹⁰ Esses autores, por meio de sua análise sobre o Movimento, também elaboraram um parecer e tentaram caracterizar a “realidade brasileira”, portanto também podem ser considerados narradores da nacionalidade, embora estejam localizados em um período diferente. Sobre outros momentos da narrativa histórica ver: BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A (des)construção do discurso histórico**: a historiografia brasileira dos anos 70. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. A autora se concentra em escritos produzidos durante a década de 70. Ver: PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., QUEIROZ, op. cit., MONTEIRO, **Os errantes**... op. cit.

Queiroz.¹¹ A obra desta autora, inaugura uma mudança em relação aos estudos relacionados aos movimentos sociais religiosos, até então, localizados com uma certa frequência, nos limites da patologia social.

Sua análise, influenciada pela idéias socioculturais do orientador, Roger Bastide, pauta-se na importância de encontrar definições científicas necessárias para enquadrar, em caracterizações comuns, diversos movimentos sociais, localizados em tempos e locais distintos. Partindo de uma reflexão weberiana, na qual o messias é classificado como líder carismático, os movimentos messiânicos, para Maria Isaura Pereira de Queiroz, teriam sempre a mesma forma, precedida pela figura do messias. No caso do Contestado, a denominação de messias foi atribuída a figura dos monges.

Apesar dessa noção de messianismo ser adotada por vários estudiosos na análise do Movimento do Contestado, a obra de Pereira de Queiroz, foi “revisada” por diversos autores, ora sendo questionada quanto à forma como utilizou as fontes,¹² ora em relação à forma como desenvolveu o conceito de messianismo. Segundo Paulo Pinheiro Machado, por exemplo, seria pouco útil a utilização dessa categoria da forma como emprega a autora. Para ela, a sociedade sertaneja do Contestado se encontrava em processo de anomia, sendo que o Movimento se caracterizou como um conflito de caráter conservador, vivenciando uma crise estrutural. Portanto, o Movimento do Contestado não foi nem subversivo, nem revolucionário, mas reformista na opinião da socióloga. Ao indicar como fator provocador do conflito o estado de anomia social, de perda de identidade como consequência de transformações sociais/culturais e econômicas, Pereira de Queiroz estaria nomeando de outra forma a patologia da população sertaneja.¹³ A nosso ver, além dessas questões apontadas por trabalhos recentes, o maior problema quanto à obra de Pereira de Queiroz, reside no fato da autora tentar encontrar um

¹¹ Além da publicação do livro *Messianismo no Brasil e no mundo*, Pereira de Queiroz, defendeu em 1955, na École Pratique des Hautes Etudes, na França, sua tese intitulada *La “Guerre Sainte” au Brésil: Le mouvement messianique du “Contestado”*.

¹² Conforme Márcia Janete Espig, Maria Isaura Pereira de Queiroz utiliza uma gama ampla de fontes de natureza diversa, porém ao optar por uma ou outra visão não explicita os motivos que a levaram a tal escolha. Outra questão refere-se à utilização generalizada de outros contextos na explicação de aspectos referentes ao Movimento do Contestado. ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS, 1998, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 31.

¹³ Cf. MACHADO, op. cit., p. 5-7.

denominador comum para diversos movimentos sociais, localizados em diferentes tempos e espaços.

Em relação ao nosso objeto de pesquisa, Pereira de Queiroz demonstra uma certa permanência do pensamento que atribuiu lugares distintos aos brasileiros. Isso ocorre, por exemplo, quando divide a sociedade brasileira em três seções “sócio-culturalmente distintas”: a primitiva, a rústica e a urbanizada. A rústica seria aquela onde ocorreu o Movimento do Contestado. Apesar de sugerir a hipótese de que ocorreu o contato deste grupo tanto com aqueles que viviam nas zonas urbanas como com os indígenas, enfatiza a carência de estudos no sentido de analisar as relações entre a sociedade rústica e a urbana, para verificar a existência de isolamento ou não. Contrapõe ainda a sociedade do sertão à litorânea, evidenciando uma certa ingenuidade quanto à última. Segundo ela, nas sociedades litorâneas, mesmo aquelas que viviam das grandes plantações, existia uma estabilidade estrutural e organização social tal que, diferentemente das sociedades rurais, “permitiu o desenvolvimento do Brasil como nação em relativa ordem e equilíbrio, sem grandes abalos interiores”¹⁴. A historiografia das últimas décadas demonstra que essa afirmação pode ser contestada, uma vez que diversos movimentos populares e políticos ocorreram em solo litorâneo, demonstrando que a população nem sempre se sentiu parte integrante de uma mesma nação.

Apesar dessa perspectiva que define diferentes seções para a sociedade brasileira. Pereira de Queiroz critica determinados aspectos presentes na definição do homem sertanejo existentes entre os pensadores do final do século XIX e início do XX, principalmente no que se refere à dicotomia litoral-sertão. Segundo ela, conforme um pensamento consolidado a respeito, essa diferenciação simboliza a oposição progresso-atraso, afirmação contestada pela socióloga, que enfatiza o fato de nem sempre podermos utilizar a noção de atraso para designar o surgimento dos movimentos messiânicos rústicos.

Considera ainda, incorretas as afirmações de Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, quando estes indicam que o estilo de vida sertanejo se encontraria ameaçado pela invasão de uma cultura estranha, ocasionando a insurreição rebelde.¹⁵ Conforme as teses em vigor nesse período, início do século XX, a melhor

¹⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., p. 322.

¹⁵ Ibid., p. 343.

forma de aniquilar com esse tipo de reação seria levar o progresso aos sertanejos, por meio da criação de escolas e da abertura de estradas, possibilitando a alfabetização e maior contato com os centros civilizados do país. Na perspectiva desses estudos, o messias seria o inimigo do progresso, chegando ao ponto de queimar objetos de luxo, definição essa decorrente da imagem referente a Antônio Conselheiro, segundo a socióloga. Como principal argumento na defesa de seu ponto de vista, Pereira de Queiroz enfatiza que, ao contrário do que afirmaram esses cientistas sociais, muitos messias buscavam elevar o nível de vida dos seus adeptos, desenvolvendo o comércio, abrindo estradas, construindo casas, como no caso de Padre Cícero, que não só era instruído como buscou transformar sua região em um grande centro econômico. Em relação ao grupo de Antônio Conselheiro, afirma que queimavam objetos de luxo e não novidades, o que não contraria o progresso, mas sim, a riqueza.¹⁶

Portanto, a obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz, foi a primeira de cunho acadêmico, onde os aspectos sócio-culturais dos moradores do interior foram considerados, não como elementos depreciatórios, mas como uma forma de vida específica, que deveria ser compreendida a partir de sua lógica interna.

A segunda obra de nossa análise, *Messianismo e conflito social*, do sociólogo Maurício Vinhas de Queiroz, apesar de não apontar questões referentes ao pensamento social existente no início do XX, ou às terminologias utilizadas na definição dos sertanejos que estiveram envolvidos no Movimento do Contestado, a divisão de capítulos que utiliza guarda estreitas relações com a estrutura euclidiana. Iniciando pelo título “A terra e o homem”, assim como Euclides da Cunha em *Os Sertões*, o autor tece, de forma bastante detalhada, considerações de cunho geográfico, referentes à paisagem da região contestada para, em seguida, abordar aspectos sobre a ocupação territorial e adentrar, de forma bastante minuciosa, no conflito propriamente dito. A partir de elementos físicos do meio, procura mostrar algumas especificidades do Contestado em relação ao Movimento de Canudos. Talvez esse recurso tenha sido utilizado pelo sociólogo com o objetivo de diferenciar um Movimento do outro. No entanto, ao assumir o mesmo título que o autor de *Os Sertões* na definição de seus capítulos, Maurício Vinhas de Queiroz o consagra.

¹⁶ Ibid., p. 344-346.

Vinhas de Queiroz percorre ainda um caminho que posteriormente foi assumido por diversos estudiosos do Contestado: a questão agrária. Embora a referência à terra não seja determinante em seu texto, já na introdução afirma que “...pela primeira vez em nossa História as massas camponesas manifestaram a clara consciência da necessidade de garantir o seu ‘direito de terras’.”¹⁷ Devido ao anseio pela terra, por bem-estar e segurança, a população que vivia no território contestado teria sofrido uma crise estrutural, acumulada ao longo dos anos. Apesar de focar a idéia de consciência em relação à terra, seu trabalho cai em contradição quando afirma, páginas depois, que os sertanejos possuíam uma falsa consciência dos problemas existentes no interior de sua sociedade, problemas esses responsáveis pelo acúmulo de tensões.¹⁸ Além da contradição presente em sua obra, uma outra questão é passível de ser apontada quando nos referimos à falta de consciência daqueles que aderiram ao movimento: 20 mil pessoas teriam aderido à uma guerra sangrenta e longa, impulsionadas por uma falsa consciência dos problemas?¹⁹ Uma falsa consciência seria capaz de levar tantos indivíduos a colocarem em risco suas vidas e de seus filhos, abandonarem seus bens, abrirem mão da convivência com parentes e amigos, declararem como inimigos antigos vizinhos que não compartilhavam de suas crenças?

Em relação à permanência de algumas representações, datadas do início do século sobre os sertanejos, percebemos que Maurício Vinhas de Queiroz, embora assuma um discurso bastante relativizante e enfatize os aspectos culturais daqueles que estiveram envolvidos no conflito, ainda não rompe com uma dicotomia muito presente entre os intelectuais na virada do XIX para o XX, que situava em lugares opostos letrados e iletrados. Essa questão é perceptível quando o sociólogo afirma que o messianismo é uma revolta alienada que “confia na transfiguração supranaturalística do mundo”, negando completamente a realidade, compreendida como satisfação dos mínimos vitais.

O autor acredita ainda que os sertanejos do Contestado “acordaram do sonho” quando perceberam as vicissitudes da guerra, passando por uma “desalienação” que os teria levado a formular reivindicações de teor secular. Ao final

¹⁷ QUEIROZ, op. cit., p. 13-14.

¹⁸ Ibid, p. 13, 14 e 249.

do Movimento, no entanto, com a dissolução da solidariedade comunal e o acirramento das tensões internas, o Movimento teria sofrido “uma espécie de regressão no sentido do autismo”, inserindo-se, portando, no terreno da patologia social.²⁰ Essa caracterização dos sertanejos, de suas ações vinculadas à doença, não constituiria uma permanência do pensamento do início do XIX, representado sobretudo pela figura de Nina Rodrigues? A atribuição de doença aos movimentos sertanejos representam, a nosso ver, uma permanência e demonstram uma interiorização de um conjunto de referências culturais que evidenciaram a necessidade de classificar e localizar o outro.²¹

Para o sociólogo, a idealização monárquica pode ser considerada um sonho, um momento de alienação interrompido pelas agruras da guerra e pela percepção da morte, responsável por trazer os sertanejos de volta para a realidade. Essa separação, entre real e irreal, conforme Bronislaw Baczko, corresponde a uma tradição intelectual racionalista que se consolidou em meados do século XIX, perpassando todo o século XX. O livro de Vinhas de Queiroz, publicado em 1966, conserva características oriundas desse momento em que a ciência e a razão, noções apropriadas em seu extremo, tornaram possível o desprezo e o esquadramento dos costumes e do modo de vida alheios ou estranhos, fator que “conjugava-se perfeitamente com o sonho colectivo de uma sociedade e de uma história finalmente transparentes para os homens que as constituem.”²² Nesse sentido, a operação científica servia como fio condutor para desvendar a história, desmistificar o que estava oculto, buscar a lógica para aquilo que não tinha explicação no interior de uma concepção racionalista do homem e da sociedade.

Essas reflexões visam demonstrar que, mesmo entre os estudos acadêmicos realizados sobre o Movimento do Contestado a partir da década de 50, ainda permaneceu uma insistência em se incluir o outro num espaço caracterizado dentro da anormalidade. Os sertanejos eram diferentes não somente pela sua singularidade

¹⁹ Essa questão é apontada por GALLO, Ivone Cecília D’Avila. **O Contestado: o sonho do milênio igualitário**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999, p. 13.

²⁰ Ver QUEIROZ, op. cit., p. 252-255.

²¹ Segundo Jacqueline Hermann a atribuição de loucura e doença aos movimentos sertanejos, ganhou legitimidade a partir da publicação da obra *Loucura Epidêmica*, do médico baiano Nina Rodrigues, em 1897. O livro, tinha por objetivo explicar as origens da loucura coletiva que teria conduzido os sertanejos de Conselheiro à formação de Canudos. HERMANN, op. cit., p. 128-137.

²² BACZKO, op. cit., p. 297.

cultural, mas pelas características que os tornava “autistas”, um caso de patologia social.

Muitos trabalhos posteriores buscaram dar conta de questionar esse posicionamento racionalista frente às crenças e ao imaginário dos homens comuns, fazendo emergir reflexões que priorizaram os aspectos fundamentais na concepção de mundo dos habitantes dos sertões. Portanto, em uma vertente que respeita o olhar daqueles que romperam com uma determinada história, a espera do messias e de São Sebastião com seus mil cavaleiros, a idealização monárquica, a crença na vitória fizeram parte da realidade dos sertanejos tanto quanto a guerra, as mortes e as doenças. O próximo texto que apresentamos seguiu esse caminho de análise.

O terceiro trabalho que abordaremos neste item, do sociólogo Duglas Teixeira Monteiro, é apontado como um dos mais analíticos sobre o Movimento. Em *Errantes do novo século*, o autor apoia sua reflexão na sociologia da religião, intencionando analisar o comportamento social do grupo sertanejo durante o Movimento do Contestado, partindo de uma visão interna, segundo o autor, uma vez que “um acesso privilegiado para a interpretação é dado pelo universo de significados elaborado pelos que a enfrentam.”²³

As expressões “desencantamento do mundo” bem como “reencantamento”, tornaram-se conhecidas daqueles que se voltaram para a temática do Contestado, devido à obra deste autor. Conforme Monteiro, desencantamento refere-se à ruptura da estrutura vigente entre os sertanejos, que estaria vinculada à própria crise do coronelismo na região e à penetração das empresas capitalistas ocupando diversificados ramos de trabalho, o que teria ocasionado o rompimento entre o consenso e a coerção e teria levado ao conflito propriamente dito. Antes disso ocorrer, o autor acredita que existia uma estratificação das relações sociais, baseada em normas tradicionais onde as representações materiais e simbólicas caminhavam juntas e cuja unidade encontrava-se no fator religioso. “Sua estabilidade é mantida pela junção entre um

²³ MONTEIRO iniciou sua pesquisa sobre o Movimento do Contestado dez anos antes da publicação do seu livro. Para uma pequena biografia do autor ver: GALVÃO, Walnice Nogueira. Duglas Teixeira Monteiro, um intelectual a contracorrente (1926-78). **Sexta-feira**: utopia. São Paulo: Editora 34, n. 6, 2001, p. 189-198.

consenso que encobre os aspectos coercitivos e uma coerção que garante a continuidade consensual”.²⁴

Essa crise, esse desmoronamento das relações existentes entre os habitantes do local, ocasionadas pelas mudanças que apontamos acima, teria levado os sertanejos a um reencantamento do mundo – propiciado a partir dos valores ameaçados por essa crise. Os consensos foram elaborados, deste momento em diante, enquanto a coerção foi sancionada por elementos mítico-religiosos. Para a compreensão do Movimento, na opinião do autor, é fundamental entender a forma como essa nova realidade foi pensada e consolidada pelos sertanejos.²⁵

Apesar de seu trabalho ser considerado um dos mais importantes por aqueles que estudam o tema, recentemente, Duglas Teixeira Monteiro foi criticado em sua análise por priorizar, como motivo da eclosão do conflito, a crise do mandonismo local e a inserção das empresas capitalistas no território contestado. Segundo Ivone Gallo, essa explicação constitui uma necessidade racionalista “de tipo acadêmico”. Seu livro *O Contestado: o sonho do milênio igualitário* – historiograficamente não muito convencional – caracteriza-se por inúmeras problematizações, questionando o posicionamento de Duglas Teixeira Monteiro, a partir da afirmação de que o universo cultural dos sertanejos era completamente diferente do qual temos hoje na academia.²⁶ Assim sendo, como poderiam ter empregado, na interpretação dos seus problemas, essa mesma lógica, relacionada à crise no sistema de parentesco ou ao início de novas relações de trabalho?

Apesar de ser alvo de algumas críticas, Monteiro foi o primeiro estudioso do Contestado a fazer considerações a respeito das análises que seguiram o caminho do determinismo do meio e da raça. Segundo o sociólogo, as explicações sobre o Contestado, caracterizaram-se

Pelo emprego de explicações que recorrem a poderosos determinismos geográficos ou biológicos na análise dos “fanatismos” religiosos brasileiros. Na vigência dessa voga, falava-

²⁴ MONTEIRO, *Os errantes...* p. 13

²⁵ *Ibid.*, p. 13-15.

²⁶ Para desenvolver seus argumentos, Ivone Gallo lança mão de uma reflexão em torno de alguns elementos presentes no imaginário do sertanejo do Contestado, como o Apocalipse de São João e a noção de monarquia. Ver GALLO, Ivone Cecília D’Ávila. *O Contestado e seu lugar no tempo. Tempo*. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 6, n. 11, p. 143-156, jul. 2001 e _____, *O Contestado: o sonho...*, op. cit. p. 14 et. seq.

se nas condições da terra, no clima, na composição étnica das populações envolvidas. Ou então, de modo menos generalizador, na ocorrência de “loucuras” ou “delírios coletivos”.²⁷

A utilização dos opostos sertão e litoral, elementos fundamentais no pensamento social até a década de 1930, também foram apontadas por este autor como princípios existentes nos estudos sobre esse tipo de conflito:

A partir de um certo ponto da evolução das reflexões a respeito da cultura brasileira, começam a surgir explicações que, abandonado o recurso às causas naturais, tentam identificar condições históricas, sociais e culturais. Esse surtos revelariam o abismo cultural entre o sertão e o litoral: símbolos de duas civilizações e de dois brasis. Um deles, eventualmente apresentado como autêntico e pouco conhecido o outro, postigo e europeizado.²⁸

Além de indicar as dificuldades relativas à utilização de conjuntos de termos opostos no estudo sobre o Movimento, o sociólogo aponta algumas características presentes nessas abordagens, como o desconhecimento e a autenticidade atribuída àqueles que viviam no sertão, bem como, à ausência desta última condição entre os moradores do litoral, questões que ganharam bastante importância nas narrativas que pensaram o Brasil, nas primeiras décadas do século XX. Portanto, entre os autores citados até o momento, Monteiro foi o que, mais detidamente, teceu considerações referentes ao nosso objeto de estudo.

De forma geral, os três autores abordados até o momento, todos sociólogos, indicam um problema estrutural, que teria ocasionado o conflito armado. Sustentando suas argumentações, privilegiam algumas variáveis econômicas, seja para indicar que os líderes messiânicos não eram culturalmente atrasados, ou para explicar o esfacelamento das relações de compadrio.²⁹ O que nos interessa, mais especificamente, dentro desses textos, consiste na verificação de que os apontamentos referentes aos termos sertão-litoral como representações opostas e utilizadas para a compreensão do Movimento do Contestado, foram levantadas há pelo menos meio século, sem que nenhum desses autores tenha se detido, de forma mais detalhada, sobre essa temática.

²⁷ MONTEIRO, *Os errantes...* p. 13.

²⁸ *Ibid.*, p. 12.

²⁹ Conforme Ana Maria Burmester, essa perspectiva de análise histórica, que reincidia sobre conceitos explicativos do capitalismo, teve maior campo durante os anos de 60-70. BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A (des)construção do discurso histórico: a historiografia brasileira dos anos 70.** Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 103.

Não nos interessa neste trabalho, analisar a permanência desse pensamento entre autores mais contemporâneos, mas sim, utilizar a persistência de algumas dessas premissas no questionamento dos pressupostos que lhe deram origem e resgatar algumas reflexões realizadas a respeito.

2.2.2 Olhares de permanência

Embora a partir da década de 50, alguns autores questionem a perspectiva de análise sobre o Contestado que privilegiou a distância sócio-cultural entre litoral e sertão, essas idéias ainda perduraram nos escritos sobre o tema. Em 1966, Osny Duarte Pereira publicou um artigo em comemoração ao cinquentenário do Contestado na revista *Civilização Brasileira*, enfatizando que os camponeses encontravam-se em estado de “ignorância e de miséria e visitados também por monges, ascetas, curandeiros andarilhos, meninos-prodígios e outras criaturas dessa categoria, aptas para desencadear o fanatismo religioso.”³⁰ Para ele, os sertanejos eram uma “gente analfabeta, obrigada a uma vida primitiva, quase igual à do homem das cavernas, dirigida pelos seus curandeiros e “puxadores’ de têrço que os reuniam nas toscas e pobres capelas, levantadas em geral pelo bodegueiro vendedor de cachaça.”³¹

A referência a esse autor torna-se interessante, devido ao fato dele estar escrevendo um texto, não somente em comemoração ao aniversário do conflito, mas também, de apresentação da obra de Maurício Vinhas de Queiroz, *Messianismo e conflito social*. Como já apontamos, o livro de Vinhas de QUEIROZ, apesar de em alguns momentos se referir à idéia de patologia social, procurou romper com alguns preconceitos em relação aos sertanejos e ao papel exercido pelos monges. Essas questões, não foram apropriadas por Pereira, que reproduziu, de forma bastante evidente, um discurso característico das primeiras décadas do século XX.

Segundo o seu olhar, os sertanejos, pacíficos, humildes, dóceis, repentinamente se tornaram desafiadores, audazes, destemidos “de uma resistência física inesperada, estrategistas inigualáveis e capazes das mais surpreendentes

³⁰ PEREIRA, Osny Duarte. O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado Paraná-Santa Catarina. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 9/10, p. 235-246, set./nov., 1966, p. 237.

³¹ *Ibid.*, p. 242.

ações.”³² A “massa esfarrapada, faminta e oprimida” estaria agindo, por meio dos instintos e de uma intuição inexplicável, devido à ignorância. Entretanto, de forma bastante diferenciada de Maurício Vinhas de QUEIROZ, este autor, ao mesmo tempo em que credita as práticas dos sertanejos à sua ignorância, delega o papel de heróis aos soldados, os quais enfatiza serem bravos e idealistas.

De forma um tanto quanto messiânica, defende a perspectiva de que o intelectual possui um importante papel no processo de mudança social, enfatizando a necessidade de se “esquadrinhar os fenômenos, sua etiologia e seus prognósticos”, compreendendo que assim, poderia evitar os males que acometem a sociedade. Dessa forma, a partir do conhecimento dos fatos passados, poderíamos, em sua opinião, planejar e organizar o futuro.³³ Além dessa perspectiva utópica em relação ao papel do intelectual, defende a idéia de que uma comparação entre a Guerra Sertaneja do Contestado e a Campanha de Canudos está por ser escrita. Neste sentido, seu objetivo consiste em compreender em que medida os dois movimentos se assemelham e se diferenciam. Para isso, segundo ele, seria necessário realizar o mesmo estudo que se fez com Canudos.³⁴

Esse texto, utilizado como exemplo, nos permite verificar que mesmo após a publicação das obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz e de Maurício Vinhas de Queiroz, ainda persistiram análises onde o modo de vida sertanejo foi compreendido de forma estereotipada e preconceituosa, mesmo com esses sociólogos constando na bibliografia. Assim, percebemos que, se por um lado encontramos uma superação de posições estigmatizantes quanto àqueles que moravam no campo e viveram nos redutos sertanejos, por outro, diversos aspectos continuaram presentes, marcando amplamente a alteridade, enfatizando e nomeando as diferenças, muitas vezes apresentadas com outra roupagem, mas demonstrando a permanência de uma necessidade de classificar o outro, indicando-lhe adjetivos que nomeiam seu lugar e suas atitudes.

³² Ibid., p. 244.

³³ Ibid., p. 245.

³⁴ Ibid., p. 237.

2. 2. 3 A perspectiva da esquerda

Todas as versões sobre o Movimento, constituem o universo imaginário referente a este acontecimento do passado. Nessas representações, o Movimento do Contestado foi definido, designado, delimitado. O que sabemos sobre ele hoje, ainda que informados pelo senso comum, vem da confluência ou divergência desses olhares. Vem das construções imagéticas que esses autores nos relegaram a partir de suas obras. Acredito ser sempre importante lembrar, que devemos observar o lugar e o contexto em que esses textos foram pensados, pois da mesma forma como ocorre com as fontes, a bibliografia está inscrita em um processo sem o qual ela não poderia ter sido concebida.

Por isso, é importante enfatizar que, quanto aos historiadores, foi somente a partir da década de 90 que encontramos trabalhos significados do ponto de vista analítico sobre o conflito. Desde então, os historiadores que pensaram o Contestado, vêm refletindo sobre as narrativas e os termos recorrentes utilizados na constituição de um pensamento sobre o Movimento do Contestado, principalmente no que se refere as primeiras décadas do século XX. A apropriação de categorias como sertão-litoral, sertanejo, pátria, entre outros, foram postos em xeque por alguns desses autores, que questionaram a legitimidade desse discurso. Ainda assim, esses trabalhos não tiveram como objetivo central analisar as narrativas sobre o Contestado em sua relação com o pensamento social do período, dispensando-se a essa temática poucas páginas relativas ao total das obras. Tentando levantar as discussões já estabelecidas sobre essa questão, apontaremos as indicações desses autores quanto às imagens criadas sobre a população que participou do Movimento e sobre os elementos que formaram esse pensamento, como a dicotomia sertão-litoral.

O primeiro autor que abordaremos aqui, Eloy Tonon, realizou um trabalho privilegiando as estruturas políticas que influenciaram a eclosão do Movimento, partindo para a perspectiva da luta pela terra. Apesar da atualidade de seu texto, sentimos a carência de uma maior especificação em relação a alguns apontamentos históricos, os quais são abordados de forma superficial ou absoluta, levando ao determinismo do político, sem considerar importantes trabalhos que levantaram hipóteses e questionaram visões anteriores, buscando resgatar o universo simbólico

e religioso do Movimento. Isso ocorre quando, por exemplo, o autor afirma que “A expropriação e expulsão dos sertanejos de suas posses levam-nos ao encontro das irmandades místicas”.³⁵ Ainda na década de 70, Douglas Teixeira MONTEIRO, propôs outras alternativas, tentando dar conta da explicação do surgimento das irmandades. Segundo ele, o advento do capitalismo e a crise do sistema de compadrio teriam ocasionado a reunião desses indivíduos.³⁶ Particularmente, acredito que não podemos atribuir a construção das *Cidades Santas* somente à expulsão dos sertanejos de suas terras, uma vez que esses indivíduos viviam diferenciadas relações no interior de sua sociedade, sendo que diversos aspectos podem ser levantados quando nos reportamos à constituição das irmandades religiosas. Ao atribuímos essa criação à expulsão da terra, estaríamos deixando de considerar os aspectos simbólicos do movimento, no qual não é possível separar a questão fundiária do universo cultural e imaginário vivido pelos moradores do interior catarinense e paranaense. Pensando que um fator levaria a outro (a questão da terra levou à questão religiosa) estaríamos caindo na velha armadilha da causa-consequência.

Outra questão defendida por Tonon e que já deixou de ser ponto de impasse na própria historiografia, refere-se ao fato do autor buscar definir os sertanejos como vítimas dos acontecimentos: “Os sertanejos, além de excluídos do pacto associativo entre o mandonismo regional e local com o capital transnacional, foram manipulados e explorados, pelas novas relações políticas”³⁷, ou ainda “Excluído, marginalizado, abandonado, violentado, o sertanejo perambula de um lado a outro do território que lhe pertencera de fato”³⁸. Concordamos com o autor quando este afirma que os moradores do interior catarinense receberam, de forma inesperada, diversas mudanças, tanto políticas quando econômicas e sociais, o que não nos autoriza afirmar que eles foram vítimas das circunstâncias, já que não se deixaram explorar ou manipular como quer o autor. Uma vez sentidas as transformações, eles se posicionaram contrariamente a elas, indicando que também são responsáveis pela sua história. Se a sociedade cria os indivíduos, é somente por eles que ela pode ser

³⁵ TONON, Eloy. **O Contestado**: uma interpretação da rebeldia sertaneja. União da Vitória, 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, p. 12.

³⁶ MONTEIRO, **Os errantes...**, op. cit., p. 13-14.

³⁷ TONON, op. cit., p. 34.

efetivamente. Ela só pode ser pensada por si própria, a partir dela própria. Os indivíduos são a sociedade, portando sociedade e indivíduos se alteram juntos. É sobre o que já estava instituído que esses homens puderam transformar. Antes das mudanças que surgiram com a chegada das empresas ferroviárias e de todo o aparato que acompanhou a idéia de modernidade, nada poderia ser feito, pois era a sociedade que haviam construído, e, para eles era dotada de significações. Somente quando esse sentido social foi rompido e suas significações imaginárias foram confrontadas, eles puderam pensar em algo diferente, que novamente pudesse significar.³⁹

Essa representação, que delega o Movimento do Contestado à luta pela terra, talvez seja a que mais se estabeleceu na memória sobre o conflito. Confrontando diversos caminhos adotados pela historiografia sobre o tema, acredito, entretanto, que a questão da terra não pode ser considerada o elemento aglutinador da população nem mesmo o motivo pelo qual os sertanejos se reuniram. Constitui, entretanto, mais um elemento para a compreensão do conflito. É importante apontar ainda que, embora tenham surgido outras perspectivas de análise historiográficas, a vertente marxista ainda é bastante recorrente na explicação do Movimento do Contestado como podemos observar a partir das obras de Eloy Tonon e Paulo Pinheiro Machado. Deixando de lado arguições que busquem a defesa de tal ou qual caminho, acreditamos que o mais importante ao analisarmos o Movimento do Contestado ou qualquer outro objeto, seja o cuidado com generalizações e afirmações absolutas, que incorrem sempre em superações pelo surgimento de outras formas que explicação. A representação da terra, para o movimento, partindo dessas premissas, torna-se bastante válido desde que não seja considerado como o denominador comum, mas sim como uma possível representação sobre o conflito em meio a muitas outras, caso contrário, corremos o risco de assumir novos preconceitos em relação ao nosso objeto de estudo.

Embora argumente que os problemas agrários eram sérios na região contestada, Paulo Pinheiro Machado realiza uma reflexão mais sensível do ponto de vista do universo sertanejo, ao inferir ao lado da questão de terras outros elementos

³⁸ Ibid., p. 184.

³⁹ CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 121 et seq.

fundamentais, como a religiosidade, por exemplo, que constituía o modo próprio de viver daqueles que se revoltaram. O autor enfatiza ainda que nem mesmo para efeito didático podemos separar a questão religiosa da crítico-social.⁴⁰ Indica também, como pontos fundamentais na questão agrária que repercutiu no Movimento do Contestado, dois fatores: a legislação republicana e a chegada da empresa *Brasil Railway Company*.⁴¹

Essa explicação é fornecida por Paulo Pinheiro Machado que, partindo da experiência dos sertanejos, realiza uma reflexão utilizando o referencial teórico fornecido pela nova esquerda inglesa. Para ele, o Contestado constituiu um “episódio importante na história da luta de classes no Brasil”.⁴² Por meio dessas colocações, o autor constrói um texto bastante relativizado, pois contrapõem diferentes informações e fontes, tendo como objeto principal de análise o papel exercido pelas lideranças sertanejas no Movimento.

Em relação à questão que mais nos interessa para esse trabalho, o imaginário social do período e as noções que dele fizeram parte durante as primeiras décadas do século XX, Paulo Pinheiro Machado chama atenção para os problemas decorrentes da comparação entre movimentos messiânicos ou milenaristas e tece uma crítica referente à idéia de isolamento, geográfico ou social, tão corrente naquele período, mas que permaneceu entre vários narradores da nacionalidade até meados do XX.⁴³ Segundo este autor, a população da região onde ocorreu o conflito, não vivia isolada, já que se tratava de um local caracterizado por atividades

⁴⁰ MACHADO, op. cit., p. 6.

⁴¹ A partir de 1908, a empresa norte-americana *Brazil Railway Company* iniciou a construção da estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Além da construção da ferrovia, a empresa recebeu ainda uma concessão do governo federal, para explorar e vender as terras que margeavam a estrada de ferro (15 km de cada lado), expulsando posseiros e explorando a madeira, através de uma afiliada *Southern Brazil Lumber and Colonization Co*. Em pouco tempo, essa empresa controlava diversas redes ferroviárias no país, além de dispor de armazéns, frigoríficos, indústrias de papel, empresas de pecuária, entre outras. Apesar do responsável pela empresa no Brasil ser o norte-americano Percival Farquhar, ela também contava com capital inglês e francês. Ver QUEIROZ, op. cit., p. 69-74 e MACHADO, op. cit., p. 133-148.

⁴² *Ibid.*, p. 17. Seu trabalho, caracteriza-se por um amplo levantamento de fontes documentais, contanto inclusive com entrevistas orais, além de questionamentos e discussões relevantes sobre diversos aspectos apontados pela bibliografia sobre o Movimento.

⁴³ Segundo Nisia Trindade Lima, alguns pressupostos da análise do Brasil e dos brasileiros, existentes no final do XIX e início do XX, existiram até 1964. O homem do interior constitui um desses objetos privilegiados de estudo. LIMA, op. cit., p. 14.

mercantis e tropeiras, ao contrário de algumas comunidades litorâneas catarinenses que “viviam em maior isolamento que a população do planalto.”⁴⁴

Acredito que devemos relativizar a idéia de isolamento das populações sertanejas. Se é fato que elas não participaram das decisões políticas que envolveram o país, pelo menos a nível formal, por outro lado é exagero afirmar que não tinham noção dos acontecimentos nacionais. Assumindo essa postura, corremos o risco de reproduzir um discurso vigente no período, que atribuía o atraso das populações sertanejas ao seu isolamento. A atitude de colocá-las fora do plano da política do país, acionando a idéia de distância, também foi uma maneira de legitimar o domínio sobre as mesmas, construindo a representação de que agiam de forma inconsciente.

Ao analisar as formas de vida no mundo rural, Maria Cristina Wissenbach chama atenção para a necessidade dessa relativização, uma vez que a produção de alimentos e utensílios nas comunidades rurais, muitas vezes, abasteciam as cidades, sendo vendidos em feiras, nas ruas e principais mercados de grandes centros urbanos “gerando uma intensa movimentação e atividades que as autoridades procuravam a muito custo controlar.”⁴⁵ Além disso, existiam os caminhos que ligavam as cidades bem como as estradas de ferro que foram construídas na virada do XIX para o XX, servindo como via de comunicação.⁴⁶

Além dos caminhos, como bem apontou Wissenbach, a estrada de ferro também pode ser considerada, para a população do Contestado, uma via de comunicação com outras regiões do território sulino. Mais que isso, ela constitui, na perspectiva de algumas representações sobre o Movimento, a forma como a modernidade pôde ser sentida pelos moradores do local, principalmente, por meio de todo o processo de instalação da estrada de ferro ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul e cortando, dessa forma, o território do Contestado.

Devemos levar em consideração, no caso da população sertaneja que participou desse Movimento, que nem todos os moradores do interior ficaram alheios a uma educação formal ou ignoravam as transformações que ocorriam no país. Até

⁴⁴ MACHADO, op. cit., p. 17.

⁴⁵ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil** – v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 62.

⁴⁶ Id.

o final do século XIX, os fazendeiros e pequenos sitianteiros possuíam uma condição material de vida semelhante. Entretanto, também corresponde a essa época o momento em que os maiores fazendeiros de Lages, por exemplo, enviaram seus filhos para estudarem no Rio Grande do Sul, o que possibilitou que fundassem jornais e teatros “procurando copiar os costumes das grandes cidades”.⁴⁷ Outra questão importante, refere-se à idéia da população interiorana estar alheia às mudanças que ocorriam na capital. Segundo Paulo Pinheiro Machado o tropeirismo “criava um ambiente de permanente ligação do planalto com outras regiões. A população do trabalho não vivia em isolamento num sertão distante, estava ligada por laços de trabalho, parentesco e solidariedade a outras comunidades mais distantes, e era freqüentemente informada dos últimos eventos políticos das províncias vizinhas.”⁴⁸

A questão do isolamento, portanto, foi uma perspectiva que encontrou seu lugar-comum nas narrativas sobre o Contestado no início do século XX. Não somente entre os escritos sobre esse acontecimento, o elemento “isolamento” foi bastante recorrente também no pensamento social brasileiro do último século, quando os narradores da nacionalidade se referiam ao morador do espaço interior ou do oeste brasileiro.

Além do fator isolamento, Machado também aponta o fato de que, nas fontes sobre o Contestado, prevaleceu a idéia de “um Brasil rural, atrasado, supersticioso, bruto e ignorante, tendo que ser reprimido pelas forças militares, representantes da ordem, da civilização, do progresso e da ciência.”⁴⁹ Segundo este autor, os militares tinham presente a experiência de Canudos, apropriada por meio de *Os Sertões*, dando origem a um olhar dualista sobre o país.

2.2.4 Outras perspectivas: a cultura e a modernidade

Mesmo após a Proclamação da República, persistiu entre camadas sociais populares, principalmente as rurais, uma espécie de saudosismo monárquico. A presença de um ideal monarquista entre os rebeldes, foi um tema de controvérsia e

⁴⁷ MACHADO, op. cit., p. 68.

⁴⁸ Ibid., p. 67-70.

⁴⁹ Ibid., p. 32.

discussão no período e tem sido retomado pelos estudiosos do Contestado, de forma não menos polêmica. Em interessante trabalho de dissertação, que inaugura uma nova forma de análise sobre o Movimento, apoiado em pressupostos da história cultural, Márcia Janete Espig aponta as divergências existentes quanto à presença da noção de monarquia durante o conflito, ao tratar a respeito da presença da literatura carolíngia entre os sertanejos.⁵⁰ A autora apoia a idéia, presente também nos trabalhos de Maurício Vinhas de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro, de que o monarquismo no Contestado esteve muito mais atrelado às transformações que se processaram naquela sociedade, enaltecendo o saudosismo de um tempo passado e o idealismo de uma realidade futura, associados ao sentimento religioso, não se tratando, portanto, da instalação de um regime de governo em oposição a outro. Ou seja, a “lei de deus” era para os sertanejos “uma coisa do céu” enquanto a República representava a “lei do diabo”.⁵¹ Estava muito mais relacionado ao rompimento do presente, representado pelos poderes oligárquicos, governamentais e empresariais, de forma que a monarquia que desejavam não era a do passado, mas a do futuro.

Em relação à questão que nos interessa para esse trabalho, Espig, ao se referir à noção de sertão, presente em diversas análises sobre o Movimento, critica o fato da generalização que ocorre nessas teorias, ao tomarem para explicação hipóteses correspondentes para todo o território nacional, não se considerando especificidades sociais e culturais, “igualando manifestações culturais, representações e imaginários de grupos humanos diferentes entre si.”⁵² Nesse sentido, observar os olhares que se voltaram para o Contestado, legitimando a idéia de sertão para essa parte do território brasileiro, torna-se fundamental para compreendermos alguns rumos tomados pelas narrativas que pensaram a nacionalidade.

Muito mais que uma questão de luta pelas terras, como muitos já afirmaram, o movimento do Contestado foi uma resposta da população local às transformações que ocorreram na virada do século XIX para o XX, tanto nas relações pessoais – de fidelidade, entre coronéis, agregados e posseiros – bem como nas mudanças que

⁵⁰ ESPIG, **A presença...**, op. cit.

⁵¹ Cf. MONTEIRO, **Os errantes...**, op. cit., p. 109. No terceiro capítulo deste trabalho daremos uma ênfase maior à questão monárquica no Contestado. Sobre esse assunto ver: AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001. ESPIG, **A presença...**, op. cit., e GALLO, **O Contestado: o sonho...**, op. cit.

se operaram a nível nacional, nos poderes estaduais e regionais, nos círculos do poder político, administrativo e econômico, onde as oligarquias se tornaram mais poderosas em detrimento dos poderes locais.⁵³ Alguns autores, levantando essas transformações, atribuíram o Movimento do Contestado à inserção da modernidade no Brasil.

Esta foi a tese central do trabalho de Susan de Oliveira, chamado *Contestado: visões e projeções da modernidade*.⁵⁴ A autora, aborda aspectos relacionados ao imaginário moderno, buscando as principais representações que permearam a compreensão sobre o Movimento durante a primeira metade do século XX.⁵⁵

Susan de Oliveira, foi a autora que mais detalhadamente observou aspectos referentes ao imaginário do início do século XX em sua relação com o pensamento social voltado para os movimentos rurais. Segundo ela, Canudos foi uma experiência apreendida pela intelectualidade urbana, em relação à forma como as populações nativas se defrontaram com a modernidade. Constituindo um vasto campo de referências, inúmeras imagens e interpretações foram elaboradas por esse movimento paradigmático, principalmente por meio da figura de Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*.⁵⁶

Compara essa produção de imagens/textos que surgiram posteriormente à Canudos, ao Movimento do Contestado, indicando que para esse segundo conflito, também houve uma disseminação como memória, propiciada por meio da criação de textos acadêmicos, institucionais, orais, de uma poética popular, de imagens iconográficas, etc. Nesse ponto discordamos da autora, pois se houve uma busca pela construção de uma memória sobre o evento, ela ficou restrita ao estado catarinense. No Paraná, por exemplo, não encontramos essa proliferação de textos/imagens referentes ao Movimento, a não ser pela existência de algumas obras literárias (incluindo uma peça de teatro) e de poucas referências

⁵² ESPIG, **A presença...** op. cit., p. 18

⁵³ MONTEIRO, Um confronto..., op. cit., p. 38-92.

⁵⁴ OLIVEIRA, **Contestado...**, op. cit.

⁵⁵ Embora esse texto seja rico no sentido de fornecer os elementos que estiveram presentes no imaginário moderno do período, a autora peca ao analisar com os mesmos procedimentos obras de período posterior e de cunho ficcional, além de cometer alguns erros relacionados à eventos datados, como, por exemplo, quando considera a questão de limites entre Paraná e Santa Catarina ser a mesma que envolveu a Argentina.

⁵⁶ OLIVEIRA, **Contestado...**, op. cit., p. 85.

acadêmicas.⁵⁷ Na capital paranaense, diferentemente do que ocorre em Santa Catarina, não prevaleceu uma memória do conflito, nem por meio de uma poética popular, nem mesmo a nível de senso comum.

A autora também aponta aspectos relevantes quanto à necessidade, por parte dos narradores do Contestado, da existência de uma figura euclidiana, enfatizando que a comparação com Canudos teria transformado a Guerra do Contestado “em um episódio menor nas páginas da historiografia brasileira. (...) Ler o Contestado a partir da comparação com ‘Canudos’ tem se constituído, muitas vezes, num movimento mimético de argumentação do fanatismo religioso, numa mera repetição da história como determinante do ethos sertanejo.”⁵⁸ É sobre esse movimento e as suas especificidades que trataremos nos próximos capítulos, buscando mostrar esses olhares que tentaram encontrar Euclides da Cunha onde ele não esteve e que procuraram Canudos, onde existia o Contestado.

A presença euclidiana entre os narradores da nacionalidade também é apontada por Marilene Weinhardt no sentido de sempre estar presente nas análises que observam confrontos entre a civilização e a barbárie. Segundo esta autora, em relação à obra *Os Sertões*, evidencia-se a hegemonia do discurso em detrimento do fato e, se por um lado ele ilumina, “indicando o caminho da denúncia quanto ao caráter destruidor da ação civilizatória”, por outro projeta sombra sobre outros textos, incluindo-se aí aqueles referentes ao Movimento do Contestado.⁵⁹

No terceiro capítulo deste trabalho, concentrarei minha análise nas narrativas militares e em sua relação com os elementos constituintes do pensamento social do início do século XX. Para isso, dialogarei bastante com o trabalho de Rogério Rosa Rodrigues,⁶⁰ o qual está voltado para uma perspectiva de análise da participação militar no conflito, tomando como fontes os livros e artigos publicados por esses indivíduos que estiveram presentes no palco dos acontecimentos. Rodrigues levanta

⁵⁷ Segundo Marilene Weinhardt pairou um silêncio referente aos romances literários que tiveram o Movimento do Contestado como temática principal. Muitas vezes injustificado, na opinião da autora, o silêncio referente a estas obras demonstraria que “a consciência sobre os ‘crimes da nacionalidade’ é perversa a ponto de não permitir que suas figurações atinjam proporções de atos culturais perturbadores”. WEINHARDT, op. cit., p. 16-18.

⁵⁸ OLIVEIRA, **Contestado**..., op. cit., p. 87-88.

⁵⁹ WEINHARDT, op. cit., p. 16-17.

⁶⁰ RODRIGUES, Rogério Rosa. **Os sertões catarinenses**: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado. Santa Catarina, 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

questões importantes no que concerne ao modo de pensar e aos caminhos seguidos pelo exército durante os combates entre sertanejos e forças militares, relacionando essas reflexões com as representações erigidas pelos militares que narraram o Contestado.

Ao apontar a mobilização dos símbolos empregados pelos militares, enfatiza as tentativas destes de justificar a ação no *front*, tanto para a sociedade civil quanto para os próprios militares envolvidos no conflito. Indica ainda, a importância da obra euclidiana, ao chamar a atenção para o fato das narrativas militares estarem inseridas no campo literário-político do início da República e marcarem, da mesma forma como os escritos intelectuais, a desilusão frente ao novo regime. Segundo este autor, os militares que escreveram sobre sua atuação no Movimento do Contestado, foram estimulados e inspirados por *Os Sertões*. Nestes discursos também identifica representações recorrentes, envolvendo concepções maniqueístas da sociedade brasileira, porém, detém sua atenção às agruras vivenciadas pelos soldados no palco do conflito e às dúvidas e incertezas que marcaram a ação militar.⁶¹

Acredito assim que, diferentemente do trabalho deste autor, as narrativas militares podem ainda ser exploradas de forma mais específica, em sua relação com o pensamento social do período e com as angústias dos intelectuais que pensaram o Brasil e os brasileiros no início do XX.

2.3 Algumas hipóteses e uma proposta de pesquisa

A partir dos trabalhos comentados, percebemos que a mesma lógica de análise que serviu para a interpretação de Canudos também foi utilizada, em diversos momentos, para classificar os sertanejos do Contestado, bem como o evento. Na manutenção dessa alteridade (bárbaros *versus* civilizados), os dois movimentos se encontram novamente, como tantos outros que datam mais ou menos da mesma época. Não podemos aproximá-los como movimentos inscritos em um determinado lugar na história. São acontecimentos únicos, que envolveram pessoas de carne e osso. No entanto, eles se aproximam em diversos textos, devido

⁶¹ Ibid., p. 29-35.

ao poder figurativo e, até certo ponto, autônomo que o texto euclidiano assumiu em relação ao Movimento de Canudos. Essa circulação de imagens/representações de um evento pelo outro ocorreu, não somente na aproximação dos dois conflitos, mas devido ao fato do discurso euclidiano fortalecer noções que se tornaram ponto de partida para a compreensão do homem brasileiro e que foram utilizadas por diversos pensadores sociais do período.

Ao definir o sertanejo, diversos indivíduos demonstraram que não somente os homens do campo possuíam uma utopia. A utopia da modernidade fez-se sentir por meio da repressão dirigida àqueles que com ela não concordavam. Essa repressão, não se expressou somente por meio do ataque físico, através de armas, aviões e pólvora. Ela se fez sentir, principalmente, por meio das significações imaginárias da sociedade, ou seja, propriamente no pensar o outro e a si mesmo. Conforme sugeriu Castoriadis “as irrupções do mundo bruto serão signos de alguma coisa, interpretados e exorcizados. (...) Os outros serão colocados como estranhos, selvagens, ímpios...”⁶² Destituindo o caráter político de sua fala, de suas ações e, fundamentalmente, de suas crenças e objetivos, o imaginário republicano definiu o outro, bem como o lugar que o caracterizou como tal. Resta-nos indagar: Quais foram os grupos que criaram essas representações? São elas homogêneas ou cada qual construiu uma “verdade” singular às outras? Qual a posição ocupada por aqueles que definiram o homem e o lugar do Contestado? O sertão do Contestado, tantas vezes mencionado nos textos sobre o Movimento, pode ser igualado aos outros sertões brasileiros? Conhecer os caminhos seguidos por essas narrativas significa compreender, principalmente, a forma como se construiu uma memória coletiva sobre o conflito e seus participantes, bem como as representações que colocaram em lugares opostos os letrados e os incultos, a civilização e a barbárie.

Muitos autores apontaram que o discurso euclidiano se tornou hegemônico, figurando, muitas vezes, nas análises referentes a outros acontecimentos posteriores e diferentes do Movimento de Canudos. Por um lado buscaremos identificar em que medida as narrativas sobre o Contestado do início do século XX, apreenderam os elementos constituintes da narrativa euclidiana. Por outro, torna-se importante saber de que maneira esse discurso foi apreendido pelos narradores da

⁶² CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 130.

nacionalidade. Para isso, uma análise detalhada dos termos recorrentes e das possibilidades de sua utilização nestes textos faz-se necessário.

Os *Sertões*, como pensamento paradigmático, foi apreendido pelos narradores do Contestado tornando-se parte de uma comunidade imaginária hegemônica e abrangente entre os intelectuais e a sociedade letrada do início do século XX. Auferimos a hipótese de que, nesta comunidade de imaginação, os narradores do Contestado constituíram suas reflexões referentes ao Movimento, compartilhando não de uma leitura específica da obra euclidiana, mas de um pensamento, onde determinadas categorias e posturas foram recorrentes e se consolidaram a partir da difusão e da eleição de *Os Sertões* como instrumento de crítica ao regime republicano.

As próximas páginas servem ao propósito de descortinar essas relações, evidenciando os vínculos das narrativas sobre o Contestado, com o pensamento social das primeiras décadas do século XX.

3. REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONTESTADO NA IMPRENSA REGIONAL

3.1 Os periódicos no início do século XX: os lugares da imprensa

Entre as diversas representações elaboradas durante a segunda década do século XX sobre o Movimento do Contestado, merecem destaque aquelas que surgiram nas páginas da imprensa escrita diária de Curitiba, particularmente no Diário da Tarde. Orientados pela necessidade de construção de uma identidade regional, num momento em que os estados brasileiros adotavam a descentralização administrativa, impulsionados pela nova ordem republicana, os jornalistas desse periódico construíram uma imagem do conflito, orientados por valores que, apesar de suas especificidades,¹ fizeram parte do pensamento social que informou grande parte dos intelectuais do período.

Conforme o estudo de Luis Fernando Pereira, os intelectuais paranaenses da I República, alimentavam ideais positivistas, cientificistas e anticlericais, com a intenção de promover uma modernização conservadora, apoiados por uma história de tendência messiânica, conduzida pelos grandes homens. Será que esses elementos também estiveram presentes nas representações sobre o Contestado? Quais foram as noções que orientaram a construção discursiva no Diário da Tarde e que deram forma à idéia desse conflito? Quais foram as categorias recorrentes e os interesses assumidos por aqueles que escreveram sobre o tema? Em que medida, as reflexões que orientaram as representações sobre o Contestado no Diário de Tarde faziam parte de uma comunidade de imaginação da sociedade brasileira? Essas análises estiveram pautadas em uma necessidade de constituição da nação brasileira ou paranaense?

Orientados por esses questionamentos, analisaremos as notícias referentes ao Movimento do Contestado no Diário da Tarde. No entanto, primeiramente, faz-se necessário algumas reflexões referentes ao papel da imprensa do início do século XX e aos cuidados metodológicos fundamentais para o seu estudo.

¹ Conforme Luis Fernando Pereira, apesar das elites sociais brasileiras defenderem a instauração Republicana frente à monarquia, alguns elementos foram características de determinados estados, como São Paulo ou Rio Grande do Sul. Este último, a título de exemplo, adotou o republicanismo doutrinário, excluindo os elementos centrais do positivismo. Ver: PEREIRA, **Paranismo...**, op. cit., p. 22-26.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre o Movimento do Contestado, nos surpreendeu o fato de não existir um número considerável de trabalhos acadêmicos sobre o tema, em uma capital que contou com um jornal tão “proselitista” como o Diário da Tarde no que se refere à publicação, comentários e informações, representando o Movimento, bem como às tensões geradas pela questão de limites territoriais. O Contestado foi um assunto que obteve um lugar especial nas páginas desse jornal, um dos principais do estado no início do século XX, um dos motivos pelo qual o selecionamos para esse capítulo.

No início do século XX, a imprensa escrita diária era o mais importante e eficiente meio de comunicação e divulgação de notícias, não somente no Brasil, mas em todo o ocidente². Ao analisar diversos jornais de noticiários cariocas e baianos que circularam nos primeiros anos do período republicano, Walnice Nogueira Galvão concluiu que existiam, proporcionalmente à população, mais jornais do que atualmente.³

A imprensa dessa época, caracterizava-se por um posicionamento explicitamente formador de opinião, que emitia notícias carregadas de pareceres apaixonados⁴ e sensacionalistas, evidenciando-se como “agentes de autonomização moral da sociedade e de formação do povo como novo sujeito político.”⁵ Segundo Celeste Cordeiro, isso ocorreu porque no início do período republicano, os periódicos se fortaleceram como agentes responsáveis pela divulgação de propostas e idéias políticas relacionadas à liberalização do estado. Eles eram considerados os condutores (assim como os livros) do iluminismo e do combate ao obscurantismo religioso⁶ em um momento em que escritores e leitores abraçavam a tese da necessidade nacional de alcançar o progresso e a civilização.

² Segundo o estudo realizado por Walnice Nogueira GALVÃO, durante o século XIX, circularam somente no Rio de Janeiro, em torno de dois mil periódicos. Ver GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**: a guerra de Canudos nos jornais 4ª. expedição. São Paulo: Ática, 1994, p. 15. Celeste Cordeiro também apontou a importância da imprensa na segunda metade do XIX e levantou números relevantes quanto à circulação de periódicos no Ceará. Ver: CORDEIRO, Celeste. O Brasil vira manchete: o papel da imprensa na formação do Brasil moderno. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 29, n. ½, P. 84-91, 1998, p. 85.

³ Ibid., p. 16.

⁴ ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 269-289, dez. 1998, p. 271.

⁵ CORDEIRO, op. cit., p. 84.

⁶ Ibid., p. 86.

De forma geral, as narrativas presentes nos periódicos dessa época, poderiam seguir a linha do suspense, da ironia, da galhofa e mesmo, da agressão política e da indignação. Conforme apontou Galvão “sendo, como foi, de enorme importância informativa, o jornal desse tempo suscita no leitor de hoje a opinião de que tudo, mas *tudo*, se passa nas páginas dele. E não só se passa como se cria, sejam incidentes, intrigas ou até mesmo conspirações.”⁷ Em nosso caso específico, isso fica bastante perceptível durante o Movimento do Contestado. Qualquer acontecimento ou informação recebida e publicada por este periódico, em relação ao conflito ou à questão de limites, tornava-se um pretexto para atacar e culpar os representantes catarinenses e nacionais, fator que dificulta sua utilização como fonte única na pesquisa do conflito, pois, sem os devidos cuidados metodológicos, estaríamos correndo o risco de apreender somente uma visão parcial dos acontecimentos.

Além desses fatores característicos dos jornais do início do século XX, podemos observar ainda alguns elementos próprios desses periódicos e que serão úteis em nossa reflexão sobre o Diário da Tarde. Do ponto de vista material, um item que chama a atenção de um leitor do século XXI, refere-se às imagens. No período em que pesquisamos, elas somente são utilizadas como recurso em momentos de grande comoção nacional ou mediante um importante acontecimento, conforme o julgamento dos editores. Esse fator se torna importante, na medida em que as poucas imagens que encontramos durante o tempo de publicação do jornal correspondente à duração do Movimento, referem-se a este evento. Portanto, perceber os elementos que, eventualmente, puderam ser utilizados nas representações dos atores sociais envolvidos no conflito, significa a possibilidade de abarcarmos uma quantidade maior de argumentos que demonstrem a forma como o Diário da Tarde se posicionou em relação a ele, buscando definições e classificações de seu grupo e dos demais. Significa também apontar a importância que tal evento teve para a imprensa regional daquela época.

⁷ GALVÃO, op. cit., p. 18. [grifo da autora]. Apesar de Walnice Nogueira Galvão analisar os periódicos que circularam duas décadas antes do período com o qual trabalhamos, consideramos que diversas questões que apontou aproximam-se em diversos aspectos da forma como o Diário da Tarde elaborou suas narrativas.

Apesar das dificuldades quanto ao manuseio e leitura dos jornais dessa época⁸, para o historiador, constitui uma importante fonte de pesquisa. Além de sua periodicidade, também traz referências cronológicas, indicativos de memória e informações sobre outros acontecimentos do mesmo período. Podemos considerá-lo, de uma certa forma, como um “arquivo do cotidiano”⁹, o que não significa que os textos e a visão de mundo que o orienta devam ser tomados pelo pesquisador como expressão da verdade. De forma geral, diversas considerações de cunho metodológico devem ser observados ao nos debruçarmos sobre essa fonte, como o cruzamento com outros documentos de época e com a bibliografia pertinente ao tema, buscando perceber o discurso implícito nas páginas do jornal. No caso do Contestado, torna-se indispensável, além desses itens, tentar desvendar o posicionamento político e ideológico evidenciado nas notícias que dirigia ao público.¹⁰

Uma vez que são os homens que conferem sentido às letras articuladas nas páginas dos periódicos, os valores e crenças presentes na sociedade é que informam os seus idealizadores ao elaborarem uma visão de mundo presente nas notícias, na forma da escrita, dos argumentos e da construção imagética a respeito de diversos fatos e atores sociais, entre eles o conflito do Contestado e seus participantes. Como um livro que narra uma história de ficção, o jornais desse período elaboravam uma representação de seus personagens, atribuindo-lhes ações, sentimentos e desejos. Enfim, concedendo sentido às informações veiculadas, relacionando-as aos valores e crenças presentes no grupo para o qual escreviam. Não se pautando nessas premissas, estaria fadado ao fracasso editorial. Por este motivo, observar os jornais, levando em consideração que eles fazem parte do imaginário do período é fundamental, pois esse imaginário é o que informa, tanto aqueles que escrevem, como os leitores das notícias, constituindo a mesma comunidade de imaginação.

⁸ A dificuldade quanto à leitura é ocasionada tanto pelo tamanho da folha, como pela estreiteza, quantidade de colunas e tamanho das letras. O texto era composto de forma artesanal, não existindo equipes de revisores, fator esse também prejudicial à leitura, pois as trocas de letras, palavras ou até frases inteiras era constante. Marilene Weinhardt aponta questões referentes a essas dificuldades para o Diário da Tarde, op. cit., p. 28.

⁹ ESPIG, O uso..., p. 274.

¹⁰ Ibid., p. 288. Márcia Janete Espig tece importantes considerações quanto à utilização de periódicos para a pesquisa histórica, priorizando o caso da história cultural e do Movimento do Contestado.

Dessa forma, os jornais não podem ser compreendidos como documentos isolados ou como portadores de uma verdade irrestrita, pois são os indivíduos que, ao interpretarem ou se apropriarem das representações contidas em suas páginas, lhe conferem sentido, assumindo, repudiando ou recriando significações a partir das imagens veiculadas e construídas através deste meio de comunicação. Por outro lado, “as mensagens enunciadas por um jornal se inserem – ou lutam para se inserir – no imaginário social presente em determinada época.”¹¹ Elemento esse importante para um periódico que pretendia ser vendido e lido pela população. Nesse sentido, acreditamos que a análise do Diário da Tarde, nos possibilitará percebermos alguns elementos do imaginário social presente na sociedade paranaense durante os anos do Movimento do Contestado.

Outro cuidado fundamental em relação à utilização dos jornais como fonte histórica, diz respeito às possibilidades de leitura, ou seja, a consideração quanto aos possíveis leitores. Uma vez que os periódicos dessa época eram formadores de opinião, porta-vozes do senso-comum e refletiam as dúvidas e angústias da sociedade brasileira¹², resta-nos indagar qual parcela da população ele informava. Há uma certa unanimidade por parte dos estudiosos desse período, quanto à opinião sobre a parcela da população que tinha acesso às suas páginas. Eles defendem a idéia de que os jornais constituíram um importante veículo de informações, tornando-se comum no cotidiano dos habitantes do meio urbano¹³. “A leitura diária dos jornais constitui comportamento habitual entre a classe proprietária e a nascente classe média, formada por funcionários públicos, comerciantes, profissionais liberais, etc.”¹⁴ Levando em consideração que no início do século XX o número de analfabetos excedia o de leitores, o público alvo era essencialmente uma elite letrada, em sua maioria residente nas capitais e com acesso à imprensa escrita, “um habitante de local ‘civilizado’, portador de uma cultura superior que o tornava um cliente bastante distinto.”¹⁵

Embora saber ao certo quais foram os leitores do Diário da Tarde, durante a primeira década do século XX seja uma tarefa muito difícil, para não dizer

¹¹ ESPIG, O uso..., p. 276.

¹² Cf. GALVÃO, **No calor**..., p. 18 e WEINHARDT, op. cit., p. 20.

¹³ Cf. CORDEIRO, op. cit., p. 85 e ESPIG, O uso..., p. 276-277.

¹⁴ Cordeiro, p. 85.

¹⁵ ESPIG, O uso... op. cit., p. 277.

impossível, gostaríamos de traçar algumas considerações quanto aos possíveis (e não ideais) leitores. Partindo da idéia de Roger Chartier de que a construção de sentido é determinada por um conjunto de variações que permitem, mediante um trabalho interdisciplinar, “descrever rigorosamente os dispositivos materiais e formais pelos quais os textos atingem os leitores”¹⁶, apontamos que as práticas de leitura desse período, principalmente relacionadas aos periódicos, não podem ser, indistintamente atribuídas somente aos moradores da capital, uma vez que no interior também circulavam jornais. Estes, a quem se destinavam e a quem alcançavam?

Podemos inferir essa hipótese considerando que, em Curitiba,¹⁷ por exemplo, era publicado um jornal, intitulado *O trabalho*, de propriedade de Francisco Ferreira de Albuquerque, importante chefe local. Obviamente o jornal servia aos interesses desse político e do seu partido. O que é importante percebermos aqui é que, mesmo no interior, circulavam periódicos locais que, se não eram lidos, possivelmente eram apreendidos por meio da audição, transmitida por pessoas que comentavam a respeito das notícias.

Podemos citar ainda como exemplo, Antonio Tavares Júnior, um dos líderes de reduto que, antes de mudar-se para Canoinhas era poeta. Portanto, podemos considerá-lo alfabetizado, até porque ele foi quem estabeleceu comunicação, por meio de correspondência, com as forças oficiais. Assim, por mais que o número de analfabetos excedesse o de leitores, as informações circulavam, ainda que chegassem deturpadas, pois passavam pelo filtro de outros leitores ou informantes.

Não nos compete aqui e nem é o objetivo desse trabalho realizar uma história das práticas de leitura, entretanto, ao nos referirmos aos sertanejos, não podemos assumir a representação que vingou no início do século e que permaneceu durante tanto tempo – a qual considerava os moradores do interior, rústicos, analfabetos e ignorantes, como se vivessem em uma ilha isolados dos acontecimentos que atingiam o restante do país.¹⁸

¹⁶ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora da USP, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991, p. 179.

¹⁷ Curitiba foi um dos principais municípios de atividade dos rebeldes durante o Movimento.

¹⁸ Talvez o maior exemplo de que, embora analfabetos, os moradores do interior praticavam a “leitura” seja o fato de terem assumido a representação dos Doze Pares de França, influenciados pela leitura do livro *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.

Apesar dessas questões, concordamos com a vertente que enfatiza a idéia de um público alvo, a quem interessaria conduzir informações, opiniões e pareceres, conquistando assim a sua adesão. Dessa forma, podemos afirmar que “não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido”, ou seja, o imaginário presente nas idéias do jornal – neste caso do Diário da Tarde – iam ao encontro das noções presentes no imaginário do público leitor, pelo menos em sua maioria, pois caso não houvesse aceitação da opinião pública quanto às matérias que publicava, continuaria levando-as adiante? Seu sucesso editorial não estava vinculado a uma boa recepção por parte do público?

Partindo dessas questões, nos propomos a realizar uma análise das representações que fizeram parte das notícias e idéias veiculadas no Diário da Tarde, especificamente aquelas que buscavam informar sobre o Movimento do Contestado.

3.2 O Diário da Tarde

O Diário da Tarde foi um jornal de composição liberal¹⁹ e oposição ao governo federal, do qual guardava relativa autonomia. Durante o período que abrange este estudo, mostrou-se bastante regionalista ao defender os interesses do Paraná e do governo estadual. Suas publicações seguiam uma tendência sensacionalista, apaixonada e irônica, questão que, como já vimos, era comum na imprensa escrita brasileira.²⁰

Nesse sentido, as notícias referentes ao Movimento sempre apareciam em tom alarmista: “Um novo Canudos? Os fanáticos chefiados pelo monge João Maria – O movimento alastra-se – A attitude do governo federal – Mobilisação de forças do Exército – Estão promptos 25 canhões – Os fanáticos armam-se, abandonando as casas e a família”.²¹ Esta chamada, esteve no cabeçalho da segunda notícia sobre o Movimento. Primeiro, a comparação com o Movimento de Canudos, depois a

¹⁹ Cf. RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985, 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 23.

²⁰ Segundo Ribeiro, o Diário da Tarde tinha “em sua linha editorial a preocupação com as notícias inéditas (o furo) e com certo sensacionalismo – pouco comum na imprensa local acostumada com transcrições de jornais do Rio”. Id.

²¹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, n. 4183, p. 1, c. 5-6.

afirmação de que se alastrava, em seguida, a mobilização das forças do exército e as armas. O sensacionalismo leva a crer que realmente existia um grande conflito ocorrendo. Da mesma forma, as notícias referentes à política, à administração pública, ao policiamento das ruas, seguia esse linha editorial.

Durante os anos de 1912 a 1916, encontramos no Diário da Tarde, as mais variadas informações, desde notícias sobre a Alemanha até o desenvolvimento da economia do mate no estado, avisos de suicídios, prisões, acidentes e a publicação de textos literários como poemas e folhetins. O jornal também contava com uma coluna destinada à publicação de telégrafos recebidos de diversas capitais brasileiras e países europeus. Sobre a vida cultural do estado também encontramos referências como avisos de bodas, festas, comemorações, aniversários, além de sessões dedicadas a propagandas de remédios, roupas, escolas, enfim, uma grande variedade de assuntos.

As notícias consideradas mais importantes eram publicadas em primeira página. As informações culturais, os telégrafos e outras notícias secundárias se localizavam, geralmente, nas próximas duas páginas. Existiam ainda uma quarta e quinta página destinadas à propaganda de produtos, lojas e profissionais especializados.²²

As informações eram obtidas, principalmente, por meio de telegramas que chegavam diariamente de outros estados ou países. Além desse meio, para o Contestado, foi comum a existência de mensageiros, pessoas enviadas ao local para tentar pacificar os sertanejos ou somente com o intuito de obter notícias referentes aos últimos acontecimentos. Qualquer pessoa que pela região passasse, fosse comerciante ou viajante, era passível de dar seu testemunho sobre os acontecimentos presenciados.

No entanto, não podemos compreender essas informações como uma fonte precisa da realidade. Como já dissemos, utilizamos esse documento como uma representação sobre o Movimento que, como tantas outras, tentou se impor, fazendo prevalecer suas idéias e valores sobre as demais representações, articulando uma

²² Essa divisão por páginas sofre algumas alterações, durante o período pesquisado. No entanto, as notícias consideradas pelo jornal de maior relevância continuaram sendo publicadas em primeira página.

linguagem simbólica na construção de imagens sobre os seus inimigos e sobre si próprio.

Devemos levar em consideração que o Diário da Tarde foi publicado, durante o período em que pesquisamos, diariamente. Outra questão importante se refere ao fato deste periódico publicar, desde o início do conflito até o seu término, notícias diárias a respeito do Movimento do Contestado, muitas vezes ocupando páginas inteiras, principalmente a primeira folha. Esses itens, embora não nos permitam verificar quem eram os leitores do Diário da Tarde, ao menos nos possibilita afirmar que o seu discurso fazia sentido e mesmo possibilitava a vinculação de identidade entre seus leitores, uma vez que a publicação era contínua e os títulos, eram recorrentes. Assim, temos, por exemplo, durante a primeira fase do movimento, chamadas que se repetiam diariamente, buscando atingir a curiosidade do leitor, visto ainda não existirem informações precisas sobre os acontecimentos. “Um novo Canudos?” era a forma habitual de se referirem – durante esse início ainda incerto – ao que viria a ser o Movimento do Contestado.

A partir da segunda fase do Movimento, em 1913, as chamadas passam a designar o local onde os sertanejos se reuniram para a construção de sua “Cidade Santa”. “Successos do Taquarussú” e, posteriormente, “Os successos de Caraguatá”²³ eram as expressões que poderiam ainda vir acompanhadas de outras chamadas mais explicativas, como: “Os successos de Caraguatá: o único responsável pelas victimas de Taquarussú é o governador do Estado”.²⁴ O resumo é um indicativo do que era apresentado no decorrer do texto referente à notícia. O leitor que acompanhava as informações, portanto, ao ler a chamada já a relacionava com o governo catarinense, uma vez que o discurso do Diário da Tarde se prolongava na idéia de responsabilizar o estado vizinho pelo Movimento do Contestado. Já, a partir de 1915, quando o Movimento começou a ser controlado pelas forças militares, os títulos das chamadas se tornaram mais variados: “Fanáticos e bandoleiros”; “O último reducto” ou “Os bandoleiros submettem-se”.

O leitor habitual, ao se defrontar com estes títulos, já saberia o assunto do qual ele tratava, como se estivesse seguindo os capítulos de uma longa novela. Os

²³ Taquarussú também aparece no Diário da Tarde e em outras fontes como Taquaruçu. Da mesma forma, Caraguatá pode aparecer como Gratoatá ou Caragoatá.

²⁴ **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 30 de março de 1914, n. 4649, p. 4, c. 3-4.

títulos eram expressivos e orientavam o leitor, criando uma representação não somente das características do Movimento e dos seus personagens, mas principalmente, do papel do Diário da Tarde nesta empreitada, construindo uma identidade e assumindo o papel considerado ideal pelos ditos “civilizados”. Assim, expressões como “Pela humanidade”, “Pela verdade”; “Basta de sangue” ou ainda “A odisséia de um pacificador”, demonstram a autoridade do discurso proferido por aqueles que moravam na capital, seja ela a possibilidade não somente de classificar o outro, mas também demonstra a forma como este grupo designou uma representação de si, distribuindo as posições sociais, construído o que Baczkó definiu como “código do bom comportamento”,²⁵ por meio da defesa de pacificação do conflito. Isso também demonstra de que forma “o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”.²⁶ Existiria uma melhor forma de legitimar o discurso, ausentando-se das responsabilidades quanto ao conflito, se não defendendo a pacificação?

As notícias, portanto, criavam um clima de expectativa. Tanto em relação ao desfecho da história, como em relação à ameaça que causava à própria capital curitibana. Ao informar acerca dos acontecimentos, o Diário da Tarde, veiculava em suas notícias sobre o Movimento, um apelo a um determinado comportamento, a uma ação. Propiciava e criava um clima onde o leitor se entregava à notícia e também aos valores e idéias que ela trazia consigo. Ao ler, ele se identificava com o discurso proferido pelo periódico, afinal de contas, o jornal se apresentava como defensor dos interesses do Paraná. Caso contrário, como poderíamos explicar a continuidade tão recorrente das notícias relativas ao Movimento do Contestado, durante meses?²⁷

²⁵ Cf. BACZKO, op. cit., p. 309.

²⁶ Ibid., p. 309.

²⁷ Essas questões também são apontadas por Marilene WENHARDT, op. cit., p. 30.

3.2.1 O Movimento do Contestado no Diário da Tarde

Discordamos de Paulo Pinheiro Machado, quando este afirma que “a imprensa se revelou uma fonte muito pobre sobre o conflito”.²⁸ Para este autor, os jornais indicam a visão das elites econômicas e políticas e da intelectualidade, preocupando-se muito mais em publicar notícias e opiniões referentes à questão de limites. Para o nosso trabalho, o fator dos jornais se mostrarem reveladores da forma de pensar dos homens do litoral, bastaria. No entanto, consideramos importante apontar que, ao menos no caso do Diário da Tarde, é possível observarmos alguns aspectos referentes ao universo cultural e às práticas dos sertanejos, até porque, essa foi uma forma eficaz de articular uma identidade e definir os papéis sociais .

O Diário da Tarde, não somente se preocupou em relatar os acontecimentos, como chegou a enviar jornalistas ao local para obter informações, além de relatar as tentativas do deputado Correia DeFreitas, um importante político paranaense, de apaziguar os rebeldes, chegando este inclusive a percorrer alguns redutos com o intuito de convencê-los a dispersar, oferecendo em troca garantias de vida e assentamento.

Por meio desses discursos, que tornam o imaginário social inteligível e comunicável, observaremos algumas construções referentes aos participantes do Movimento, ao local onde ocorreu o conflito, bem como à identidade que o jornal conferiu aos seus pares, nomeando a si próprio e ao outro.

3.2.1.1 “O brilhante ornamento do exército brasileiro”

Este item do trabalho, tem por objetivo realizar uma reflexão em torno das representações da imprensa acerca do militar João Gualberto em sua participação no conflito. Podemos dizer, que o início do Movimento está relacionado à sua participação como comandante das tropas enviadas ao local para dispersar José Maria e seus adeptos. Por meio da construção de imagens acerca dos militares e seus inimigos, o Diário da Tarde assumiu um discurso dualista onde prevaleceu a idéia de bons e maus, forma encontrada também, para legitimar a repressão.

²⁸ MACHADO, op. cit., p. 35.

Conforme afirmamos no primeiro capítulo, a associação do Movimento do Contestado à questão de limites, deve-se, além da questão de litígio territorial, ao fato de que o estopim do conflito foi ocasionado em território paranaense. As ações que desencadearam nesse fim, tiveram início em setembro de 1912, quando um grupo de sertanejos comemorava em Taquarussú, região de Campos Novos, em Santa Catarina, a festa do Bom Jesus. Contavam eles com a presença de uma figura bastante popular entre os habitantes do local, o monge José Maria.²⁹ Neste mesmo mês, o jornal paranaense *Diário da Tarde*, publicou a informação recebida do Rio de Janeiro, de que o governador de Santa Catarina, Eugênio Müller, teria enviado um telegrama a um senador catarinense "...scientificando ter havido em Campos Novos uma grave sublevação com o intuito de restaurar a monarquia".³⁰ Imediatamente, o governo catarinense enviou forças para o local e conseguiu dispersar José Maria e seu grupo de adeptos, que seguiram em direção ao Irani, em Palmas, território contestado, porém pertencente ao Paraná naquele período.³¹

Até então, o *Diário da Tarde* publicava notícias galhofeiras sobre o monge e seus adeptos, levando a crer que a tal proclamação monarquista nem mesmo existia. Um batalhão de oficiais paranaenses foi enviado à região com o intuito de salvaguardar os interesses do estado, conforme o discurso do jornal. A incredulidade quanto a um movimento rebelde é perceptível a partir das comunicações realizadas por esses militares com a capital:

Alguém, do canto da barraca querendo desanuviar os nossos rostos perguntou: E o monge?? Uma gargalhada estrondou e a pilherias, como foguetes em noite de S. João, crusaram-se no espaço acanhado da nossa "tenda de guerra". Com as "piadas" a respeito do "heroico" proclamador da monarquia, que faz lembrar um personagem das "mil e uma noites".³²

²⁹ A figura dos "monges" foi comum, durante esse período, no interior do sul brasileiro. Geralmente, eram indivíduos leigos que tornavam-se peregrinos adotando essa denominação. Eles assumiam algumas práticas como os benzimentos, as rezas, as curas milagrosas, os conselhos e as profecias relacionadas ao futuro da humanidade e dos moradores da região.

³⁰ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25 de setembro de 1912, n. 4182, p. 1, c. 6-7.

³¹ Existe um grande debate na bibliografia sobre o tema em relação a instauração da monarquia durante a festa do Bom Jesus, em 1912. A maioria dos autores defende a idéia, presente em algumas fontes do período, de que a proclamação monárquica somente existiu como tema de trova durante o festejo. Devido à artimanhas e conflitos políticos, o coronel Ferreira de Albuquerque, importante liderança local, teria denunciado a festa como um movimento contrário à recém instalada República, com o objetivo de caluniar seus inimigos. Ver: ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS, 1998, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 55-57; QUEIROZ, op. cit., p. 88; SOARES, op. cit.

³² *Diário da Tarde*, Curitiba, 10 de outubro, n 4195, p. 1, c. 3-4.

No periódico, ora se delegava a responsabilidade da proclamação à figura do monge, ora se enfatizava que o movimento não passava de um ardil catarinense para tomar o território contestado. No entanto, quando o grupo de José Maria entrou em território paranaense, a seriedade e preocupação passou a caracterizar as notícias, sendo prontamente organizada uma tropa do Regimento de Segurança, sob o comando do general João Gualberto, para ir ao local, aprisionar os insurretos. Afinal, não se sabia o objetivo de tal invasão e se cogitava na possibilidade de que o estado vizinho estivesse enviando pessoas às terras em litígio. Acreditavam mesmo que “o fanático [José Maria] é mandatário dos catarinenses.”³³

Ocorreu então um embate entre as forças do Regimento paranaense e o grupo de José Maria, sendo que tanto o líder religioso como o comandante das tropas, João Gualberto, morreram durante o conflito, além de muitos sertanejos e militares. “Desses mortos, o único que havia sido identificado pelas autoridades paranaenses era o monge, cujo túmulo não tinha terra em cima e sim umas taboas, para elle facilmente ‘resuscitar’.”³⁴ Segundo diversos autores, relatos posteriores sobre esse primeiro conflito foram contados por sertanejos que afirmavam que José Maria não teria morrido, mas *desaparecido*, ou então, teria saído de cena “fugindo pelas nuvens num cavalo”. A crença em sua ressurreição foi imediata à sua morte e o seu retorno profetizado para dali a um ano.³⁵

Em setembro de 1913, alguns indivíduos, na região de Taquarussú, voltaram a se reunir, acreditando que o tempo de espera findava e que o monge em breve retornaria. Essa reunião não teve, pelo menos em seu núcleo inicial, relação direta com a questão de limites. José Maria quando fugira, durante a festa do Bom Jesus de Taquarussú, não estava interessado nas terras paranaenses. Seus adeptos, quando se reuniram, um ano após a sua morte, formando o primeiro reduto,³⁶

³³ Ibid., 19 de outubro, n. 4203, p. 4.

³⁴ Ibid., 18 de novembro, n. 4228, p. 1.

³⁵ Apontamos a questão da morte do monge e a seguinte crença em sua ressurreição, para mostrar que o sentido messiânico e apocalíptico do movimento teve início a partir desse acontecimento. No entanto, em momento algum a bibliografia sobre o tema ou as fontes indicam que, para os sertanejos, a morte do monge estivesse vinculada à questão de limites entre os dois estados. Algumas referências existem apontando a crítica dos sertanejos em relação a alguns “coronéis” que dominavam a região. O que me parece é que os futuros rebeldes associaram a morte do monge à perseguição do chefe local de Curitiba, conhecido como *coronel* Albuquerque.

³⁶ Reduto constitui as vilas que os sertanejos construíram quando teve início o movimento. Para eles, era o local sagrado e sob ele fundavam as “Cidades Santas”. Durante o movimento, existiram diversos redutos de tamanhos variados e que ocupavam lugares estratégicos na mata, no

também não reivindicaram naturalidade paranaense ou catarinense, mas sim a possibilidade de prepararem um lugar para o retorno de seu líder espiritual, que traria a redenção e o tempo de felicidade que tanto almejavam.

Como vimos, a entrada de João Gualberto no conflito, deu-se imediatamente à comunicação da presença de José Maria e seu grupo na região de Palmas, Paraná, durante a primeira quinzena de outubro de 1912. A imagem do militar, já vinha há algum tempo sendo construída pela imprensa, fator que pode ser verificado por meio das diversas notas referentes ao seu comando no Tiro Rio Branco.³⁷ No dia 11 de outubro de 1912, por exemplo, foi publicado um artigo com o título “Coronel João Gualberto”, em primeira página. Além de parabenizá-lo pelo seu aniversário, o *Diário da Tarde* evidenciou a imagem que possuíam sobre o militar:

Soldado que honra o Exército Nacional, jornalista vigoroso, engenheiro de vasta competência, patriota abnegado, amigo dedicadíssimo, indivíduo que cultua as mais altas virtudes cívicas, chefe de família verdadeiramente modelar, o dr. João Gualberto é uma dessas raras figuras que se impôs (...) pela capacidade do trabalho e pelas fulgurações da sua inteligência.³⁸

À frente do Tiro Rio Branco, obteve o primeiro lugar na parada militar de 7 de setembro, na Capital Federal, vitória que lhe conferiu popularidade entre os militares e políticos paranaenses. O governador do Estado, Carlos Cavalcanti, chegou a cotá-lo para prefeito de Curitiba, fator que desagradou os seus correligionários, sendo então nomeado Comandante do Regimento de Segurança do Estado do Paraná.³⁹

A cobertura da imprensa sobre a tropa comandada por João Gualberto, buscou ser o mais minuciosa possível, desde a organização para a partida, até o momento do embarque, sempre tecendo considerações elogiosas quanto ao patriotismo e organização da mesma.

Além do discurso escrito, podemos observar o envolvimento da população curitibana, por meio da iconografia, quando a tropa comandada por João Gualberto embarcou em direção a União da Vitória.

entanto não eram fortalezas. "Taquarussú é um lugar aberto, pois o sertanejo emprega a palavra *reducto* para designar uma aldeia habitada por homens em armas e não uma obra fechada, de fortificação." D'ASSUMPÇÃO, op. cit., p. 259-260.

³⁷ O Tiro Rio Branco, foi uma sociedade criada por militares e João Gualberto foi seu presidente desde a fundação, em 1910.

³⁸ *Diário da Tarde*. Curitiba, 11 de outubro de 1912, n. 4196, p. 1, c. 4.



Autor não identificado. **Soldados já embarcados no trem para as últimas despedidas.** 1912. Coleção de postais Júlia Wanderley. 1 fot.: p & b.

Diversas imagens foram produzidas mostrando o caminho percorrido pelos militares. Na última fotografia tirada de João Gualberto, a tropa partia de Porto União em direção a Palmas. É interessante observar também a indumentária usada pelo grupo nesse percurso. Na próxima imagem podemos perceber a utilização de um instrumento de sopro, anunciando sua passagem pelo local.

³⁹ Para uma biografia mais detalhada de João Gualberto ver: SÁ FILHO, João Gualberto Gomes de. No centenário de João Gualberto. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e**



Autor não identificado. **Última fotografia de João Gualberto ao partir de Porto União rumo a Palmas.** 1912. Coleção de postais Júlia Wanderley. 1 fot.: p & b.

Nas páginas do jornal, tinha-se a impressão, como bem apontou Marilene Weinhardt, que ninguém corria risco de vida nas tropas comandadas por João Gualberto.⁴⁰ O Diário da Tarde também buscou construir uma imagem positiva do governo paranaense pelo fato do então presidente, Carlos Cavalcanti, ter a iniciativa de enviar uma tropa militar para o local onde se encontravam o grupo de José Maria.

Em 23 de outubro de 1912, foram publicadas, em primeira página, as notícias referentes à morte de soldados da tropa, inclusive o comandante João Gualberto. A partir daí, o Diário da Tarde deu início a uma série de notícias referentes ao conflito além de publicar o recebimento de inúmeros telegramas de pêsames em nome do militar e dos demais "heróis" mortos no Irani.

A partir desse momento, teve início na imprensa da capital paranaense, uma série de notícias que delegaram aos militares a imagem de heróis, contrapondo com personagens considerados violentos e sanguinários. Uma série de artigos relativos

Etnográfico Paranaense. Curitiba, v. XXV, p. 11-26, 1975.

⁴⁰ WEINHARDT, op. cit., p. 39.

aos mortos foram apresentados de forma dramática, sensacionalista, auxiliando na construção de uma memória coletiva e principalmente buscando demarcar os limites territoriais, regionais de sua identidade.

Pensar de que maneira a mídia constrói a imagem de determinadas figuras é também verificar como determinadas narrativas reconstróem trajetórias de vida, dramatizando e tornando a morte um espetáculo, inserindo, dessa forma, significados àquele acontecimento, apontando elementos que se quer eleger como legítimos perante a nação. Lembrar o morto é invocar sua passagem pela vida na terra, enfatizando seus atos e os fatos que mais marcaram sua existência. Durante vários dias, o jornal, além de reconstruir toda a trajetória das tropas antes dos acontecimentos, invocava a tristeza e o respeito do povo curitibano frente ao heroísmo daqueles que morreram em nome da pátria, especialmente João Gualberto:

João Gualberto é um nome inolvidavel, principalmente para nos que aqui o tinhamos para cada instante, dando-nos os seus bellos conselhos, que eram ouvidos com todo o acatamento, auxiliando-nos com as figurações da sua intelligencia, pondo a cada instante em destaque a sua (?) capacidade jornalística.

É um nome inolvidavel para o Paraná e para a República, que elle sonha engrandecer com o seu (?) sentimento civico, a sua cultura mental e de guerreiro que até a hora suprema de eshalar o ultimo suspiro, manteve, em dessassombro sem par, essa linha de bravura inaudita, batendo-se desesperadamente no cumprimento do dever. (...)

Não. Os heroes são assim. A vida é nada quando se tem a defender um nome que é um symbolo de virtudes civicas.

O bravo João Gualberto o compreendeu. Depois de entrar na luta, fosse qual fosse o inimigo, elle daria todo o seu sangue, o seu derradeiro alento, para conseguir a victoria, ou cahiria conservando immaculado aquelle nome que já não lhe pertencia, mas sim à terra que elle amava e par aqual queria morrer. (...)

Felizes os quem, como João Gualberto, cahem para a morte na convicção de que legam á Pátria e á familia um nome que é toda uma história de honra, de bravura e de cultura civica.⁴¹

O discurso referente à morte dos soldados pode ser compreendido como uma forma de articular a construção de uma identidade regional a uma identidade nacional. "Entre os nossos bravos succumbiram o brioso militar, o brilhante ornamento do exército nacional, coronel João Gualberto, que heroicamente cahiu sobre a metralhadora que pessoalmente dirigia." Cabe lembrar que João Gualberto não era paranaense, mas a sua atitude, foi incansavelmente invocada, como defensor da região, criando uma identificação regional. Conforme Olgária MATOS, "Herói ou instituições heróicas são fonte de *identificação imaginária* ou, em outras

palavras, de *identidade* coletiva."⁴² Dessa forma, utilizar a imagem do militar, atribuindo-lhe atitudes heróicas, tornou-se um fator importante para o Paraná naquele momento de disputa territorial.

Demonstrar que a população da capital se posicionou de forma solidária e mesmo indignada com os acontecimentos, conferia legitimidade aos argumentos relacionados à morte dos militares, bem como possibilitava a continuidade da publicação de notícias sobre o conflito. Assim, divulgava o jornal:

O dia de hontem a população de Coritiba passou-o sob a impressão brutal dos tristes acontecimentos.

A rua 15 de novembro, a sua principal arteria, desde pela manhã, logo que abaixamos na pedra as principais noticias, encheu-se de povo que se apresentava num misto de consternação e de revolta, ao mesmo tempo de orgulho pelo heroismo com que o bravo Regimento de Segurança, mais uma vez, mostrou à sua dedicação ao Estado e à República.⁴³

A construção do biográfico pela mídia é importante pois atribuirá sentido e significado à realidade em questão, ou seja, em um momento de conflito entre os dois estados, no momento em que se buscava fortalecer ou mesmo construir uma identidade regional, essas tentativas de ressignificações em torno das imagens de homens ligados ao conflito foram fundamentais e, neste sentido, o papel exercido pelos meios de comunicação, tornou-se de crucial importância para que a sociedade paranaense conseguisse articular as identidades regionais à nacional. Dessa forma, cabe afirmar que a mídia pode ser considerada como articuladora de experiências sociais, "contribuindo para a afirmação e a emergência de identidades, alteridades e territorialidades."⁴⁴

É interessante perceber a forma como os jornais construíram, desde as primeiras notícias, a imagem dos soldados que morreram no conflito. Sempre utilizando as noções de patriotismo, de civismo e de dedicação, o jornal elaborou a imagem de homens perfeitos, pois teriam abdicado de si próprios em nome da nação. O imaginário - neste caso o imaginário republicano, condutor da ordem e do

⁴¹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 28 de outubro de 1912, n. 4210, p. 1, c. 4.

⁴² MATOS, Olgária. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 83-90, 1994, p. 87.

⁴³ **Diário da Tarde**, Curitiba, 24 de outubro de 1912, n. 4207, p. 1.

⁴⁴ RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 201-218, mai. 2000, p. 204.

progresso - iluminou o fenômeno político, produzindo efeitos, edificando valores, direcionando à idéia de bem e mal, certo e errado.

A idéia do heroísmo de João Gualberto, a dramatização em torno de sua morte é evidente e pode ser percebida desde o dia do combate do Irani, até o momento em que o corpo vem para Curitiba para ser velado e recebido em cortejo fúnebre. Neste momento, a morte realmente se torna uma festa. É criado todo um aparato para o recebimento do corpo. O clima de comoção emitido pelo jornal com a chegada do general, morto pelos sertanejos, é enorme. Nele, são reportados aspectos da biografia do morto, lembrando seus principais feitos enquanto vivo. Nas ruas da cidade diversos elementos são utilizados para homenageá-lo. A teatralização da morte é posta em cena. Para que a platéia pudesse contemplá-la, o itinerário do cortejo fúnebre percorreu as principais ruas da capital.



Autor não identificado. **Funeral de João Gualberto.** 1912. Coleção de postais Júlia Wanderley. 1 fot.: p & b.

Ao melhor estilo de uma parada militar seguiram, junto ao caixão, diversos grupos, como escolas, associações, o Tiro Rio Branco, carros com coroas. Todos entoando marchas fúnebres. O jornal descreveu o cortejo, tal como aparece nas imagens que seguem. As ruas estavam tomadas pela multidão, controladas por um cordão de isolamento humano, as sacadas dos prédios repletas de pessoas. Carro ornamentado com coroas, tudo ao estilo Luiz XV, inclusive a vestimenta dos cocheiros que dirigiam os carros. As referências às lágrimas das mulheres, às ladainhas saudosas entoadas em homenagem aos mortos e os depoimentos de pessoas transtornadas com os acontecimentos foram constantes. A presença de homens ilustres, convidados a discursar em homenagem ao morto, faziam parte de todo o aparato. Todos esses elementos foram fundamentais na construção da representação, do imaginário sobre a morte dos “resumidos defensores da honra do Paraná”.⁴⁵



Autor não identificado. **Funeral de João Gualberto passando pela Rua da Liberdade, atual Barão do Rio Branco.** 1912. Coleção de postais Júlia Wanderley. 1 fot.: p & b.

⁴⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 29 de outubro de 1912, n. 4211, p. 1, 4 e 5.

Os acontecimentos foram recapitulados inúmeras vezes, dramatizados, transformados em tragédia. Assim, buscou-se conquistar a atenção do maior número de pessoas. Nesse sentido, a mídia também pode ser entendida como um mecanismo de construção e preservação da memória. Lembrar a vida dos heróis, resgatando os aspectos biográficos mais importantes para construir sua imagem é um instrumento eficaz para a elaboração da memória e construção de uma identidade local. Dessa maneira, os feitos que mereceram o reconhecimento de homens públicos, o casamento com uma mulher de família tradicional, o posicionamento que conquistou ao longo de sua curta carreira de militar, foram imprescindíveis para que se criassem interpretações e atribuição de sentidos sobre suas atitudes, idéias e comportamentos. Portanto, para que o imaginário social seja formado conforme o interesse dos grupos dominantes, são selecionadas imagens e representações capazes de expressar as afirmações textuais. Edificaram-se, dessa forma, noções opostas em torno daqueles que foram considerados os heróis mortos em combate e dos que foram apontados como assassinos.

No ano seguinte à morte do militar, após o calor da hora, o jornal publicou notícias referentes aos auxílios prestados à família dos mortos. Uma das ruas da cidade recebeu o nome do comandante das forças, bem como uma vila criada logo em seguida aos acontecimentos. Conforme a concepção republicana vigente entre os paranaenses, os grandes personagens da história se tornavam objetos de veneração míticos, encontrando na reelaboração da história uma forma de legitimação para o novo regime e para os interesses regionais. Nesse sentido, a imagem de João Gualberto foi apropriada pelo periódico e transformado em herói.

Interessante notar que na memória da população não permaneceu a imagem do oficial, ou seja, os construtores da memória não agiram posteriormente, para que a imagem dos "heróis" do Contestado prevalecesse. Talvez devido ao fato do próprio jornal ter mudado de posicionamento quando teve início a segunda fase do conflito. Sem a presença do monge, concentrando-se em um território fora dos limites até então estabelecidos do Paraná, mas numa região de disputa, os sertanejos não eram mais os assassinos da história, mas sim, as vítimas da politicagem dos "coronéis" catarinenses. Em outras palavras, o Diário da Tarde passou a ver os sertanejos como indivíduos coagidos pelos políticos catarinenses.

Inserir uma reflexão acerca dos acontecimentos e das representações que permearam a participação do coronel João Gualberto no Movimento do Contestado, foi fundamental uma vez que, por meio da análise desse discurso, poderemos ter contato com uma das formas como o Diário da Tarde designou a identidade paranaense frente aos sertanejos, distribuindo os papéis sociais conforme interesses imediatos de definir os amigos e os inimigos a serem combatidos. Ao realizar esse percurso, tornou-se evidente a imposição de um código de valores, bem como a emergência de categorias opostas que visaram definir o lugar que ocuparam os atores sociais que participaram do conflito.

3.2.1.2. José Maria: “guerreiro audacioso, fanático e monarquista“

Desde a primeira notícia referente ao início do Movimento, um das principais preocupações do Diário da Tarde foi designar os culpados pelo conflito. Ao relatarem os acontecimentos do Irani, construíram representações relacionadas não somente à imagem dos militares, mas também daquele que consideraram ser o líder dos sertanejos que combateram as forças de João Gualberto: o monge José Maria.

Nos comentários que traziam, ao publicar informes e notícias que chegavam de Santa Catarina ou do Rio de Janeiro, a culpa residia, principalmente, na “figura” do Monge José Maria. Figura, pois moldaram a sua imagem, classificaram-no, delimitaram-lhe lugares e atitudes que, ao leitor, fica a impressão de que se trata de um personagem de ficção. Os narradores do Contestado, dedicaram páginas de seus textos à genealogia desses personagens, que consideraram fundamentais para a eclosão do conflito.

É importante saber que os monges se tornaram personagens valorizados e significativos para a cultura sertaneja do sul do Brasil. No interior dessa região, diversos peregrinos passaram a ser respeitados e venerados pelos caboclos, recebendo essa denominação. No território onde ocorreu o Movimento do Contestado, destacamos três desses personagens. O primeiro deles, João Maria de Agostini, fazia peregrinações pelo sul do país, construía capelas, realizava batizados, casamento e curas, organizava procissões. Sua figura esteve marcada pelo caráter profético de seu discurso. O segundo monge, Anastás Marcaf, apareceu durante a Revolução Federalista, da qual foi simpatizante. Apesar de nunca ter se

posicionado contrariamente à república, em seus discursos defendia a monarquia. Afirmava que a República era a ordem do demônio, enquanto a Monarquia era a ordem de Deus⁴⁶. Assim como o primeiro monge, seu discurso era profético e antevia o fim do mundo. Para os sertanejos era considerado santo, tornando-se mais importante que os próprios padres e a sua imagem figura ainda entre os moradores da região.⁴⁷ As representações que permaneceram sobre esses monges, após o conflito, podem ser percebidas através do olhar de um militar que participou do Movimento:

A superstição fazia crescer outro valor e emprestava qualidades de milagres às famosas curas de João Maria de Jesus – o Monge.

As plebes do inulto sertão começaram a se reunir ao lado daquele homem estranho, do ‘taumaturgo’ como ele próprio se intitulava. Era um misterioso indivíduo de barbas e cabelos crescidos, de vestes humildes e que, calçando alpercatas, apoiava num cajado o corpo de ancião fatigado do peregrinar religioso; um ‘homem santo’ que sopitava passar as noites ao relento e rejeitava as esmolas mais fartas.

Antes de Taquarussú, os sertanejos viviam impressionados com a realização de algumas profecias de João Maria. O profeta surgindo, em 1911, nos Campos de Curitiba ai profetizara coisas tenebrosas⁴⁸

No imaginário daqueles que viviam nas cidades, a crença no monge e em suas profecias representava pura superstição oriunda do analfabetismo e do isolamento predominante no sertão. No imaginário da população sertaneja, prevalecia um imenso sentimento religioso, no qual se mesclavam também elementos do mundo profano. Distantes da atuação da igreja católica, a atuação de indivíduos que se revestiam de caráter religioso e curativo fazia parte do cotidiano da população. Crendices populares, benzimentos e curas por meio de ervas eram comuns, mesmo porque os sertanejos não contavam com a existência de médicos no local. "A ausência da medicina oficial, de padres e de escolas favoreceu e mesmo exigiu a presença e a expansão de crenças e praticas tradicionalistas".⁴⁹

Apesar de terem existido inúmeros curandeiros, benzedeadas e outras figuras associadas a monges, João Maria foi o mais importante representante da

⁴⁶ Ibid., op. cit., p. 62.

⁴⁷ Maiores detalhes sobre os monges podem ser encontrados em THOMÉ, op. cit. Segundo o autor, morador da região onde hoje está localizada a Universidade do Contestado, atualmente João Maria "tem a devoção de significativa parcela da população regional, devoção esta testemunhada em cruces, capelinhas, cercados de pousos, oratórios, pocinhos de água, árvores abençoadas, grutas e fotografias com sua imagem." p. 120.

⁴⁸ PEIXOTO, op. cit., p. 114 e 162.

⁴⁹ MONTEIRO, **Os errantes...** p. 186.

“categoria”. Interessante notar que os crentes do monge não distinguiram entre o desaparecimento do primeiro e o surgimento do segundo. Para eles, era o mesmo indivíduo que após alguns anos retornara de sua peregrinação.⁵⁰ João Maria desapareceu definitivamente entre os anos de 1904 e 1908. Para aqueles que acreditavam em suas prédicas, entretanto, o monge nunca morrera, mas após terminada sua missão teria se estabelecido no morro do Taió, onde estava encantado, aguardando o momento do retorno.

A lembrança de João Maria se tornou uma permanência no imaginário daqueles que viviam nos sertões. Mesmo os cidadãos, demoraram a perceber que a sua figura ganhara um substituto, muito próximo em suas práticas e em seu discurso, mas que, com o passar do tempo, assumiu uma outra posição: o de articulador de uma nova sociedade, que inculcou entre seus adeptos a crença de que eram invencíveis.

Apesar da permanência da imagem do ancião, de longas barbas e cajados à mão, à semelhança de João Maria, o discurso de José Maria era outro. Se até então as práticas mágico-religiosas-medicinais prevaleciam, foi com José Maria que elas passaram a ter uma conotação mais política. O monge representava a negação da estrutura social vigente e seus seguidores se identificavam com a sua marginalidade. Durante o Movimento, a figura dos monges se tornou tão mais sagrada para seus adeptos, que até mesmo os padres chegaram a ser preteridos e excluídos do universo no qual viviam esses indivíduos.

Em 1913, por exemplo, Frei Rogério Neuhaus, um franciscano responsável por pregar a religião católica no sertão da região contestada, decidiu intervir no conflito tentando convencer os rebeldes a se dispersarem. No reduto de Taquarussú,

O Padre dirigiu-se a algumas pessoas, particularmente. Aparece o chefe comandante, o Manoel, e gritou: “Padre, o que é que você quer aqui, seu cachorro? Suma, senão apanha!” (...). A mãe do moço gritou: “Os padres não prestam mais nada!”

“Antes-tempo a senhora me respeitava”.

Eusébio entrou nessa conversa de família e bradou:

“Liberdade! Agora nós vivemos num outro século”.

“Eusébio, amigo velho. Pare com essas bobagens”.

⁵⁰ Algumas versões afirmam que os dois João Maria peregrinaram, por um determinado período, ao mesmo tempo. Para outros estudiosos, o segundo surge somente após o desaparecimento do primeiro. Cf. THOMÉ, op. cit., p. 44.

E o velho assanhando-se mais ainda, brandia seu facão em maior agitação: “Se o Senhor não acredita na Palavra de Deus, eu o arrebento”.⁵¹

Frei Neuhaus se surpreendeu frente à mudança daqueles homens, que outrora lhe respeitavam tanto. A palavra de Deus, agora, não pertencia mais aos padres. Muito pelo contrário, naquele momento o clero simbolizava a república dos coronéis, as empresas estrangeiras, o secular. O sagrado, somente a eles pertencia naquele momento e é claro, ao monge. Essa relação estabelecida com a religião, foi condenada tanto pelos padres, como pelos militares e jornalistas. No Diário da Tarde, a crença no monge foi considerada sinônimo de superstição e ignorância.

Na primeira notícia referente ao conflito, o Monge José Maria foi apontado como revolucionário: “O José Maria quer derrubar a República, pôz a idéa em acção, provocando, mesmo, um movimento de forças como si de facto o regimem proclamado em 15 de novembro estivesse em sério perigo de ser derrocado.”⁵²

A notícia se refere ao absurdo da ação do monge ao enfatizar que a República não corria riscos. A instituição de uma nova sociedade pelos sertanejos, assustou aqueles que dela não faziam parte, pois, para o início do Período Republicano, constituía um perigo iminente, principalmente a partir do momento em que um grande contingente de pessoas ingressou para o “exército” das “Cidades Santas”. Esse sentimento se tornou ainda maior quando os sertanejos, munidos de suas winchesters e facões de pau, venceram diversas investidas das forças repressoras.⁵³

Nesse primeiro momento, o Diário da Tarde buscou construir uma imagem do monge. Ele foi considerado “a cabeça directriz do movimento subversivo.”⁵⁴ Tido como um homem esperto e audacioso, suas práticas foram reveladas aparecendo sempre acompanhadas por um tom de exotismo e ironia.

Não há quem não tenha ouvido falar em nosso Estado desse José Maria Agostinho, o monge de longas barbas e de cajado á mão. Ora habitando nas cavernas, ora o tronco duma imbuia, errante pelos sertões, inculcando-se um ser divino e vindo ao mundo para redimir a humanidade.

⁵¹ STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916)**: a contribuição dos franciscanos. Espírito Santo: [s.e.], 1982, p. 46-48. STULZER reuniu nesta obra as memórias de Frei Neuhaus, bem como a sua biografia.

⁵² **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, n. 4182, p. 1, c. 6-7.

⁵³ Os rebeldes tinham por hábito e ao que parece por preferência a luta à arma branca. A probabilidade de venceram, dessa forma, era maior.

⁵⁴ **Diário da Tarde**, Curitiba, 7 de novembro de 1912, n. 4219, p. 2.

José Maria, com as unhas compridas e agudas, percorria os nossos sertões fazendo predicas e distribuindo cinzas e água com que dizia, curava qualquer moléstia.

A turba fanática e crédula via no velho monge um ser saper-natural [sic] e acreditava nas suas palavras e nos seus remédios. (...)

O peregrino dos sertões chegou a conquistar innumerados adeptos que o acompanhavam, em romaria, de um lugar para outro.(...)

José Maria, agora, porém, surge no Estado de Santa Catharina não como um pregador, um distribuidor de tisanas, mas como um fanático mais pilhérico ainda, acompanhado de adeptos querendo arrazar povoações e restaurar a monarquia.”⁵⁵

Percebemos que, juntamente a uma caracterização física, aparece uma definição relativa a algumas práticas de José Maria no estado catarinense. É importante observar ainda que os adeptos não passavam, na visão do periódico, de uma “turba fanática e crédula”. O monge, surgiu então como a pessoa capaz de enganar, de ludibriar os sertanejos

A princípio, pareceu ser isso muito pilhérico, cousas dum fanático qualquer que, com alguns adeptos, andasse por ahi illudindo uns pobres caboclos. (...) A simples vista, a gente é sempre levada a não dar credito às pregações e ao poder suggestivo desses monges que sempre apparecem fazendo prophecias e explorando a ignorância das populações sertanejas.⁵⁶

Entretanto, as primeiras notícias não dão conta de esclarecer as características de tal movimento. Somente conseguem articular a informação de que parece não existirem possibilidades de uma comparação ao Movimento de Canudos (embora o título nos leve a pensar o contrário)⁵⁷ ou à questão de limites.

Há que se enfatizar ainda que, inicialmente, houve uma confusão em torno da figura do monge. Logo, descobriu-se que José e João Maria não eram a mesma pessoa. Os dois peregrinos foram diferenciados a partir de então. A José Maria coube o papel de portador de características exóticas e estranhos hábitos.

José Maria Cortes de Agostinho, intitulado curandeiro, é um typo indiatico, de 45 a 50 annos, estatura media, cabellos corridios e compridos: usa bonet de couro de jaguatirica, enfeitado com um penacho e fitas. No seu acampamento, logar denominado Taquarussu, município de Coritibanos, Estado de Santa Catharina, José Maria, montado em um bonito cavallo, de espada (...), acompanhado por fanáticos, inclusive mulheres e creanças, proclamou a monarchia, sendo aclamado imperador o velho octagenario Fulano Rocha Assumpção 1º: (...) a guarda do novo imperio composta de 24 fanaticos, com a denominação de 12 pares de França.

⁵⁵ **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, n. 4182, p. 1, c. 6-7

⁵⁶ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, n. 4183, p. 1, c. 5-6.

⁵⁷ O título desta notícia é o seguinte: Um novo Canudos? **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 de setembro de 1912, n. 4182, p. 1, c. 6-7

Em suas excursões, marcha na vanguarda um piquete de 20 fanáticos armados a Winchester e todos montados em cavallos brancos e na retaguarda marcham as mulheres e creanças. O 'monge' tem declarado aos fanáticos, que, quando se aproximaram as forças do governo, que devem retirar-se porque só elle dará combate a mil homens. No dia 28 de setembro estavam acampados na casa do negociante Praxedes, sendo este agraciado com as honras de Duque. O fazendeiro Generoso Ribeiro, que fazia parte dos doze pares, foi agraciado com o titulo de marquez.

José Maria tem o livro da historia de Carlos Magno e faz a leitura deste aos fanáticos. Em sua companhia tem sempre o monge duas meninas donzellas, e quando alguma senhora lhe faz consulta sobre moléstia elle manda que se retirem, e que, em caso contrario, elle desaparecerá.⁵⁸

Assim, buscam diferenciar José e João Maria: “Os monges João e José Maria – Um é pacato e inoffensivo; o outro é perigoso e revolucionário” na seqüência, José Maria é definido ainda como “guerreiro audacioso. – fanático e monarquista”.⁵⁹ Atribuindo-se características religiosas ao primeiro, que neste período já estava morto, ao segundo foram designados elementos de ordem política a partir das expressões “revolucionário” e “monarquista”. Dessa forma, relegou a ação ao segundo monge, de forma imediática, como se o seu discurso, por si só, fosse capaz de levar as populações caboclas ao levante.

Na diferenciação entre os dois, todas as características que José Maria possuía, inclusive aquelas consideradas “civilizadas” pelo cronista, eram compreendidas como negativas, pois o monge não se utilizava delas para o “bem”. Dessa forma, José Maria, além de ser “verdadeiramente indomável,” “saber ler e escrever regularmente”, fator de diferenciação em meio ao sertão ignorante e analfabeto, era também um “Homem inteligente que [...], exerce grande influência sobre os ignorantes caboclos, que se deixam dominar por suas prédicas mystico-heróicas, entremeadas de legendas, próprias mesmo para atrahir em torno de sua pessoa, o fanatismo de pobres analphabetos”⁶⁰

Buscam saber quem é José Maria, de onde vem, quais suas práticas anteriores, atribuindo-lhes ações criminais. Essas designações foram importantes recursos utilizados na construção de uma representação relativa a esse indivíduo, caracterizado como uma pessoa pernicioso e esperta.

⁵⁸ **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 de outubro de 1912, n. 4198, p. 1.

⁵⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 de outubro de 1912, n. 4199, p. 4, coluna Pelo Telegrapho, título.

⁶⁰ **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 de outubro de 1912, n. 4199, p. 4, coluna Pelo Telegrapho.

A sua morada predilecta era o xadrez, e a penitenciaria, depois de ter soffrido outros castigos, devido à sua má conduta, em 1895. Quando o regimento se achava em marcha para as fronteiras desse Estado, o tal soldado José Maria, que pertencia ao 4.º esquadrão e me parece que tinha o n. 71, desertou, tendo sido capturado annos depois na cidade do Rio Negro.

Nessa occasião o regimento achava-se na legendaria cidade da Lapa, para onde foi o tal desertor responder o conselho de guerra. Depois de cumprir sentença por esse crime, foi posto em liberdade e tornou a desertar, não se sabendo mais o paradeiro de tal soldado incorrigível. Esse José Maria que vos lembro, sr. Redactor, tinha muitas habilidades para tudo que era mau, inclusive curandeiro e feiticeiro.⁶¹

Quem dá esse informe é o M. S. Bandeira de Melo, um auxiliar da inspetoria de serviço de Proteção aos Índios, de São Paulo, comunicando que conhecera José Maria, pois faziam parte do mesmo regimento. Aqui, a prática de curandeiro e feiticeiro, que como já vimos fazia parte do universo dos sertanejos, aparece como maléfica, ou seja, era um aspecto da cultura local considerado fora dos padrões exigidos para a obtenção do progresso.

Apresentando uma fotografia de João Maria, algo raro nos jornais desse período, as caracterizações a respeito do “Monge” não o designam como um sertanejo, embora ele o fosse, pelo menos culturalmente, uma vez que a população se identificava. Informando acerca dos acontecimentos, elaboram uma imagem distante, como se o tal personagem tivesse se materializado dos livros de história para a realidade, tornando-se uma espécie de entidade mitológica e misteriosa... “A locomotiva rolou novamente sobre os ‘rail’, rumo sul, em busca do Rio Caçador donde devíamos continuar, a cavallo, em procura desse lendário Monge de longas barbas e unhas crescidas, a maneira dos sacerdotes egypcios.”⁶²

Portanto, buscando a experiência religiosa da figura do Monge e, em seguida, as práticas consideradas criminosas, o Diário da Tarde, priorizou a idéia de que “o ‘Santo’ transformou-se em revolucionário.”⁶³ Principalmente após a comparação com o líder nordestino: “tal como Antônio Conselheiro, de Canudos”⁶⁴.

As tentativas de reconstruir sua trajetória de vida foram constantes. O inimigo a derrotar, portanto, não era o monge religioso, que pregava a paz nos sertões, mas sim um indivíduo perigoso, experiente, enfim um criminoso. Ninguém poderia se sentir culpado, pois, longe de inferirem qualquer responsabilidade aos governos e a

⁶¹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 2 de novembro de 1912, 4215, p. 1, c. 2.

⁶² **Diário da Tarde**, Curitiba, 5 de outubro de 1912, n. 4191, p. 1.

⁶³ *Ibid.*, 25 de setembro de 1912, n. 4182, p. 1, c. 6-7

⁶⁴ *Id.*

sociedade de forma geral, nesse primeiro momento, a culpa recaía sobre um único indivíduo. Dessa forma, os jornais iam indicando os caminhos ao seu leitor, “formando seu espírito, orientando as suas paixões, inculcando modelos formadores positivos e apontando o inimigos a derrotar.”⁶⁵

3.2.1.3 De facínoras a ignorantes: algumas representações sobre os rebeldes

De 1912 a 1916, o Diário da Tarde se dedicou a informações e reportagens direcionadas ao Movimento do Contestado. Ao nomear e definir os seus participantes, elaborou representações sobre sua identidade social e a de seus opostos. Para que isso fosse possível, diversos termos foram apropriados pelo periódico, bem como foram elaboradas construções textuais que permitissem ao leitor criar uma imagem dos grupos envolvidos. Definindo o outro, dotavam de sentido o seu próprio mundo. No entanto, embora inseridos em uma comunidade de imaginação, o discurso do Diário da Tarde se mostrou, em suas matérias sobre o Contestado, heterogêneo, no sentido de agregar diferentes versões sobre os mesmos acontecimentos ou ainda incluir em suas páginas, diferentes olhares sobre os mesmos indivíduos, mas sempre mantendo uma distância segura. Com o desenrolar dos acontecimentos, percebemos que houve uma significativa alteração no direcionamento das notícias, evidenciando, assim determinados interesses e prioridades.

Nesse sentido, podemos estabelecer uma linha divisória para o discurso do Diário da Tarde quanto aos participantes do Movimento do Contestado, mais especificamente, os rebeldes. Essa divisão segue, em termos cronológicos, aquela que nomeamos como primeira e segunda fase do movimento. Isso significa dizer que, em um primeiro momento, o jornal se posicionou de uma determinada forma quanto aos participantes e quanto a seu próprio ponto de vista, que se alterou à medida em que os rebeldes se tornaram mais fortes.

Esse primeiro momento, que datamos de outubro de 1912 a setembro de 1913, correspondente às primeiras informações recebidas sobre a reunião dos sertanejos e à batalha do Irani, com a morte de João Gualberto e José Maria. Este

⁶⁵ BACZKO, op. cit., p. 324

último, somente foi objeto de classificação do jornal, durante os três últimos meses de 1912, a partir do momento em que o “coronel” Francisco Ferreira de Albuquerque, o denunciou como monarquista.

Durante essa fase, os sertanejos ficaram relegados à condição de analfabetos e incultos, tendo a ignorância como fator preponderante no levante, na opinião dos cronistas: “Mas, a questão é que os caboclos, homens sem cultura e de uma credulidade inconsciente, deixam-se arrastar facilmente, quando se lhes contam cousas que os impressionam pela estupidez”.⁶⁶ Cultura e consciência, neste caso, são as características ausentes aqueles que moram no sertão. Surgem aqui, as primeiras oposições que estruturam as forças efetivas do discurso “civilizador” encaminhado pelo Diário da Tarde. Mesmo caracterizados como “inconscientes” e “incultos”, são definidos como “elementos perturbadores da ordem” e “capazes de produzir graves depredações e desordens.”⁶⁷ Essas noções assentavam em uma comunidade de imaginação que, não somente reconheceu como sua, mas legitimou essas definições de homem, ao consentir com a repressão militar que levou tantas pessoas à morte.⁶⁸ Verifiquemos agora, a partir de quais formulações o Diário da Tarde definiu os participantes do Movimento do Contestado.

Em seguida à morte de João Gualberto, longe de serem considerados inofensivos, os rebeldes são caracterizados das mais variadas formas: “bandoleiros hirsutos”, “horda de bandidos”, “bando de facinoras”, prevalecendo, entretanto, textos caracterizando-os como “ignorantes caboclos”, explorados por José Maria um “perigoso homem”.⁶⁹ Em outros momentos, atribuem a direção do movimento a outros indivíduos, como Miguel Fragoso, Miguel Fabrício das Neves ou Juca Fabrício, proprietários de terras na região do Irani e simpatizantes de José Maria.⁷⁰

⁶⁶ **Diário da Tarde**, Curitiba, 26 de setembro de 1912, n. 4183, p. 1, c. 5-6.

⁶⁷ *Ibid.*, 26 de setembro de 1912, n. 4183, p. 2, coluna Samaritana e 14 de outubro de 1912, n. 4198, p. 4, respectivamente.

⁶⁸ Segundo Micael Herschmann e Carlos Alberto Pereira “Tanto na última década do século XX quanto nos anos 30, constatamos a preocupação, por parte das elites, em montar um arcabouço institucional que “localizasse” no espaço social as idéias hegemônicas.” Enfatizam ainda que, na virada do XIX para o XX, a palavra de ordem era “civilizar”, ficando em pé de igualdade com a Europa. Ver HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (orgs.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 12.

⁶⁹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 23, 25, 28 e 31 de outubro de 1912, respectivamente.

⁷⁰ Eles eram proprietários de terras na região do Irani e possuíam um grande número de homens à sua disposição. Ao que parece, todos eram simpáticos a José Maria, que considerava a

Esses homens, em relação aos quais foi levantada a hipótese de liderança na batalha contra as tropas paranaenses, tal como José Maria, foram considerados perniciosos. Miguel Fragoso, por exemplo, foi denominado “caudilho” além de “terrível bandoleiro.”⁷¹

Diversos momentos de incerteza e confusão podem ser encontrados nas notícias. Eles se referem ao número de sertanejos que travaram combate contra as forças paranaenses e às armas que possuíam. Em alguns momentos, encontramos a afirmação de que o número de adeptos do monge chegava a 500, em outros: “Dizem as ultimas praças chegadas do Irany, que a columna foi inopinadamente cercada por mais de 300 fanáticos, inclusive mulheres”.⁷² Chegaram ao ponto de abrir para o público a confusão na qual se encontravam, conforme podemos observar no telegrama recebido de União da Vitória e publicado no Diário da Tarde, em 24 de outubro de 1912:

Antes, muito antes de mover-se o regimento de Segurança, já corriam aqui em União da Victória, descontraídos boatos sobre o monge José Maria. Ora, o monge tinha 200 homens outr’ora, o monge proclamava a monarchia em Campos Novos, (S. Catharina) e por último, já elle tinha tomado conta da cidade de Palmas, onde havia aprisionado diversas pessoas de influencia política, etc.⁷³

A mesma confusão se dava com relação às armas que os sertanejos teriam utilizado na batalha. Primeiramente, enfatizaram que “o armamento dos fanáticos é idêntico ao que usa o Exercito” e, em seguida, “matando a facção os primeiros soldados e quem encontraram na frente”.⁷⁴ Essas notícias nem sempre vinham sob a autoria do jornal. Na maioria das vezes, eram transcrições de telegramas recebidos dos municípios próximos ao Irani, que transmitiam informações pouco claras e até contraditórias. Esses elementos, demonstram que os sertanejos eram, antes de tudo, um mistério a ser desvendado pela imprensa.

Na busca por uma definição desses homens, eles foram considerados assassinos, cruéis e sanguinolentos, terminologias essas associadas principalmente à morte de João Gualberto. Ainda não se sabia ao certo as proporções do

população do Irani “sua gente”. Ao chegar ao território paranaense, encontrou abrigo nas residências dessas pessoas. Cf. QUEIROZ, op. cit., p. 92, 93, 97 e 98.

⁷¹ **Diário da Tarde**, Curitiba, 24 de outubro de 1912, n. 4207, p. 1, 2 e 4.

⁷² *Ibid.*, 23 de outubro de 1912, n. 4206, p. 1 e 28 de outubro de 1912, n. 4208, p. 1 e 4, respectivamente.

⁷³ *Ibid.*, 24 de outubro de 1912, n. 4207, p. 1, 2 e 4.

movimento, o interesse dos “fanáticos” ou o número de adeptos. As notícias procuravam descobrir aspectos relacionados ao meio e à cultura desse povo, tentando mesmo estabelecer uma genealogia da experiência sertaneja, inclusive de seus momentos de conflitos e lutas. Assim, por exemplo, em 20 de novembro de 1912, o Diário da Tarde publicou um artigo intitulado *A vida que levam os bandidos nos sertões do Paraná*.⁷⁵ O texto, sem autoria, tem por objetivo “contar-se a vida dos bandidos no sertão do Paraná, agora que aquella parte do adeantado Estado se acha conflagrada por um bando aventureiro.” Em seguida, buscaram definir “que espécie de gente é essa que engrossa as fileiras bandoleiras” evidenciando o perigo que corria a população uma vez que esses indivíduos estavam “de posse de armamentos de guerra moderno.” Armamentos esses que, pelo que se sabe, não passavam de algumas winchesters e facões de pau.

Em seguida, no mesmo artigo, o cronista relatou experiências vividas por homens “civilizados” ao lado dos caboclos. Citaram o conflito da Lapa, quando o coronel Joaquim Lacerda “um dos chefes políticos de maior prestígio no Paraná”, que combateu ao lado do Gen. Carneiro, teve à sua disposição centenas de caboclos “o melhor elemento que tiveram as forças legaes”. Se por um lado, o discurso atribuiu como característica negativa o bandolerismo no qual viviam os sertanejos, por outro lado, o fato de serem corajosos e afeitos à luta foi abordado de forma positiva:

Os combates travados naquella velha cidade [a Lapa] são a prova da bravura daquela gente afeita a lucta. O inimigo tinha todas as vantagens: superioridade em número, em armas, em posições, em víveres. Foi apertado o cerco. Durante os combates [os sertanejos] pareciam verdadeiros heroes.⁷⁶

Assim, quando lutaram ao lado dos representantes do poder, foram heróis. Porém, em seguida foram incriminados. Ao lutarem contra as forças oficiais, foram considerados assassinos, como mostra a notícia ao se referir a um importante atirador que os auxiliou na luta contra os maragados, conhecido como João Gordo:

Certa vez, o general, que admirava da certeza da sua pontaria, viu um soldado inimigo empunhando a bandeira no cemitério, entre outros camaradas.

⁷⁴ Ibid., 25 de outubro de 1912, n. 4208, p. 1 e 4 e 26 de outubro de 1912, n. 4209, p. 4.

⁷⁵ Ibid., 20 de novembro de 1912, n. 4230, p. 1, c. 7.

⁷⁶ Id.

- Se és capaz mata aquelle, disse o soldado. É este, levando a carabina a mira, deu ao gatilho. A bandeira tombou e com ella o soldado. (...). Terminada a revolução, esse mesmo homem, que tantos serviços prestou à pátria, tornou-se um assassino terrível.⁷⁷

Além dessas experiências, o Diário da Tarde publicou informações quanto ao universo valorativo dos sertanejos e suas práticas cotidianas. Além de informar, alimentavam o imaginário daqueles que se debruçavam sobre a leitura das notícias referentes ao conflito.

Euzebio Ferreira, indivíduo remediado em meios de vida foi ou é adepto fervoroso do monge José Maria falecido no combate do Irany. Residem em São Sebastião e acha-se em Taquarussú onde espera com fé sebastiânica a volta do monge que 'não morreu' ou que ressuscitará. (...)

Têm esses homens feito vendas de gados e outros teres para occorrer ás primeiras despesas com a guerra de S. Sebastião, pregada pelo monge.

Há pouco tempo se reuniram 80 a 100 pessoas e fizeram uma procissão invocatória em a qual ou depois da qual o monge fallou, promettendo breve regresso. (...)

Euzebio tem um filho chamado Manoel, que desde pequeno deu suas notas de expertise. Agora ele é vidente interprete do monge que não apparece, mas com quem se communica e cujas ordens recebe e transmite aos "povos". Todas as manhãs os fieis vão beijar-lhe os pés. (...) O filho de Euzebio de vez em quando vai ao mato próximo e lá ouve o que diz o monge. Volta e communica. Seguem-se as orações e supplicas e também as libações pois segundo parece os sequazes crêem no monge mas não descrêem de Noé ou de Baccho e cultuam em ambos os ritos. A cachaça é o gênero que elles sacrificam para "Maior Gloria do Monge".⁷⁸

Além das atividades que faziam parte do dia-a-dia dos rebeldes, atitudes depreciatórias como a bebida, lhes foram atribuídas. A partir de dezembro de 1913, os sertanejos novamente voltaram a se reunir no município denominado Taquaruçu, em território catarinense, porém contestado pelo Paraná. Ali, eles aguardavam o retorno do monge José Maria, enquanto edificavam sua "Cidade Santa". Em um misto de desconfiança, agressividade em relação ao estado vizinho e preocupação, o Diário da Tarde novamente passou a publicar notícias diárias sobre os acontecimentos, geralmente sob o título "Os sucessos de Taquarussu", enfocando a necessidade de dispersão sem derramamento de sangue. A partir desse momento, os sertanejos foram representados como vítimas do analfabetismo e da política catarinense, sendo referidos, recorrentemente, como "miseros caipiras". O periódico, alterou o que vinha defendendo até então, enfatizando o caráter pacífico do Movimento e a inconsciência daqueles que se rebelavam. A culpa foi atribuída aos governantes catarinenses e, apesar das práticas sertanejas continuarem sendo

⁷⁷ Id.

apresentadas de forma exótica, o moralismo presente nos redutos se tornou elemento fundamental no interior de um discurso que buscou consolidar uma identidade culpando o estado vizinho⁷⁹.

Os fanáticos reuniram-se duas vezes durante o dia ao toque de um velho tambor de pelle de carneiro.

Reunidos, punham-se em fôrmas e em seguida, enfileirados, percorriam o “gramado” dando vivas a todos os santos, a José Maria e á liberdade.

Havia entre elles evidentemente muita ignorância, como é natural, pois em todo o Taquarussú que conta para mais de cinco mil almas, não existe uma única escola!

(ás escolas em Santa Catharina existem só nas cidades ou villas e suas proximidades.)

Os fanáticos obedecem a uma ordem superior.

Fallam só em José Maria.

O intermediário divino, no Taquarussú era um mulatinho de dez annos, filho de um tal Linhares.

Este transmittia as inspirações celestiaes, mui reservadamente, só a seu pai e a um negro velho de cerca de setenta annos.

Linhares e o negro, por seu turno, expediam as ordens recebidas, que eram religiosamente observadas por Anseleto Ribeiro, o chefe ostensivo do reducto e seus subordinados.

Ao cahir da noite, olhavam para as nuvens e grimpas dos pinheiros e allucinados julgavam ver castellos, cidades, torres, igrejas e o ‘exercito’ de São Jorge e São Sebastião. (...)

Havia entre elles a mais absoluta moralidade.⁸⁰

A culpa não recaía mais sobre os sertanejos, mas sim nos governantes de Santa Catarina que propiciaram a falta de consciência àqueles que, não tendo acesso a escolas, se revoltaram contra os mandatários locais. Essa representação, permanecerá nas páginas do Diário da Tarde até o final do Movimento. Unindo a questão de limites à culpabilização dos políticos catarinenses, os sertanejos foram considerados vítimas das circunstâncias e do abandono no qual se encontravam.

3.2.1.4 Algumas representações geográficas

Segundo Candice Vidal e Souza, as noções de sertão e litoral foram importantes categorias na construção de uma representação sobre o Brasil e os brasileiros, por parte dos pensadores sociais.⁸¹ Essa representação, entretanto, não esteve circunscrita somente a esses intelectuais, mas compôs o imaginário de uma época, tornando-se paradigmático das formas de se pensar a sociedade brasileira.

⁷⁸ Ibid., 30 de dezembro de 1913, n. 4574, p. 4, c. 4-7.

⁷⁹ Taquaruçu foi o primeiro reduto no qual reuniram-se os sertanejos. Esse local, foi atacado pelas forças do exército em fevereiro de 1914, momento em que morreram muitas pessoas. A partir dessa data, o Diário da Tarde reforça a idéia de humanismo para com os sertanejos, passando, cada vez de forma mais enfática, a atacar os representantes do governo catarinense.

⁸⁰ Ibid., 06 de março de 1914, n. 4629, p. 4, c. 2-4.

⁸¹ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 25.

Isso, também pode ser percebido, ao percorrermos as páginas do Diário da Tarde, em suas notícias referentes ao Movimento do Contestado.

Em diversas crônicas, esse periódico também expressou, guardando suas especificidades, um imaginário geográfico que evidenciou representações sobre a identidade brasileira, demonstrando a forma como os paranaenses, e mais, os próprios brasileiros compreendiam uma parte de seu país.

Muitas vezes, essas referências seguiam o mesmo tom romântico presente na crônica de Cleto da Silva. “Esta vae cheia de saudades e do tédio que nos enche a alma pelos dias passados neste solitário e nostálgico sertão, a margem do Rio do Peixe.”⁸²E assim, seguem descrições sobre o sertanejo e o local onde estes habitavam. De forma melancólica, o espaço foi representado a partir de suas características naturais. A natureza surgiu como parte integrante do interior, do local sertão:

Muito longe ainda?

Menos de meia légua. Lá surgem as primeiras habitações.

De feito, a claridade opalescente do luar, as primeiras casas do Itayópolis appareciam, numa eminência do terreno, em duas grandes filas paralelas.

A estrada alargava-se agora plana, larga, bem cuidada.

Era como immensa fita de prata que se fosse distendendo através da matta, colleando montes, subindo cêrros, transpondo arrojos.

Erguiam-se-lhe aos flancos, como solitários monges, esguios pinheiros seculares, as verdes cômas farfalhando ao vento.

A temperatura baixava a mais e mais: e o sueste inclemente que se desencadeou feroz era bem o prenuncio da geada, que, pela noite fora, deveria transmudar o verde profundo da floresta, dos campos e das collinas na algida brancura das alvoradas hyemaes.

Pela calada da noite, a luz fúnebre da lua, aquelles três cavalleiros silenciosos, embuçados em negros ponches, tiritando de frio, as esporas vibrando num sonido mettalico, reproduziam a trágica ensenação de alguma tela medieva.⁸³

Apesar da recorrência à natureza, o cronista demonstrou que o inóspito sertão do interior paranaense se diferenciava dos outros sertões do Brasil, possuindo características próprias. A geada e o pinheiro constituíram elementos fundamentais na definição deste local e a comparação com “alguma tela medieva” dá o tom melancólico e romântico à narrativa. Muitas vezes, pareceu-nos que o autor inspirou-se em *Os Sertões*, pois assim como Euclides da Cunha, Victor Grein tentou descrever aspectos relacionados ao clima e à vegetação, inserindo o homem

⁸² Ibid., 10 de outubro de 1912, n. 4195, p. 1, c. 3-4.

⁸³ 16/12/12, p. 1, c. 3,4, n. 4252.

sertanejo nesse meio, de forma que parece, àquele que se detêm em suas páginas, que esse local se diferencia demasiadamente da Curitiba do início do século XX.

No entanto, boa parte das notícias que se referem à questão espacial, tratam a respeito das dificuldades encontradas no meio em que viviam os sertanejos. As tropas que seguiram para o Irani, a partir de 1912, por exemplo, relataram as dificuldades no transporte, não somente de cargas, mas principalmente dos soldados que seguiam a pé e a cavalo.⁸⁴ Os jornalistas e soldados enviados ao local, queixavam-se constantemente das dificuldades relacionadas ao clima e ao solo típicos da região serrana, fator espacial de fundamental importância para os sertanejos que se aproveitaram desses fatores, incluindo-os em sua tática de luta contra as forças oficiais.

Informações que reputamos muito valiosas nos dizem que as forças federaes que brevemente entrarão em combate contra os jagunços começaram a sentir os horrores daquelles sertões. Ali tem chovido constantemente, o que sem duvida há de augmentar o estado precário em que se acham os que foram incumbidos de restituir a calma aquella região de nossa terra.

O que, porem, leva o desanimo aos soldados e não menos aos seus chefes, é a posição singular em que se encontram as forças federaes. Os inimigos não guerream a peito descoberto, (...) de maneira a poderem ser atacados sem rebufos e nobremente. Mas, pelo contrário, vivem refugiados no matto, de onde sahem de vez em quando para as emboscadas traiçoeiras. (...)

Os jagunços transportam-se de um logar para outro com a maior facilidade, e não se transportam carreando caminhos limpos aonde podem ser atacados.

O seu trajecto é de serra para serra, de matto fechado para matto virgem, de modo que não são vistos e portanto não poderão ser atacados.⁸⁵

A idéia de sertão, talvez devido a uma permanência da própria obra euclidiana, em um primeiro momento, nos remete a um local árido, seco, sem vegetação, onde o sol é o grande companheiro da terra ressequida. No início do século XX, entretanto, a noção de sertão extrapolava a idéia do clima indo buscar no fator isolamento o seu lugar comum. Isso pode ser percebido ao acompanharmos as notícias referentes ao Movimento do Contestado nas páginas do Diário da Tarde. Nas notícias, não somente existe uma constante recorrência, mas o termo “sertão” aparece de forma bastante natural quando os cronistas se dirigem ao interior catarinense ou paranaense. Natural, porém diferente e necessário de ser incorporado ao conjunto da nação, ele aparece sempre como o contraponto da

⁸⁴ Ibid., 26 de setembro de 1912, n. 4183, p. 1, c. 5-6.

⁸⁵ Ibid., 13 de abril de 1914.

civilização. Os sertanejos, “abandonando os lares, desprezando o trabalho honesto e divorciando-se da civilização, se internaram, errantes, pelos sertões desertos, para attentar, de armas na mão, contra a ordem e contra as autoridades legalmente constituídas.”⁸⁶

O sertão constituía a extensão territorial desafiadora, difícil de ser conquistada, principalmente pelas suas características naturais. Representava, enfim, uma região inóspita, um local que se destacava como resistência pois, apesar de percorrido, não fora dominado. Por um lado ele designava “uma região do mapa imaginário do Brasil”⁸⁷ e por outro um viver particular dos habitantes do interior. “Por ambos os temas se articulam reflexões sobre o projeto nacional, em tentativas de acompanhar como o sertão tem feito o Brasil e por que razões determina os rumos da nacionalidade.” Nesse sentido, o Diário da Tarde articulou um discurso onde a possibilidade de inserir os sertanejos ao fluxo homogeneizante da nacionalidade, estaria necessariamente relacionado à criação de escolas no sertão. Essa foi uma dentre várias das representações que permearam o imaginário dos relatores do Movimento. “Se pode reconhecer no pensamento social uma formação coletiva que produz discurso poderoso e eficaz sobre regiões da nação.”⁸⁸ O que significa dizer que essas formulações estiveram de acordo com as formas de hierarquia, dominação e poder da sociedade em questão. Formular as regiões, criar imagens sobre elas, foi uma forma de firmar um domínio político e manter o poder.

3.2.1.5 O olhar romântico

No ano de 1912, foram publicados alguns artigos, buscando definir o homem sertanejo, prevalecendo um olhar romântico sobre estes: “Quem tenha viajado nos nossos sertões (refiro-me ao planalto paranaense), encontrará no meio dessa riquíssima floresta soberba de araucárias e da liex paranaense, o ranchinho do caboclo, como geralmente é conhecido o nosso caipira.”⁸⁹ Neste trecho, o autor situa geograficamente o sertanejo no território paranaense. Talvez isso se deva ao fato da

⁸⁶ Ibid., 04 de janeiro de 1915, n. 4983, p. 1, c. 4.

⁸⁷ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 51.

⁸⁸ Ibid., p. 28.

⁸⁹ Ibid., 12 de novembro de 1912, n. 4223, p. 1, c. 6-7. Artigo de autoria de José Julio Cleto da Silva.

noticia designar o morador desse local como pacífico, diferenciando-o, dessa forma, do sertanejo caratarinense, considerado perigoso nesse momento recente à morte de João Gualberto.

Sob o título de *A vida sertaneja*, Cleto da Silva, um político morador da região tece alguns comentários referentes à vida dos “caipiras” nos sertões. Pautando-se em valores evolucionistas e europocêntricos, o “caipira”, vivia longe da civilização e não se interessava muito pelo trabalho, elemento fundamental para o progresso. Depois de definir o morador desse local como caipira ou caboclo, tal personagem recebeu os apetrechos que, conforme o olhar do autor, lhes eram característicos: “indispensáveis á sua vida de matreiro: - serigote, redeas, buçalete; uma espingarda, marca picapao e o respectivo bocó de couro de capivara onde elle guarda a munição.” Objetos esses, próprios àqueles que vivem em uma região inóspita e de difícil sobrevivência. Além desses itens, foram considerados “de um valor inestimável”, a cuia para o chimarrão, a bombilha de metal, a viola e o cão.⁹⁰

Assim, algumas notícias são publicadas sobre o modo de vida sertanejo, que é relatado de forma melancólica, como se o mal-estar da modernidade não tivesse, ainda, atingido sua vida bucólica e pitoresca: “Longe da civilização, alheio ao evoluir constante dos grandes centros o caboclo desconhece os males que affligem esse turbilhão humano, que lucha desesperadamente, ou que se levanta, por momentos, sem jamais alcançar a meta dos seus desejos.”⁹¹ Foi um pessimismo do meio urbano, unido a um romantismo em relação ao meio sertanejo, como se o homem do interior, isolado da civilização, ainda não tivesse sentido os seus males. Os grandes centros urbanos brasileiros, apesar de serem considerados o projeto da civilização, também se caracterizam como o lugar onde o homem se sentia infeliz, onde existia um turbilhão humano, no seu vai e vem cotidiano, como se todos vivessem uma luta eterna, mas jamais obtendo a felicidade. O sertanejo, por sua vez, era aquele morador simples, que levava uma vida pacata, sossegada, voltado simplesmente à sua sobrevivência diária.

De forma melancólica e pesarosa, novamente o autor se refere à vida do caboclo, contrapondo-a à civilização. “Quantas recordações, me vem a memória, desses bons tempos que já vão distantes: tempos felizes em que eu também

⁹⁰ Id.

⁹¹ Id.

macetava o pinhão, palestrando com o caboclo, numa intimidade sincera, sem rodeios, sem essas etiquetas que a civilização nos impõe.”⁹² A etiqueta, embora elemento importante para os valores culturais defendidos pelos civilizados, é apresentada aqui quase como um fardo, uma preocupação constante, diferentemente da vida do caboclo, simples e rude. Novamente, surge a dicotomia da modernidade – bastante presente na crônica deste autor – lugar ideal por ser civilizado, porém triste por exigir atitudes artificiais daqueles que viviam sob suas insígnias.

Em seguida, o autor apresenta aspectos do cotidiano do sertanejo. Este, aparece como um exímio narrador, contando as proezas e aventuras comuns no meio rural, o que caracteriza mais um motivo para diferenciar o caboclo do homem das letras: “o caboclo passou-me a contar (não histórias das guerras entre os homens que se dizem civilizados e que, em nome da ambição se matam barbaramente), mas, elle ia-me contando dos contratempos nas roças.”⁹³ Novamente a frase soa de forma pessimista. Para Cleto da Silva, diferentemente da maioria dos cronistas, a barbárie estava em matar em nome da ambição.

O estereótipo do sertanejo surgiu também na visão dos cronistas do período. Entre desqualificado e idealizado de forma não pouco romântica, as representações fizeram parte do imaginário sobre o brasileiro, imaginário esse que foi gestado no decorrer do tempo, solidificando-se nesse período. Talvez, o personagem de Jeca Tatu, que surge através da pena de Monteiro Lobato dois anos depois, seja a figura mais representativa dessa imagem do verdadeiro brasileiro, “juntando e materializando idéias que antes se encontravam e permitindo a elaboração e visualização de uma imagem estereotipada, que catalisou, naquele momento, opiniões que antes não encontravam endereço certo.”⁹⁴

A questão lingüística, também explorada pelo cronista do Diário da Tarde, constituiu um importante elemento na definição desse homem do interior, bem como na posterior solidificação de um estereótipo do homem “caipira”, ainda hoje bastante presentes nos meios culturais que circulam em nosso país

⁹² Id.

⁹³ Id.

⁹⁴ NAXARA, op. cit., p. 24.

Prometti, então, arranjar-lhe um cão de caça, ao que elle me respondeu: - “Iguar ao Capanga não pinta outro... e continuou “Vance tá vendo o Brazino ahi deitado”. Esse “animar” já “foi barbaridade de bão, mas porém agora tá veio” coitado! Não aguenta mata uma corridinha meio apurada... e repetiu! – Quar como o Capanga não pinta outro!...”⁹⁵

Essa representação, ainda bastante “eficaz” e presente, induz à idéia de que a ignorância anda de braços dados com a pronúncia ou com o vocabulário e demonstra ainda, a permanência de um pensamento.

Portanto, os aspectos culturais, a forma de vida, de moradia do caboclo se tornaram importantes na diferenciação em relação àqueles a quem se destinavam os jornais. A sua habitação, o ranchinho caipira, era feito de “paos roliços”, amarrados com cipó, coberto com taboas, sem forro e sem assoalho, características bastante impróprias para um período em que se pretende a higienização das habitações. Finalmente, constata o cronista: “E é ahi, cercado dessa simplicidade bucólica, nesse casebre tosco e pequenino, que o caboclo nasce, vive e morre.” Como que cumprindo um ciclo, sem ambições maiores da vida. O cronista encerra, evidenciando que o mundo ao qual se referiu não era aquele do qual fazia parte, mas sim um universo próprio, exótico e, ao mesmo tempo, distante do local de onde falava.

3.2.1.6 O olhar científico

Nesse período, a intelectualidade brasileira fundamentou sua epistemologia nas noções de raça e meio, demonstrando, a partir dessas construções, as diferenças existentes entre o Brasil e a Europa, lugar privilegiado da civilização. A comparação do brasileiro com o “tipo” europeu ganhou espaço na representação daquilo que seria o ideal da humanidade, sempre acompanhada dos princípios evolutivos, para onde parecia, ao olhar dos cronistas do início do XX, caminhar a humanidade.⁹⁶ Partindo dessas premissas, são apresentados ao leitor os habitantes de Itayópolis, local então pertencente à parcela contestada do território paranaense. Os cronistas, apesar de se pautarem em idéias hegemônicas, buscaram adaptá-las à realidade local. Diferentemente do discurso euclidiano, que nos via fadados à civilização, a qual precederia, entretanto, uma guerra entre as raças da qual os mais

⁹⁵ Id. O sertanejo refere-se a um cachorro, o qual teria morto um tigre.

fortes, neste caso os europeus, sairiam vencedores, o Diário da Tarde evidenciou o fato dos imigrantes europeus se adaptarem à cultura sertaneja e não o inverso.

A totalidade dos habitantes é formada em sua maioria de polacos, ruthenos, gallicianos, trazidos pela emigração. No meio daquella babel de raças e dialectos raro exponta o typo genuinamente nacional, isento ainda da intromissão do sangue europeu.

Todavia, há perfeita identificação do descendente do colono com o meio e os costumes nacionaes.

A não ser pelos traços phisionomicos que, a primeira vista, o denunciam, por nada mais se differencia este do brasileiro puro. Assimila-lhe o timbre da voz, copia-lhe os gestos e ademaes, reproduz-o integro e parelho.

É de ver o garbo com que loiros filhos de poloneses, de azulados olhos nostálgicos se affazem aos costumes do nosso caboclo. (...)

Hábitos inveterados que os haja, ficam apregados nos velhos ascendentes: porque a prole, nascido ao influxo da nova pátria, rompe de vez com tradições e usos, amoldando-se com rigor ao habitat.

Mas, seja por uma questão de atavismo ou pela influência da educação mestiça, o que não deixa de se transmittir fortemente de uma geração a outra e estabelece um como contágio de uma a outra raça é o fanatismo religioso.

E tanto mais notável é o facto quanto é certo que o único recurso para o dizimar não logra o seu effeito, pois que as escolas leigas são de uma escassez deplorável.⁹⁷

Além dos paranaenses adaptarem parte das idéias hegemônicas à realidade local, a identidade nacional – da mesma forma como aparece na obra de diversos intelectuais do período – esteve ligada à figura do caboclo, “o typo genuinamente nacional”. De maneira determinista, o meio era capaz de “moldar” os descendentes de europeus, nascidos no Brasil mas não considerados “brasileiros puros”. Além do meio, que aproxima o europeu dos hábitos do sertanejo, existe um outro elemento unificador desses habitantes do sertão paranaense: o fanatismo religioso, resultado da ausência de escolas leigas na região e que possibilitou aos imigrantes considerarem o padre autoridade máxima.

A educação ilustrada e enciclopédica, nesse sentido, foi compreendida como uma das vias condutoras, talvez a principal, para o caminho da civilização, fator pelo qual o litoral se diferenciava do sertão, que não possuía escolas. Esse foi um dos primeiros artigos sobre o movimento abordando a falta de escolas na região contestada, discurso que será reforçado a partir da destruição de Taquarussú, em 1914, quando os sertanejos passaram a ser representados como vítimas das circunstâncias e do abandono dos governos.

⁹⁶ ORTIZ, op. cit., p. 15-17.

⁹⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 16 de dezembro de 1912, n. 4252, p. 1, c. 3-4.

Ao lado da idéia de ignorância, surgiu também a noção de loucura e inconsciência nas notícias sobre o Movimento. Os sertanejos foram considerados “homens, mulheres e crianças, que agem inconscientemente, acorrentadas á cegueira da ignorância e sugestionados pelo fanatismo religioso” e apresentam “signaes de alienação mental”⁹⁸. Terminologias que comprovassem essa tese e construções textuais que privilegiaram termos derivados da idéia de loucura, estiveram presentes nas notícias sobre o Contestado.

No vocabulário da imprensa e de diferentes setores do governo catarinense, os sertanejos foram denominados fanáticos, sendo que a partir de 1914, com o desenvolvimento do conflito, esse termo esteve associado ao de bandidos e jagunços.⁹⁹ O Diário da Tarde, diferentemente, passou a enfatizar as noções relacionadas à loucura:

Uma centena de indivíduos, míseros sertanejos, reúnem-se num certo ponto do território de Santa Catharina, afim de seguir o ‘seu vidente’, um perfeito typo de desequilibrado, atacado de exaltação religiosa.” (...)

Pelas palavras dos fanáticos, pelas respostas aos conselhos dos missionários, pelas ameaças ás censuras que este articulara contra os erros de sua crença absurda, torna-se evidente o estado de perturbação daquelles rudes espíritos, de sertanejos, abandonados á sua própria sorte e entregues á mais completa ignorância.¹⁰⁰

Podemos considerar as noções de loucura e inconsciência, importantes para a constituição do pensamento hegemônico do período, que atribuiu ao desconhecido ou a aquilo que não poderia ser controlado, o *status* de loucura. Segundo Jacqueline Hermann, as interpretações de Nina Rodrigues, assim como as de Euclides da Cunha, tornaram-se também parte do imaginário do período. Como médico, Nina Rodrigues estudou o Movimento de Canudos, buscando a origem da rebeldia sertaneja. Uma das idéias que fundamentou sua resposta, foi a atribuição de loucura ao líder do movimento baiano, Antonio Conselheiro. Como médico, obteve credibilidade em suas análises, uma vez que agiu como representante da razão, portanto dos civilizados. Caracterizando-se como um eminente cientista brasileiro, teve suas idéias aceitas e assimiladas pela intelectualidade.¹⁰¹

⁹⁸ Id. 05 de janeiro de 1914, n. 4578, p. 1, c. 1-2 e 27 de janeiro de 1914, n. 4623, p. 4, c. 2-3.

⁹⁹ MACHADO, op. cit., p. 1.

¹⁰⁰ **Diário da Tarde**, Curitiba, 05 de janeiro de 1914, n. 4578, p. 1, c. 1-2.

¹⁰¹ HERMANN, op. cit., p.133-136.

A idéia da loucura sertaneja, como parte do discurso intelectual, nos interessa na medida em que esteve presente no imaginário social do período e foi utilizada de forma a classificar e justificar os acontecimentos contrários à República. Portanto, acionar o termo “loucura” longe de ser uma defesa dos marginalizados e oprimidos, sugeria uma necessidade repressiva, uma vez que esse termo designava uma doença. Conforme Hermann

a sacralidade da ciência funciona como a base exata e inquestionável para o enfrentamento belicoso e violento contra o desconhecido que, uma vez classificado e nomeado de “reduto da loucura”, é aprisionado numa inteligibilidade totalmente alheia ao acontecimento em si, mas com um sentido preciso numa rede de significações.¹⁰²

Buscando, portanto, construir uma rede de significações de acordo com o pensamento hegemônico do início do século XX, o jornal pode ser compreendido como um instrumento de persuasão, legitimação e interiorização de valores e crenças, uma vez que ele, como importante meio de comunicação da época, veiculava informações, notícias e pareceres relacionados à forma como a sociedade letrada considerava os outros grupos.

A humanidade para com os “miseráveis desgraçados” se tornou também parte importante no conjunto dos textos sobre o Movimento. Seguiram-se diversas notícias, acompanhadas desse discurso para com o “estado de allucinação” em que se encontravam os rebeldes.

Mas que mal fez essa gente, que crime praticou para ser assim atacada? Que crime praticou para arrojar-se sobre ella o Exército Nacional?

Pois é inadmissível que (...) o exercito vá fazer o papel de ‘capitão do matto’, atacando e matando os desgraçados que estão reunidos para rezar, a espera de seu monge – sem, até aquele momento pelo menos – ter cometido crime, assaltos ou depredações de qualquer natureza! (...)

Não temos o direito de matar os pobres caboclos, que se reúnem, sem cometer crime algum, para cultuar o espírito de seu monge ou cumprir as allucinações de seu “vidente”. Se é um crime o agrupamento, crime maior é voltar contra os peitos dos sertanejos, de suas mulheres, de suas innocentes crianças as metralhadores que a nação nos entregou para defendermos a honra da Pátria!

Os sentimentos de humanidade protestam contra a trucidação de brasileiros, homens, mulheres e crianças que não cometeram crime algum, e, que, mesmo que o cometesse, não podiam ser assim castigados.

Se a lei protege o índio e o considera um tutelado do Estado, com que direito se mata o caboclo fanático, que no estado de ignorancia e inconsciência em que se encontra, pode ser equiparado aquelle?¹⁰³

¹⁰² Ibid., p. 137.

A comparação com os indígenas demonstra que, longe de cultivar um respeito pela iniciativa dos sertanejos ou de ver em seu ato uma significação política, a eles foi negado o direito de opinar quanto a sua história, cabendo, neste caso, a própria tutela. Nesse sentido, eles foram considerados incapazes de atuar politicamente. Esvaziou-se a questão política, rementendo o Movimento ao conceito de irresponsabilidade e loucura. Observamos ainda que a menção a crianças e mulheres se tornou um recurso retórico bastante utilizado, com o objetivo de propiciar cenas que percorriam o caminho do drama e da tragédia.

Assim, assumindo um discurso paternalista e protecionista, construíram representações nomeando os civilizados e os irracionais

Temos, pois, razão de insistir sobre este ponto, o erro, a deshumanidade de se atacar essa pobre gente, que nenhum mal fez, que crime algum praticou e a qual, pela sua condição de irresponsabilidade, devia ser tratada com mais brandura.

As feras se subjagam por meios brandos. Os ferozes boróros se tornam homens benignos pelos inteligentes processos de pacificação.]

Por que havemos de esmagar a ferro e fogo os míseros fanáticos?

Homens rudes, mergulhados na noite da mais crassa ignorância, possessos de furor religioso, elles são capazes de excessos, que praticam com a mesma naturalidade com que – segos e embriagados pelos fanatismo, - se atiram á bocca das nossas metralhadoras.

É preciso porém que, nós, humanos e civilizados não nos colloquemos ao seu nível indo batel-os, pretendendo reduzil-os pela força – o que é uma tentativa vã.

É certo, porém, que , por esse processo elles não serão reduzidos, serão esmagados, nessa luta desigual, que tem algo de [?], porque o facto é que os pobres sertanejos não serão vencidos – morrerão com á sua crença, arrastados voluntariamente ao irremediável suicídio.

Humanos e civilizados, repetimos, temos o dever de despertar a piedade de todos para as pobres mulheres, para as infelizes criancinhas, que vão morrer sem saber porque...¹⁰⁴

Foi assim, desumanizando aqueles que consideravam fanáticos, que eles humanizaram os que se localizavam do outro lado. Defendendo o cerco pela fome em vez da utilização de armas, o discurso humanitário considerou que o diálogo era a melhor maneira de levar a civilização àqueles que ainda estavam à margem dela. “Porque não havíamos de usar desse processo digno, humano, num conflicto em que uma das partes é a ignorância, o fanatismo e a irresponsabilidade e a outra é o governo, o Estado, um povo culto e civilizado?”¹⁰⁵

Essas notícias denotam o caráter das representações vigentes naquele momento. Civilização se contrapõe a fanatismo e a irresponsabilidade. Após as

¹⁰³ **Diário da Tarde**, Curitiba, 05 de janeiro de 1914, n. 4578, p. 1, c. 1-2.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 06 de janeiro de 1914, n. 4579, p. 4, c. 1-4.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 10 de janeiro de 1914, n. 4583, p. 4, c. 5-7.

investidas rebeldes contra as forças do exército e o crescimento e fortalecimento dos redutos, o Diário da Tarde passou a distinguir dois grupos “fanáticos e bandoleiros”¹⁰⁶. Sob este título, buscaram diferenciar aqueles que se reuniram inconscientemente, sendo conduzidos pela lábia dos bandidos. Acreditavam na existência de sujeitos de má índole entre os rebeldes, apesar da maioria da população ser “ignorante”. Ainda assim, defenderam a pacificação, chegando mesmo a justificar os saques empreendidos pelos sertanejos, afirmando que tal atitude representou a conseqüência e não a causa do Movimento.

Chamá-los de fanáticos foi uma forma de negar a crítica dos moradores da região contestada à sociedade da qual faziam parte e a história que vivenciavam, além de justificar a repressão. As ações dos sertanejos foram interpretadas como parte de sua incultura e barbárie. Tendo suas atitudes e o seu discurso desautorizado, os rebeldes foram inseridos à margem da normalidade e, dessa forma, da possibilidade de escolher um modo de vida que se adequasse às suas necessidades.

Desde o início do Movimento, o Diário da Tarde emitiu opiniões, notícias e pareceres referentes ao conflito. Construiu uma idéia de homem e de lugar. A definição de lugar, neste caso, serviria a este propósito. Já que o sertão é o local da incultura, que direito teriam esses homens de se levantarem contra a República, reflexo da modernidade, do progresso e da civilização? O meio inculto, rústico, simples, analfabeto, era o local da ignorância e não do conhecimento letrado, do iluminismo e da razão. Deste meio, não poderiam advir pessoas capazes de uma crítica inscrita na legitimidade do discurso republicano, pois sua fala foi desautorizada. Essa descrição, passa então a funcionar como uma primeira etapa para os julgamentos avaliativos que acompanharam as notícias.¹⁰⁷

Essa comunidade de imaginação esteve apoiada em uma rede de significações e idéias que se tornaram hegemônicas na forma de pensar o Brasil e os brasileiros, por parte dos intelectuais e pensadores sociais. É importante observar que as elites buscaram montar um sistema institucional que localizasse no espaço

¹⁰⁶ Diferenciação presente sobretudo a partir de 1915.

¹⁰⁷ Segundo Candice Vidal e Souza, essas descrições partem da perspectiva geopolítica e possuem como objetivo reflexões referentes ao destino nacional. VIDAL E SOUZA, op. cit., p. 37.

social essas noções¹⁰⁸, formando assim uma espécie de escudo contra todos aqueles que questionassem o seu poder. Podemos entender a criação desse arsenal de idéias, “formadoras de almas”, seguindo as proposições de Castoriadis: “haverá sempre uma dimensão da instituição da sociedade encarregada desta função essencial: restabelecer a ordem, garantir a vida e a operação da sociedade contra todos e contra tudo o que, atual ou potencialmente, a coloca em perigo.”¹⁰⁹ Dessa forma, as idéias puderam legitimar a utilização das armas. Esse pensamento encontrou sua legitimidade em uma palavra que ainda hoje é utilizada, pelo menos ao nível de senso-comum como expressão da verdade: a ciência.

3.2.1.7 Identidade nacional/regional – uma ferida cultural

Como já observamos no primeiro capítulo, o Movimento do Contestado, em muitos momentos, confundiu-se com a questão de limites territoriais. Esse debate esteve bastante acirrado durante o período do conflito, principalmente nas páginas do Diário da Tarde, demonstrando a existência de ressentimentos por parte dos paranaenses, não somente em relação ao governo catarinense, mas também em relação ao governo federal. No entanto, antes de verificarmos de que forma o periódico tentou consolidar uma identidade regional, é necessário compreendermos alguns aspectos relativos à importância da questão litigiosa no conflito.

Segundo Paulo Pinheiro Machado, apesar da maioria dos lavradores e sitiantes da fronteira entre o Paraná e Santa Catarina serem de origem paranaense, eles simpatizavam com o pleito catarinense, uma vez que poderiam se distanciar do poder dos coronéis que – devido às atividades de grilagem – era mais intenso no Paraná. Para o autor, “a questão de limites foi decisiva para a adesão de comunidades inteiras a vida das ‘Cidades Santas’ e a solução institucional deste problema foi decisiva para impedir um ressurgimento do levante sertanejo.”¹¹⁰

As fontes do período, divergem quanto à relevância da questão de limites para o conflito. Segundo o militar Herculano Teixeira D’Assumpção, que lutou em

¹⁰⁸ Cf. HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 12.

¹⁰⁹ CASTORIADIS, **As encruzilhadas...** p. 130.

¹¹⁰ MACHADO, op. cit., p. 124. Ver também p. 107.

uma das colunas de ataque: "As intrigas sobre o litígio do território contestado foram as principais causadoras da anormalidade dos sertões, nos primórdios do seu movimento armado."¹¹¹ Para, o Gen. Setembrino de Carvalho, que esteve no território contestado de setembro de 1914 a maio de 1915, o litígio foi um aspecto importante. Em uma correspondência dirigida a Felipe Schmidt, então governador de Santa Catarina, enfatizou a "imperiosa necessidade de por um termo á antiga questão de limites que o Estado de Santa Catarina mantém com o Paraná. Estou convicto que ella tem concorrido bastante para esse estado de anarchia, que ha alguns annos vem se manifestando no território contestado"¹¹². O militar conclui que, apesar da "religiosidade primitiva" e da questão dos limites entre os dois Estados, "o verdadeiro pretexto está na politicagem, que separa por interesses oppostos, os cabos eleitoraes de taes sertões" ¹¹³. Portanto, mesmo apontando para a importância do litígio para o Movimento do Contestado, em sua opinião o verdadeiro motivo residia na política local, questões que se confundem e se completam no contexto da disputa territorial.

Em seu relatório, publicou depoimentos de alguns participantes do Movimento, para os quais o litígio teve importância crucial. Um deles foi Henrique Wolland, o "Alemãozinho",¹¹⁴ um dos comandantes de redutos: "E como commandante brigou sempre pela execução da sentença de limites entre os dois Estados. O fanatismo era apenas um meio para a consecução daquelle objectivo."¹¹⁵

No relatório do Gen. Setembrino de Carvalho, também foi publicada uma carta escrita em dezembro de 1914, pelo líder rebelde Antonio Tavares Junior, em resposta ao major Taurino de Rezende.

A causa que defendemos é uma causa sacrosanta, mas que infelizmente até hoje tem sido descurada pela nefasta negligencia dos ex-governadores do meu pobre Estado, e que é a apodrecida questão de limites.

¹¹¹ D'ASSUMPÇÃO, op. cit., p. 213.

¹¹² CARVALHO, **Relatório**..., op. cit., p. 334, anexo 31.

¹¹³ Ibid., p. 3.

¹¹⁴ Henrique Wolland, o "Alemãozinho" era desertor da Marinha de Guerra alemã e, ao que parece, estava a alguns anos na região, uma vez que possuía "sotaque caipira" e conhecia todos os caminhos e redutos, apesar de ter atuado nas proximidades do Rio Negro e Canoinhas. Tornou-se uma liderança sertaneja, comandando vários homens. Foi um dos primeiros líderes a entregar-se às forças do Gen. Setembrino de Carvalho, declarando estar descrente da guerra. Passou a auxiliar o exército na captura de outros grupos rebeldes. Ver QUEIROZ, op. cit., p. 155 e 213.

¹¹⁵ CARVALHO, **Relatório**..., op. cit., p. 90.

Só temos um lemma e esse é: execução da sentença ou morte ! São, illustrissimo senhor, dez mil famílias que se sentem ignominiadas por essa conspurcação vexatória do Direito, da Lei e da Justiça, feito exclusivamente para satisfazer capricho sem razão de ser, de meia dúzia de politiquinhos e acolytada pela “sede insaciável dos nossos visinhos”.

São dez mil famílias que choram o longinquo bem estar de suas residências, são dez mil famílias emfim, que preferem se entregar em holocausto a supportarem à ambição desmedida e perseguição continuas do sequioso Paraná. Foi, pois, impulsionado por esse brado de desespero e de justiça que corri às armas para, ao protesto espontaneo e unanime desse povo bem digno de chamar-se brasileiro, juntar o meu e os meus resumidos esforços, esquecendo filhos, vida e propriedade e não para espalhar o sangue e me tornar bandido de que, me acoima o Paraná. Não pesará acaso na enigmática consciência do ex-presidente da República esta lista fraticida? Certamente, não ; porque pesaria também, nesse caso, o não sei quantos mezes de vergonhoso estado de sitio !¹¹⁶

Na carta, Antonio Tavares Junior credita à questão de limites o motivo da rebelião de seu grupo, afirmando que dez mil famílias sofriam com a indefinição da sentença. Neste relato, devemos levar em consideração alguns fatores. Primeiramente, Antonio Tavares Junior morava na região de Canoinhas, próximo ao Rio Negro, portanto local onde o litígio era disputado ferrenhamente. Outra questão importante de ser verificada refere-se à maneira como esse líder entrou no conflito. Segundo Maurício Vinhas de Queiroz, ele era uma espécie de secretário de um importante capataz do prefeito e chefe político de Canoinhas. Esse capataz, conhecido como Bonifácio Papudo, sofreu grande influência de Antonio Tavares Junior ao se rebelar contra o prefeito. Ao que parece, eles atenderam a uma solicitação de Aleixo Gonçalves, outro importante líder sertanejo, carregando consigo quase toda a população que morava no local.¹¹⁷

Aleixo Gonçalves residia em São Bento há muito tempo, porém possuía terras, registradas em cartórios catarinenses, em Três Barras e na região contestada. No entanto, uma outra família registrou essas propriedades no Paraná, vendendo-as em seguida para a *Southern Brazil and Colonization Company*.¹¹⁸

O fato é que esses líderes conseguiram reunir mais de 1000 homens dispostos à luta. No entanto, os documentos não deixam claro se a maioria desses sertanejos realmente estavam preocupados com a questão de limites. Acreditamos que eles compartilhavam dos mesmos valores e esperanças presentes nos demais redutos, pois segundo uma entrevista realizada por Queiroz, Antonio Tavares Junior

¹¹⁶ Ibid., anexo 15.

¹¹⁷ SOARES, J. O. Pinto. **Guerra em sertões brasileiros** (do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina). Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1931, p. 79.

¹¹⁸ Companhia que firmou contrato com o governo federal para explorar as terras que margeavam a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande.

havia demonstrado certo oportunismo: “Como o povo queria a monarquia, para que o povo o seguisse, também disse que lutava pela monarquia”¹¹⁹ Por saber escrever, acabou por representar os demais que, em sua grande maioria, eram analfabetos. Apesar de singular, seu relato certamente encontrou eco entre muitas pessoas, confundindo-se com outras vozes no interior de uma comunidade mais ampla de imaginação.

Baseados nos itens expostos, acreditamos que para alguns moradores, principalmente os mais influentes, a questão de limites possuía relevância, o que não significa que eles não compartilhassem dos valores ou crenças que alimentaram o Movimento. No entanto, para os sitiantes e posseiros que moravam nas regiões próximas à divisa, a questão estava além de uma demarcação política das fronteiras. Eles queriam viver suas vidas sem a interferência de políticos ou coronéis, importando menos o Estado no qual residiam do que a segurança de terem tranqüilidade em suas terras.

O litígio entre Paraná e Santa Catarina foi um ponto de recorrência e sob o qual se desenvolveram acirrados debates nas páginas do Diário da Tarde, especialmente durante o Movimento. A maioria das notícias referentes a essa temática sempre estiveram relacionadas ao conflito. Partindo dessa disputa, textos irônicos, piadas e relatos ressentidos foram constantes. Essas táticas de escrita revelam tendências de manipulação de opinião¹²⁰, por meio de construções discursivas regionalistas, buscando incitar o público leitor paranaense para o debate e, nessa perspectiva, formar uma identidade sobretudo regional.

É importante lembrarmos que a questão cartográfica, de delimitação de fronteiras, seja em nível nacional ou estadual, foi fundamental nesse período em que a recém-instaurada ordem republicana buscava consolidar seu domínio sobre o território nacional. Nesse sentido, a idéia de fronteira constituiu um importante elemento do imaginário do período. Delimitar fronteiras significava saber o tamanho da extensão de um poder além de indicar a inclusão ou exclusão de determinados grupos sociais no interior de uma nacionalidade, ainda que heterogênea. Fronteira,

¹¹⁹ Depoimento Rosa e Fohy, In: QUEIROZ, op. cit., p. 165.

¹²⁰ GALVÃO, **No calor...**, p. 33.

representou uma idéia bem delimitada e fundamental para a construção de uma identidade nacional e regional.¹²¹

Visando essa construção, o Diário da Tarde funcionou como articulador de uma identidade territorial. Primeiramente, utilizando-se da figura dos soldados mortos em combate. Num segundo momento, por meio das referências à ingenuidade e ignorância dos sertanejos e ao poder de manipulação dos governantes catarinenses.

É possível percebermos também, por meio dessas notícias, a explosão de tensões e ressentimentos – ligados à questão de limites – para com Santa Catarina e, após alguns meses, com o governo federal, bem como a solidificação de um sentimento regionalista, elaborado e evidenciado através dos discursos sobre o Movimento do Contestado. Neste contexto, o Diário da Tarde, não culpou os sertanejos pelos acontecimentos, mas sim o Estado vizinho.

Quando recebeu as primeiras informações referentes ao conflito, o jornal enfatizou as intenções monárquicas do movimento descartando, entretanto, a questão de limites como um dos motivos de sua eclosão.¹²² A partir do início de outubro de 1912, pouco antes da morte de João Gualberto, as notícias ganharam um outro caráter, indicando a possibilidade de que o movimento rebelde seria um ardil catarinense para se apropriar do território contestado. Primeiramente, surgiram informações questionando a gravidade do conflito “Ainda o caso de S. Catharina – Será mesmo o que dizem? – Quase ninguém acredita na blague”¹²³ A partir de então inúmeras notas de incredulidade foram publicadas. “A colônia paranaense aqui está cada vez mais inclinada a crer que há fins ocultos em toda essa ridícula e espalhafatosa comédia”¹²⁴. Até esse momento, colocaram em dúvida não somente a seriedade do Movimento, como também a sua existência. No entanto, é importante enfatizar, que a imprensa deixava transparecer uma certa dificuldade no sentido de estabelecer de forma clara e concreta o que realmente estava acontecendo. Essa

¹²¹ Conforme Nisía Trindade Lima a idéia de fronteira foi utilizada por diversos estudiosos para explicar a democracia norte-americana e persiste como modelo explicativo para se pensar essa sociedade. Somente é possível pensar semelhantemente essa idéia de fronteira para o Brasil, na medida em que “Em ambos os casos, temos um espaço de contornos geográficos pouco definidos, representado como o lugar onde se desenvolveria o mais típico da identidade nacional.” LIMA, op. cit., p. 42.

¹²² Ver WEINHARDT, op. cit., p. 36.

¹²³ **Diário da Tarde**, Curitiba, 27 de setembro de 1912, p. 1, c. Samaritana.

¹²⁴ *Ibid.*, 30 de setembro de 1912, p. 1.

incerteza foi transmitida ao leitor, por meio de diversas notícias. Na dúvida, o Estado vizinho era acusado como responsável pelos acontecimentos.

Em 19 de outubro do mesmo ano, momento em que o grupo de José Maria já estava em território paranaense, reproduzindo uma informação veiculada no Rio de Janeiro, o *Diário da Tarde* afirmou que a situação na região do contestado era grave, supondo "...que o fanático [José Maria] é mandatário dos catarinenses."¹²⁵

Após a morte de João Gualberto, o *Diário da Tarde* se preocupou em classificar os lugares do exército e dos sertanejos na sociedade. Quando os rebeldes voltaram a se reunir, a partir de dezembro de 1913, tornou-se diária a publicação de informes e notícias culpando e, mesmo, agredindo o estado vizinho. As narrativas presentes nos periódicos dessa época, poderiam chegar a agressões políticas, indignação ou ainda levantar acusações, criando intrigas e conspirações, fatores bastante característicos nas notícias sobre o Movimento. O principal alvo dessas agressões, portando, foram os governantes catarinenses, desde a primeira nota sobre Taquarussú.

Essa luta entre imaginários concorrentes, nos remete às reflexões de Baczko, segundo o qual a legitimidade de um poder é duramente disputada entre indivíduos ou grupos, sendo que as relações de força necessitam de uma relação de sentido.¹²⁶ No caso do *Diário da Tarde*, remeter à questão litigiosa, chamar a atenção dos paranaenses para os acontecimentos e as atitudes dos governos catarinenses e federais, é buscar uma legitimidade para o seu poder.

Nos momentos de crise, os imaginários concorrentes são produzidos, e cada qual, lutará arduamente para que as suas representações prevaleçam. Evidenciando disso, consiste no fato dos *coronéis* também terem sido alvo do ataque paranaense. Ao lado dos termos ignorância, analfabetismo, surgiu a noção de caudilho e cabecilha, referindo-se sempre aos homens que auxiliavam ou exploravam os sertanejos e caracterizados, a partir daí, como inimigos do Paraná. As acusações recaiam também sobre o governador catarinense "Não sei, mas ouvi dizer e li, que José Maria e seus sucessores não passam de títeres cujos cordéis são accionados de dentro do palácio presidencial de Florianópolis"¹²⁷.

¹²⁵ Ibid., 19 de outubro de 1912, n. 4203, p. 4.

¹²⁶ BACZKO, op. cit., p. 298-299.

¹²⁷ **Diário da Tarde**, Curitiba, 23 de dezembro de 1913, n. 4568, p. 1, c. 6-7.

No entanto, rapidamente o Diário da Tarde abandonou a idéia de que os sertanejos estariam recebendo auxílio do governo catarinense para afirmar que foi exatamente contra o poder desses governantes que os sertanejos lutavam. O coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, compadre do governador de Santa Catarina, Vidal Ramos, em 1912, foi um personagem recorrente na acusação contra os catarinenses. Conforme o discurso do periódico, era exatamente contra ele que os sertanejos, inclusive o finado monge, lutavam.

Foi também nesse momento que o Diário da Tarde iniciou o discurso humanitário, defendendo o fim do movimento pela pacificação e a implantação de escolas como única possibilidade de salvação para os sertanejos. Essas narrativas, encerram uma ruptura na forma até então habitual de se referirem ao Movimento. As investidas contra o governo catarinense e contra o governo federal se tornam contundentes.

Vimos que entre os fanáticos há numeroso grupo de crianças, que, na sua inconsciência, não conhecem o perigo a que se acham expostas: nessas condições, perguntamos: - há quem possa aconselhar a matança desses innocentes, só porque a situação é incommoda para o coronel Albuquerque, que não quer ser perturbado nos seus domínios?"

O sr. Coronel Albuquerque e seus sequazes precisam agora liquidal-a promptamente, mesmo passando por sobre os corpos de mulheres e crianças, para que a sua posição se normalise e elles possam continuar a exercer o seu domínio de regulos absolutos, sem mais incommodos.¹²⁸

Por um lado, acusando os catarinenses, por outro defendendo os sertanejos, a partir daquele momento considerados inconscientes e fanáticos. A atitude hostil em relação aos rebeldes passou a ser designada como contrária a própria noção de civilização.

No momento em que os governos dispendem verbas extraordinárias com a cathechese dos aborígenes, é revoltante o cynismo d'aquelles que applaudem o derramamento do sangue irmão, tratando-se ainda mais de indivíduos fanatisados por crenças religiosas, inconscientes, portanto, das suas acções. (...)

Nos nossos tempos, entoar hynos ao massacre e ao sangue, é retroceder para o despotismo. O progresso humano não póde admittir semelhante covardia.

Que se arvore pois, a flammula da paz sobre a cabeça dos nossos patrícios; que elles voltem ao trabalho quotidiano a cooperar para a grandeza da nossa pátria, e que o governo em vez de mandar as forças armadas 'varrel-os á bala', enviem para os nossos povoados a escola e o livro.

Para traz as idéas sanguinárias! Tudo pela paz e pela humanidade!¹²⁹

¹²⁸ Ibid., 28 de janeiro de 1914, n. 4598, p. 4, c. 4.

A escola e o livro, apareceram novamente como condutores para o caminho da civilização e da consciência. Esse pensamento, de humanidade para com a população, foi ao encontro, como tantos outros, à crítica encaminhada pelos intelectuais, homens de imprensa e políticos do início do século em relação a uma atuação mais eficaz do Estado em relação ao território e a população, o que se daria, neste caso, por meio da escola.¹³⁰ Encontramos aí, outro lugar de sentido construído pelo Diário da Tarde em relação aos seus leitores.

A crítica referente à modernidade e ao Estado, esteve presente, portanto, também no Diário da Tarde. Segundo Marilene Weinhardt “Não há qualquer indicação nesse sentido, mas a reviravolta de opinião é tão repentina e radical que se tem a impressão de ter sido contratado um novo redator-chefe, leitor *avant la lettre* de Os sertões como texto antropológico e sociológico, e não como exemplo de estilo, que era a leitura habitual da época”¹³¹.

Os sertanejos, enquanto ignorantes, bárbaros e incultos, deveriam ser tutelados pelo Estado - obviamente o paranaense - para então receberem os benefícios da ordem e da civilização. Para o Paraná, naquele momento, tornou-se fundamental a construção de uma identidade regional. Neste sentido, o periódico funcionou como articulador de uma identidade territorial. Primeiramente, utilizando-se da figura dos soldados mortos em combate. Num segundo momento, por meio das referências à ingenuidade e ignorância dos sertanejos e ao poder de manipulação dos governantes catarinenses.

Os idéias de monarquia, anteriormente consideradas um dos motivos da reunião dos rebeldes, não vigorou mais nas páginas do Diário da Tarde. Sua utilização, somente foi importante enquanto a responsabilidade recaia sobre o monge quando este ainda estava em território paranaense. Após à sua morte, o periódico designou como culpados, o governo federal e regional de Santa Catarina. A recorrência desse discurso foi importante para o enaltecimento do Paraná e à formação de um sentimento regionalista. Da mesma forma, ao criticarem a ausência de atitudes e o desinteresse do governo federal em relação ao conflito, os narradores do jornal, preocuparam-se com a construção de uma identidade nacional,

¹²⁹ Ibid., 05 de fevereiro de 1914, n. 4605, p. 1, c. 3.

¹³⁰ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 47.

pautada, entre outros fatores, na inclusão dos marginalizados à civilização, na criação de escolas e na necessidade de resolução da questão de limites.

¹³¹ WEINHARDT, op. cit., p. 51.

4. CONTESTADO: UMA NARRATIVA DA NACIONALIDADE

4.1 Um projeto de nação

No Brasil, com o advento da República, inicia-se a formação de uma nova lógica sócio-econômica, que traz em seu bojo transformações significativas para a população brasileira de forma geral: abolição da escravidão, inexistência de um mercado de trabalho capaz de suprir a mão-de-obra ex-escrava, imigração, trabalho assalariado, mercado interno mais dinâmico com a abertura para a entrada de empresas estrangeiras.¹ Todas essas transformações, operadas no final do XIX e início do XX, atingiram não somente as elites que desejaram essas mudanças, como alterou o modo de vida das populações que viviam nas grandes capitais e no interior do Brasil. Estas, a partir de então, passaram a ser consideradas um obstáculo à conquista do progresso e da civilização, principalmente a partir do momento em que passaram a posicionar-se de forma contrária à nova instituição social. Temos como exemplos bastante significativos dessa barreira criada por grupos que não aceitaram passivamente as mudanças, os movimentos de Canudos e do Contestado.

A construção de um conjunto de valores sociais e políticos que legitimassem essa nova ordem, ocorreu a partir da manipulação do imaginário social “particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.”² Porém, quando não foram apreendidas de forma difusa, contraditória e vagarosa, essas tentativas de dotar de sentido a República, falharam diante da população pobre e marginalizada. “Sem raiz na vivência coletiva, a simbologia republicana caiu no vazio”³. Isso pode ser afirmado, principalmente, em relação à população da capital, a qual foi “bombardeada” com insígnias referentes ao novo modelo político (como imagens, alegorias e mitos), conforme apontam os estudos de José Murilo de Carvalho.⁴ Em relação à população do interior, a questão tornou-se mais grave uma vez que estes não foram objeto de tal manipulação imaginária. Estando distantes das mudanças

¹ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio..., p. 16.

² CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 11.

³ Ibid., p. 141.

ocorridas no litoral, a República, para esse grupo, não fazia sentido, até porque guardavam uma relação saudosista e idealizada dos tempos monárquicos.

Dotada de significações e sentidos em uma nova comunidade de imaginação que passou a ser gestada, forma que encontrou para a legitimidade social, a República, encontrou nos sertanejos do Contestado (e em tantos outros movimentos sociais) seu a-sentido. Por isso seu conseqüente desmoronamento ou desencantamento para alguns.

Excluídos das decisões relativas ao comando do país e, sentindo as transformações que se processavam em diversos aspectos de sua vivência, os moradores do interior nem sempre puderam aceitar ou compreender essas alterações. Ao contrário, seu modo de viver e seus valores foram postos em xeque, pois eles não compartilhavam das necessidades e das crenças pretendidas pelo imaginário republicano, cujos ideais pleiteavam um ser “civilizado”, liberal e moderno. Nicolau Sevcenko exemplifica um pouco dessa vivência cotidiana dos sertanejos confrontada com o mundo republicano, quando se refere aos habitantes de Canudos:

eram apenas trabalhadores rurais pobres, sem nenhuma educação formal, com um profundo sentimento religioso, e que estavam atordoados por mudanças de grande impacto simbólico ocorridas num repente, sem que eles fossem minimamente esclarecidos sobre seu significado, seu surgimento ou sua razão de ser. Para eles, como para o grosso da população alheada dos processo decisórios, o imperador era uma figura sagrada, assim como o eram o sacramento do matrimônio ou o campo santo dos cemitérios. A deposição do monarca, assim como a separação da Igreja e do Estado, decretada pelos republicanos, só poderia lhes soar como atos, além de incompreensíveis, de desprezo e profanação de suas crenças mais íntimas e sublimes.⁵

É óbvio que cada lugar do país teve suas especificidades quando ao modo de viver e pensar das populações sertanejas. Apesar disso, alguns aspectos levantados por diversos autores, podem ser apontados como comuns a vários grupos.⁶

No caso da região onde ocorreu o Movimento do Contestado, todo esse processo foi impulsionado, entre outros fatores, pela concessão de terras à *Brazil*

⁴ Ibid., principalmente p. 11, 52, 53, 141. José Murilo de CARVALHO enfatiza que o imaginário social foi manipulado, através de imagens e símbolos, no momento da mudança social e política republicana, criando novas identidades coletivas, formando almas

⁵ SEVCENKO, O prelúdio..., p. 19.

⁶ Como, por exemplo, os trabalhos de: CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José

Railway Company, que culminou em consideráveis alterações em relação aos interesses entre os poderes locais e estaduais, os quais, a partir de então, estabeleceram alianças objetivando maior lucro e poder. "Um clima de negociatas se instaura, beneficiando chefes políticos situacionistas, membros das oligarquias e 'coronéis' influentes do interior, que se transformam em 'sócios menores', tirando proveito, ainda que marginalmente, desse surto de crescimento econômico."⁷ A emergência do trabalho assalariado nesse local, trouxe consigo uma nova relação hierárquica, substituindo as relações de parentesco e o paternalismo próprio do coronelismo brasileiro. Muitos grupos ficaram excluídos dos benefícios trazidos pela necessidade de modernizar o país, apesar de sentirem, em suas relações cotidianas, as transformações que ocorreram, como no caso dos sertanejos que viviam no interior de Santa Catarina e do Paraná.

Essas mudanças, portanto, estiveram vinculadas ao início de um novo momento político no Brasil. Instituído há pouco tempo e atrelado às novas relações de trabalho inseridas na região por meio da presença das empresas da *Brazil Railway Company*, a República significou, não somente para os moradores daquela região, o fim da Monarquia e o início de uma nova era que, associada à decadência das relações de fidelidade, representou um momento negativo, de infelicidade e insegurança.

Entretanto, respostas às investidas republicanas não tardaram. Como todo poder e toda dominação nunca são totalmente eficientes, os sertanejos, utilizando elementos da sua cultura, consolidaram uma identidade e definiram os papéis sociais e os códigos necessários para a criação de uma *Cidade Santa*. Construíram esse local, com o intuito de aguardar o retorno de seu líder espiritual, monge José Maria, e para restabelecer, por um lado, alguns aspectos das relações e das formas de convivência esfaceladas com o início da República, mas, por outro, buscando criar uma nova realidade, completamente diferente daquela na qual viviam. Boa parte dos trabalhos relativos ao Movimento do Contestado, voltaram-se para esse

Olympio, 1964; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997 e WISSENBAACH, op. cit.

⁷ MONTEIRO, **Os errantes**, p. 30.

universo cultural e valorativo, tendo como principais noções explicativas o messianismo, o milenarismo e a monarquia.⁸

A formação dos redutos sertanejos constitui um bom exemplo da evidência das falhas e problemas relativos a essa racionalidade tão valorizada na virada do século XIX para o XX. Conforme Castoriadis, o mundo moderno foi aquele que impeliu a racionalização ao seu extremo,⁹ atribuindo-se a liberdade de, em nome do racionalismo, desprezar, excluir, culpar ou simplesmente delegar à irresponsabilidade, inconsciência ou loucura sociedades distintas. O Movimento do Contestado, entre outros acontecimentos do período, foi objeto dessa perspectiva de compreensão. A reunião dos habitantes da região contestada, bem como o homem sertanejo residente nesse local, representaram para os pensadores do período, a cultura da sociedade precedente à modernidade, ou seja, a sociedade rústica, tradicional, historicamente construída como oposto do progresso e da civilização, sendo identificada com a idéia de permanência dos costumes. Da mesma forma, o local onde moravam foi designado como atrasado, uma vez que era habitado por indivíduos analfabetos. Contraditoriamente, ao passo que se constituiu um pensamento de exclusão em relação ao interior do Brasil, esse local também passou a ser representado enquanto *habitat* do homem autenticamente brasileiro, exatamente por ainda não ter estabelecido contato com a sociedade moderna.

Há que se considerar ainda para esse contexto, os caminhos adotados pelos precursores da ciência social brasileira que, seguindo a linha da evolução histórica em suas análises, buscaram encontrar o lugar do povo brasileiro nessa luta contínua pelo progresso, partindo de pressupostos tomados do positivismo de Comte, do darwinismo social e do evolucionismo de Spencer.¹⁰ Dessa forma, esses pensadores elaboraram um parecer sobre o país e sobre aqueles que nele habitavam, classificando-os e determinando o seu lugar, tanto na cadeia evolutiva quanto na

⁸ O milenarismo constituiu a crença na realização terrena da felicidade, em contraposição à um presente de discórdias e misérias, a qual teria a duração de mil anos. A temporalidade, neste caso, permite a destruição e a idealização utópica a partir da relação entre passado, presente e futuro. Muitas vezes, na crença milenarista, a chegada de um salvador, de um messias, torna-se fundamental para a instauração desse tempo de felicidade, por isso a denominação de messianismo. Ver: ESPIG, **A presença...** e GALLO, **O Contestado: o sonho...**, p. 144-145.

⁹ CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 187-188.

¹⁰ Questões apontadas por HERMANN, op. cit., p. 127-128 e ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: _____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 14.

hierarquia social. Aqueles que ficaram no início dessa cadeia (e tiveram o lugar mais raso da hierarquia) tornaram-se obstáculo para o alcance da condição de civilizado. Por isso, diversas medidas foram adotadas durante o período Republicano, no sentido de alcançar esse objetivo. As barreiras deveriam ser eliminadas, ou seja, no imaginário coletivo dos grupos letrados, a ordem era tentar superar todos os elementos que representavam o atraso.

Diversos autores têm defendido a idéia de que as teorias explicativas da nacionalidade brasileira estiveram pautadas por ideais e noções comuns, evidenciando um amplo campo imaginário referente ao ser brasileiro e ao território como nação. Formou-se, assim, uma problemática nacional, cujas temáticas e padrões explicativos foram (e na opinião de alguns ainda são) persistentes.¹¹ Obviamente, a essa “padronização” das idéias existem exceções. Entretanto, estamos considerando a formação de um pensamento paradigmático que evidenciou a necessidade de uma busca pela legitimidade das idéias hegemônicas, principalmente nesse momento, no qual um novo sistema de governo procurou ser consolidado. A construção de identidades e a eliminação do outro (principalmente daqueles que se posicionaram contrariamente ao novo sistema), são elementos fundamentais para compreendermos o estabelecimento desse pensamento social brasileiro.

Baseados nessas premissas, os intelectuais brasileiros elaboraram diversos pareceres sobre os impasses que assolavam o país, buscando respostas e sugerindo alternativas, ainda que utópicas, quanto ao futuro de uma pretendida nação. De forma quase profética sugeriu Euclides da Cunha:

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica, reclama a garantia da evolução social.
 Estamos condenados à civilização.
 Ou progredimos, ou desaparecemos.
 A afirmativa é segura.¹²

¹¹ Questões discutidas por HERMANN, op. cit., LIMA, op. cit., NAXARA, **Estrangeiro...**; VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 35, entre outros.

¹² CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 71.

A civilização não era somente um fim almejado, era o destino para o qual encaminhava-se a humanidade. Mas como lidar com a parcela da população que ainda estava alheia a esse processo? Os conflitos sociais demonstravam que era preciso incluir rapidamente essa população no caminho da modernização. Como isso poderia ser realizado? Tentando responder a essas questões, os pensadores sociais brasileiros elaboraram respostas e pareceres, indicando os espaços que pertenciam à nação e aqueles outros pensados “como Brasil a ser, em sua incompleta condição de parte do ideal nacional.”¹³

Diversas propostas foram apresentadas por esses estudiosos, no sentido de buscar incluir a parte inculta do Brasil. Um dos principais itens sugeridos, girou em torno da necessidade de educação, como meio de incorporação social. O analfabetismo e a ignorância, eram entendidos como barreiras para o alcance da modernidade. Em contraposição, o iluminismo e a cultura letrada eram elementos privilegiados na busca pelo progresso. A criação de estradas ligando os territórios distantes dos país, os “sertões”, também estiveram presentes nas propostas veiculadas pelos primeiros cientistas sociais, como forma de incluir a população, estabelecendo comunicações e encurtando as distâncias.

4. 2 O homem e o meio no pensamento social brasileiro

Para aqueles que se voltaram para o diagnóstico do Brasil no início do XX, construindo, registrando e opinando sobre a história e o futuro da pátria, a relação homem-natureza encontrou um lugar privilegiado como objeto de análise, apoiada na tensão entre as concepções científicas e românticas. Seguindo essa linha de pensamento, as representações sobre o sertão e o litoral enquanto espaços opostos, foram objeto de diferentes tentativas de interpretação, precedendo a própria concepção da idéia de nação brasileira. O litoral, foi considerado civilizado e moderno, porém parasita e superficial, como o sertão, apesar de atrasado e inculto, tornou-se a porção territorial autêntica, *habitat* do verdadeiro brasileiro. Dessa forma, o Brasil autêntico estaria localizado no interior “e não no litoral deslumbrado pela Europa.”¹⁴

¹³ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 39.

¹⁴ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 5, p. 44-55, 2000, p. 47.

Esse caminho, percorrido pelas análises sobre a nacionalidade brasileira, esteve relacionado com uma afirmativa que tem sido recorrente em diversos estudos recentes, centrados nas reflexões referentes ao pensamento social brasileiro: o sentir-se estrangeiro em sua própria terra por parte dos intelectuais que pensaram o Brasil, durante o final do século XIX e início do XX.¹⁵ Esse sentimento, um tanto quanto contraditório, formou-se sob a necessidade por parte desses indivíduos, de se pensar a nacionalidade, projetando um ideal em relação ao futuro.

Ao se voltarem para um passado histórico traduzido pela busca das raízes da nacionalidade, os intelectuais brasileiros se depararam com elementos que, ao contrário de conduzirem a uma unidade nacional, demonstraram o caráter heterogêneo da população brasileira. Durante esse percurso pela busca de uma identidade e mediante a impossibilidade de se fundar uma nação baseada na unidade, diversos pensadores se voltaram para os aspectos relacionados à natureza em sua relação com a formação do povo brasileiro e para a consciência do espaço, elementos que forneceram “as bases da integração necessária ao estabelecimento da fórmula de um projeto de nação.”¹⁶

Portanto, a tentativa de consolidação de uma identidade, nos permite verificar a existência de um projeto de nação. A negociação simbólica dos papéis sociais e dos espaços territoriais, possibilitaram a definição de objetivos comuns, a legitimação de idéias e mesmo a mobilização em torno de práticas consideradas necessárias para a consolidação dessa nacionalidade. Sob a forma de sistemas de imagens e símbolos ou se revestindo de ações violentas frente aos inimigos, as representações criadas pelo novo sistema sócio-político-econômico, também foram fundamentais na consolidação de um pensamento relativo à formação da nação brasileira. Por isso, esse sentimento de identidade, esteve atrelado à constituição da população brasileira em sua relação com o meio.

A representação do espaço brasileiro como natureza paradisíaca e perigosa esteve presente desde a chegada dos portugueses, já na carta de Pero Vaz de Caminha ou na perspectiva dos jesuítas imbuídos da necessidade de cristianizar os “bárbaros” nativos. Desde então, tem sido retomada como mito de origem por

¹⁵ LIMA, op. cit.; NAXARA, **Estrangeiro...**, entre outros.

diversos estudiosos da nacionalidade brasileira, sempre em uma vertente dualista, ora se referindo ao paraíso, a autenticidade brasileira, ora ao inferno, local inóspito e despovoado.¹⁷

Segundo Regina Abreu, existiram no pensamento social desse período, duas vertentes para se pensar o Brasil e os brasileiros. Uma, com raízes no iluminismo, construiu uma representação do nacional pautada no racionalismo, e buscando conquistar a civilização e o progresso, ideais esses baseados “num modelo universalista e cosmopolita das grandes reformas urbanas, das obras que difundiam novas regras de higiene e bom-gosto.”¹⁸ Nessa perspectiva, construiu-se uma idéia negativa de sertão, percorrendo o caminho cientificista e realista onde o espaço interior e a sua população foram caracterizados como uma barreira para o alcance do progresso. Contrastando com essa visão, existiu uma perspectiva romântica, que procurou o nacional nas singularidades da cultura do país. Nesse viés, o sertanejo, sua forma de vida, seus hábitos e crenças, eram considerados autênticos do verdadeiro homem nacional. Ou seja, eram os brasileiros em seu estado mais puro, pois ainda não haviam sido contaminados pela influência externa, que prevalecia no litoral. Aqui, o sertão foi caracterizado de forma positiva, enquanto símbolo da nacionalidade, local melancólico e saudosos, onde prevaleceram hábitos e costumes não corrompidos pela população litorânea.

A que se considerar ainda, que essa população interiorana foi alvo de explicações teóricas raciais, que lhes delegaram aspectos degenerativos, devido à miscigenação sofrida no decorrer de sua história. Certamente, nos casos dos movimentos sociais, essa última teoria foi acionada constantemente, com o objetivo de legitimar a destruição daqueles que, por uma determinada tendência genética, opunham-se ao progresso da nacionalidade brasileira.¹⁹ De qualquer forma, em ambos os casos, a recorrência à categoria de sertão, pela forma usual com a qual foi apropriada pelos narradores da nacionalidade, tornou-se simbólica acionando um pensamento referente não somente a uma parte do Brasil, mas também a uma

¹⁶ OLIVEIRA, Lúcia Lipi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: _____. **Americanos**: representações da identidade cultural nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 69.

¹⁷ Ibid., p. 70.

¹⁸ ABREU, **O enigma...**, p. 247.

¹⁹ Esta questão é apontada de diversas formas, por: HERMANN, op. cit., LIMA, op. cit., OLIVEIRA, A conquista..., VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, op. cit., entre outros.

população e a um modo de vida característicos.

Imperou ainda nesse pensamento social, uma noção de temporalidade que atribuiu ao meio sertão, uma permanência relacionada à interação de costumes, hábitos e história. Como se, isolados, tivessem saído ilesos dos acontecimentos que afetaram o litoral. Nesse sentido, Euclides da Cunha, por exemplo, acreditou na possibilidade de uma sincronização do tempo social do sertão e do litoral, que se daria por meio da interferência dos poderes governamentais.²⁰ Ao alcançar o mesmo tempo social, as sociedades sertanejas alcançariam, conseqüentemente, o progresso.

Pensada pelos primeiros colonizadores portugueses, a categoria sertão somente pode ser instituída a partir do local onde era observada: o litoral. Nesse sentido, devido a uma experiência histórica de alguns séculos, esses dois termos se caracterizaram por representarem opostos de um mesmo território. Como o litoral era um espaço conhecido e delimitado, o sertão era o espaço dominado pelos bárbaros, infiéis, inacessível e desconhecido. Segundo Janaína Amado “ambas foram categorias complementares porque, como em um jogo de espelhos, uma foi sendo construída em função da outra, refletindo a outra de forma invertida, a tal ponto que, sem seu principal referente (litoral, costa), ‘sertão’ esvaziava-se de sentido, tornando-se ininteligível, e vice-versa”.²¹

Portanto, a categoria sertão, foi bastante recorrente no pensamento social brasileiro, ao se tratar da nação. Presente desde o século XVI, ele adquiriu, com o passar do tempo, importância na historiografia nacional, principalmente na virada do século XIX para o XX, momento em que ocorreu uma significativa reflexão sobre identidade nacional. Desde os historiadores que tiveram sua produção vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como Varnhagen, Capistrano de Abreu e Oliveira Viana, passando por Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Todos eles construíram, cada um a seu modo, reflexões referentes a nacionalidade, utilizando para isso o termo sertão. Janaína Amado, ao refletir sobre essa questão, indicou diferentes vertentes que o adotaram: a cultural – relativa à literatura que originou o regionalismo –, ao cinema e

²⁰ A questão da temporalidade em Euclides da Cunha é discutida por OLIVEIRA, A conquista..., p. 75-76.

à música; a espacial, indicando aspectos relacionados à geografia do território brasileiro; a do pensamento social, que o utilizou como uma categoria de entendimento do Brasil.²²

Apropriado de forma alegórica, o uso do termo sertão ocorreu durante todo esse período de forma genérica, sendo utilizado para designar toda a extensão do interior brasileiro, indicando não somente uma parte geográfica do território mas, principalmente, um *habitat* social.²³ O sertão somente interessou aos estudiosos na medida em que fazia parte do território do Brasil, devendo ser incorporado a este em um futuro próximo. Espaço do desconhecido, dos costumes tradicionais e rústicos, o interior sulino, do centro-oeste, do nordeste, do norte, todos foram designados *sertão*.²⁴ Na questão geográfica, o sertão constituiu a extensão territorial desafiadora, difícil de ser conquistada, principalmente pelas suas características naturais. Foi representado como uma região inóspita, um local que se destacou pela sua resistência, pois foi percorrido, mas não dominado.

Enquanto pertencente ao território nacional e uma vez que se desejava o progresso, não era mais possível deixar essa parte do Brasil à margem. Assim, “sertão seria mesmo a prova da existência de fronteiras internas que ameaçavam a nacionalidade”.²⁵ Era preciso inclui-lo, alfabetizando sua população, construindo estradas, escolas e hospitais. Por esse motivo, o sertão, passou a constituir, para os narradores da nacionalidade, um elemento fundamental do projeto de uma nação brasileira. Dessa forma, a parte inculta da população, deveria ser incluída à parte já civilizada. Devido à importância que adquiriu para os pensadores sociais brasileiros, o termo “sertão”, conforme Candice Vidal e Souza, fez parte das reflexões referentes ao projeto nacional, determinando os rumos da nacionalidade.²⁶

²¹ AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 149.

²² Ibid., p. 145-148.

²³ Conforme Janaína Amado o termo sertão foi (e ainda é) utilizado como categoria espacial para designar uma das subáreas nordestinas, mas principalmente, o nordeste brasileiro, partes do território do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, o extremo oeste catarinense e paranaense, em São Paulo às proximidades de Sorocaba, no Amazonas, a fronteira com a Venezuela conhecida como “sertão de dentro” e no Rio Grande do Sul as fronteiras com o Uruguai, conhecida como “sertão de fora”. Ibid., 145.

²⁴ Questão amplamente discutida por VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 58.

²⁵ OLIVEIRA, A conquista..., p. 76.

²⁶ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 58.

Esse processo de construir uma teoria explicativa da sociedade brasileira, utilizando os opostos sertão-litoral, ocorreu paralelamente à formação de uma *intelligentsia* no país, conforme Nisia Trindade Lima, para quem as categorias de meio e raça, não somente foram recorrentes ao se pensar um projeto de nação, mas persistiram até 1964.²⁷

Talvez, o trabalho que melhor demonstre a importância dada a essas categorias, foi a paradigmática obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Como bem apontou Renato Ortiz,²⁸ não por acaso, o título dos dois primeiros capítulos é *A terra e O Homem*. Também não foi por acaso que diversos autores que se voltaram para o Contestado adotaram terminologias aproximadas ou ainda, os próprios títulos acima mencionados, inspirados pela obra euclidiana. Diversos autores que analisaram o Contestado, seja no início do século XX ou nas décadas posteriores, apropriaram-se dessas categorias no intuito de explicar o conflito. Muitos, solicitaram a figura euclidiana para narrar os fatos. Outras, utilizaram uma estrutura parecida com aquela presente em *Os Sertões*, para contar o que foi o Movimento do Contestado. Euclides da Cunha, ao escrever sobre Canudos, criou arquétipos que passaram a representar as expectativas das elites intelectuais e políticas do período. De que maneira isso ocorreu e de que forma as narrativas sobre o Contestado se assemelhavam àquelas que serviram de diagnóstico para o restante do país?

Para responder à essas indagações, analisaremos, neste capítulo, os textos dos militares que escreveram sobre o evento. Em suas narrativas, relataram aspectos referentes aos conflitos cotidianos que enfrentaram no *front* de batalha. Entretanto, seus textos não se restringiram somente à apresentação dos acontecimentos diários de guerra. Extrapolaram ao realizarem uma reflexão do homem sertanejo em relação à nação brasileira, em alguns casos um pouco mais implícita, em outros tentaram abertamente elaborar uma representação sobre o homem do Contestado, das características do seu *habitat*, dos seus valores e crenças. Alguns também indicaram caminhos necessários para a resolução de conflitos desse gênero. Os pensadores do Contestado assumiram o discurso de nacionalidade hegemônico, no interior do qual, falar sobre os sertanejos também significou pensar a nação. Que elementos estiveram presentes nesse discurso?

²⁷ LIMA, op.cit.

²⁸ ORTIZ, op. cit., p. 16.

Talvez, ao realizarmos esse percurso, poderemos compreender melhor porque Canudos tem sido adotado com uma certa frequência nos estudos referentes ao Contestado.

4.3 Algumas narrativas sobre o Movimento do Contestado

As categorias anteriormente discutidas e as preocupações relacionadas à formação de uma identidade nacional, estiveram presentes nas representações criadas pelos intelectuais, jornalistas e elites letradas do país. Nos relatos militares sobre o Contestado, também podemos perceber o desejo de modernizar o território nacional, de incluir os *barbáros*, tornando-os parte da civilização, bem como a existência de ambiguidades e indefinições que permearam as tentativas de constituição da nação brasileira.

Embora os militares fizessem parte de uma comunidade de sentido, onde compartilhavam dos mesmos valores e crenças presentes nas narrativas dos pensadores sociais desse período, seus textos devem ser observados a partir do lugar onde foram elaborados, levando-se em consideração as especificidades desse discurso. Assim como os intelectuais, os militares tiveram muitos momentos de dúvidas e incertezas, tanto na vida direta com o outro, como no plano ideal, dos caminhos que o exército deveria assumir enquanto defensor da pátria. Levando em consideração as particularidades de cada um desses indivíduos – fundamentais na construção subjetiva do papel que atribuíram a si próprios – acredito ser possível inseri-los em uma comunidade de sentido que, como já comentamos, orientou o projeto de formação de uma identidade nacional nas primeiras décadas do século XX.

As narrativas militares podem ser consideradas modelos de compreensão que fixaram acontecimentos e problemáticas para se pensar o Brasil, partindo de uma tentativa de entender ou simplesmente narrar o Movimento do Contestado. Os militares que escreveram sobre o conflito, portanto, podem ser considerados narradores da nacionalidade pois, não somente pensaram e relataram os acontecimentos, como também se voltaram para reflexões em torno dos problemas sociais e políticos que afligiam a nação, indicando inclusive soluções possíveis para sua resolução.

Os relatos militares constituem narrativas que, devido à sua recorrente utilização e também por constituírem um dos poucos registros escritos sobre o conflito, tornaram-se fundamentais para o estudo e compreensão deste. Muito do que conhecemos hoje como Movimento do Contestado, foi edificado sobre esse relatos, que consolidaram uma representação sobre o evento. Tais documentos, evidenciam o posicionamento assumido pelo exército naquele momento, assim como os motivos e interesses relativos à sua ação no front, além de serem porta-vozes importantes na glorificação do exército e na justificativa das derrotas.

Conforme o historiador Rogério Rosa Rodrigues, esses indivíduos se consideravam “os baluartes do patriotismo”²⁹, questão importante para a constituição de uma nova instituição militar no início do século XX. Nesse período, o exército passava por uma tentativa de modernização e reformulação de suas doutrinas e idéias, por meio de novas táticas, equipamentos e moralização de suas condutas “construindo uma imagem do militar como um cidadão que se preocupava e participava dos interesses políticos-sociais da nação”³⁰. Esse momento, coincidiu com o Movimento do Contestado e nos escritos dos militares é perceptível, de forma bastante enfática, um sentimento de responsabilidade quanto ao futuro do país. Neste caso, a construção de sentido se deu, principalmente, por meio da inculcação de ideais, onde a missão desse grupo era salvaguardar os interesses da Pátria.

Nas propostas relativas às reformulações de que o exército deveria ser alvo, as noções em vigor no pensamento social brasileiro ganharam espaço, compondo o imaginário social hegemônico de intelectuais, políticos e também militares. Segundo Rodrigues, era uma discussão ampla que visava construir um sentimento nacionalista “tendo a ideologia e a corporação militar como modelo.”³¹ Extrapolando a função de defensores do território, o exército deveria solucionar os problemas brasileiros e resolver questões relacionadas à ausência de um ideal, ao desrespeito às leis e aos símbolos nacionais.³²

Segundo Rodrigues, o Contestado teria representado, para a corporação militar, um importante elemento de valorização desses ideais, demonstrando a

²⁹ RODRIGUES, op. cit., p. 16.

³⁰ Segundo Rogério Rosa Rodrigues, o auge de tais discussões ocorreu em 1914, momento estratégico para o enaltecimento da instituição militar e oportuno para despertar o sentimento nacionalista, pois coincidiu com a Primeira Grande Guerra. Ibid., p. 22.

³¹ Ibid., p. 24.

importância do exército para o país, principalmente nos momentos de conflito. Possibilitou ainda, a incorporação de um sentimento nacionalista, para muitos soldados e para a população, de uma forma geral.

Para a reflexão que nos propomos realizar, selecionamos alguns textos militares que têm sido utilizados com freqüência nos estudos sobre o Contestado. Um dos documentos mais utilizados pela historiografia sobre o conflito, consiste em um relatório de guerra apresentado pelo militar Fernando Setembrino de Carvalho, comandante final das forças do exército contra os redutos rebeldes. Ele esteve na região entre 1914 e 1915, comandando o que chamou de luta “da civilização contra a barbaria”.³³ Em seu texto, além de apontamentos referentes aos acontecimentos cotidianos e às dificuldades pelas quais o exército passou, sofrendo com a ausência de verbas e de equipamentos adequados, apresentou elementos importantes para compreendermos o imaginário da época em relação aos sertanejos e ao local onde estes moravam.

As atribuições relacionadas ao banditismo dos sertanejos foram comuns entre os militares. “Cangaceiros”, “quadrilheiros” e “bandoleiros” foram termos recorrentes no texto de Setembrino de Carvalho. Para este militar, pesou na constituição da população do Contestado, a presença de “perseguidos da justiça”, que teriam chegado à região devido à construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, quando “os sertões foram se enchendo dos peiores malfeitores”, provenientes do Nordeste e do Rio de Janeiro.³⁴ Segundo Paulo Pinheiro Machado, é possível que este militar tenha veiculado tal informação procurando encontrar culpados para o levante,³⁵ uma vez que para ele, “o cangaceiro fanático nada tem de característico: é o matuto crendeiro e trivial de todos os sertões”.³⁶

Conforme Setembrino de Carvalho, os trabalhadores contratados para a construção da ferrovia, teriam vindo de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. Existe, na realidade, um grande impasse quanto ao número e proveniência desses indivíduos, estimados em 8 ou 10 mil pessoas.³⁷ Muitos deles, inclusive, foram

³² Ibid., p. 25.

³³ CARVALHO, **Relatório...**, p. 254.

³⁴ Ibid., p. 03.

³⁵ MACHADO, op. cit., p. 139.

³⁶ CARVALHO, **Relatório...**, p. 135.

³⁷ Cf. ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. **Pelos Caminhos do Sul: história e sociologia do desenvolvimento sulino**. Paraná. [s.n], 1978, p. 103; QUEIROZ, op. cit., p. 71.

considerados criminosos deportados, afirmação que Paulo Pinheiro Machado questiona devido à ausência de indicativos que comprovem essa afirmação nos relatórios policiais desses estados. Machado enfatiza ainda, que o número de trabalhadores de outras regiões não compôs a maior parte do contingente responsável pela construção da São Paulo-Rio Grande, até mesmo porque, na região, existia mão-de-obra disponível nessa época.

Embora tenha considerado os sertanejos inconscientes e atribuído a irresponsabilidade à ignorância que considerava existir entre eles, Setembrino de Carvalho acreditou ser inútil tentar persuadi-los por meio de discursos: "A palavra amolgava-se de encontro áquellas almas endurecidas pelo crime, só restando, contra o banditismo, o argumento único e mais eloqüente das balas."³⁸ Portanto, fossem eles ignorantes, bárbaros ou analfabetos, a única possibilidade de solucionar o problema, para este militar, residia no ataque armado e no extermínio de tal grupo.

Assim como diversos pensadores sociais do período, Carvalho defendeu a idéia de que a população que vivia na região contestada estava "avassalada pelo analfabetismo e pela superstição". Em um boletim publicado pelo Diário da Tarde, o militar questionou o fato de "cidadãos" terem abandonado seus lares "despresando o trabalho honesto e divorciando-se da civillisação."³⁹ Uma das soluções propostas por este militar, consistia na noção de trabalho, compreendida, em seu discurso, como uma via de acesso à civilização.

Além das suas próprias reflexões, o relatório de Setembrino de Carvalho inclui anexos contendo correspondências e ordens de comando de outros militares que também estiveram envolvidos. Em um desses documentos, de autoria do coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro, responsável pelo ataque fatal ao reduto de Santa Maria, podemos observar considerações próximas àquelas desenvolvidas por Setembrino de Carvalho. Conforme o seu relato, o reduto que atacou era "...a capital do banditismo, onde se affirmou de uma maneira épica, a enorme pujança da barbaria sublevada contra a civilização, a ordem e a lei."⁴⁰ Até esse momento, podemos perceber que tanto Setembrino de Carvalho, quanto outros militares

³⁸ CARVALHO, *Relatório...*, p. 115.

³⁹ *DIÁRIO DA TARDE*, Curitiba, 4 de janeiro de 1915, n. 4983, p. 1. c. 4.

⁴⁰ CARVALHO, *Relatório...*, p. 267.

envolvidos no conflito utilizaram adjetivos classificando os rebeldes como inimigos da ordem e da lei, além de lhe atribuírem o *status* de ignorantes e analfabetos.

Outro militar que escreveu sobre o evento e que podemos situar nessa confluência do discurso de um militar que assistiu e participou dos acontecimentos com as leituras interpretativas da nacionalidade brasileira, foi Herculano Teixeira D'Assumpção.⁴¹ Como primeiro-tenente do exército, participou do Movimento do Contestado sendo secretário do 58 batalhão de caçadores e, em seguida, assistente da coluna que realizou o cerco aos rebeldes pelo lado sul. D'Assumpção relatou sua experiência no livro *A Campanha do Contestado*,⁴² publicado em 1917, onde pretendeu contribuir com “uma visão da realidade nacional, com a particularidade de focalizar o sul.”⁴³

Diversos itens presentes em sua biografia permitem considerá-lo um narrador da nacionalidade. Primeiramente, o fato de ser membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e autor de outras obras, publicadas durante a década de 1910. Analisando suas narrativas também percebermos diversas formas encontradas por esse militar, para classificar e julgar o conflito e os seus participantes.

Sua narrativa acompanha o percurso realizado desde o dia em que saiu do Rio de Janeiro e é seguido por descrições referentes ao cotidiano no front. O seu texto não se resume somente a informações relativas à organização das tropas no Contestado, mas o autor elabora um discurso permeado de reflexões e opiniões pessoais quanto a cultura e costumes sertanejos, além de relatar acontecimentos anteriores à sua presença no local. Como testemunha, considerava-se “leal e insuspeito”, afirmando que estava sendo guiado “pela verdade dos factos” e “para dizer verdades taes, preciso appellar, com energia, para a serenidade imparcial de relator”.⁴⁴ Ao iniciarmos a leitura do seu texto, rapidamente percebemos que tal “parcialidade” serviu somente à sua retórica, pois deixa transparecer, principalmente quanto se refere aos costumes do homem interiorano, sua opinião e a sua formação.

⁴¹ A relação do discurso de Herculano Teixeira D'Assumpção com as noções interpretativas do Brasil, é discutida também por WEINHARDT, op. cit., p. 72 et seq.

⁴² D'ASSUMPÇÃO, op. cit.

⁴³ WEINHARDT, op. cit., p. 73.

⁴⁴ D'ASSUMPÇÃO, op. cit., p. I.

Este autor, compartilhou do mesmo pensamento daqueles que acreditavam no fanatismo como um fenômeno decorrente da falta de uma educação letrada entre os sertanejos. Os acontecimentos que constituíram o conflito, em sua opinião, seriam “provenientes da cancerosa chaga do analfabetismo que se estende por todo o território nacional, talando os pontos mais longínquos, onde não chegam os bafejos saneadores da civilização hodierna.”⁴⁵ A distância era um dos principais motivos do analfabetismo. Interessante notar que os autores que atribuem o fanatismo à ausência de uma cultura letrada no meio sertanejo, não levaram em consideração que, neste período, a grande maioria dos moradores do litoral tinham acesso à educação formal. D’Assumpção, assim como muitos outros pensadores do período, negligenciou o número de analfabetos existentes na parte mais “civilizada” do Brasil.

Nas reflexões desse militar, devido à ignorância, os sertanejos deixavam-se facilmente dominar por várias pessoas que, segundo a suposição do autor, eram alfabetizadas. A única solução possível, em sua opinião, residia na educação da população sertaneja. Embora defenda essas idéias, em seu texto, termos como “bandidos do sul” foram recorrentes e utilizados na legitimação das ações militares executadas contra os rebeldes.

A questão do exotismo da população sertaneja, foi um dos principais viés descritivos adotados por D’Assumpção, um homem que vivia na parte mais *civilizada* do Brasil, portanto, estranho em relação aos hábitos e costumes sertanejos. Os monges, também foram alvo de suas reflexões. João Maria de Jesus, por exemplo, era, na opinião do militar, “um typo digno de detida analyse.” Embora nunca o tivesse visto, descreveu detalhadamente sua forma de vestir e os objetos que trazia consigo. Segundo ele, esse “monge e propheta” era bondoso, conselheiro, desinteressado, e nunca ofereceu oposição às autoridades ou se aproveitou do prestígio que adquiriu entre seus adeptos. Ao contrário de José Maria, que teria incitado a população sertaneja a aderir ao “fanatismo demolidor”. Para D’Assumpção, este era um homem inteligente, que teria calculado os resultados que poderia obter dominando aquela população e preparando-a para a luta armada.⁴⁶ Essas descrições do monge, permitem verificar que D’Assumpção utilizou arquétipos

⁴⁵ Id.

na construção do seu texto, pois ele pode descrever o monge sem conhecê-lo. Prevaleceu, neste caso, uma representação já inculcada no imaginário social do período.

D'Assumpção mostrou-se um verdadeiro *antropólogo dos sertões*. Os hábitos de vida, a forma de vestir, de conversar, o meio circundante, enfim, os mais variados detalhes foram percebidos e registrados, tanto por meio de suas observações como por meio de relatos colhidos dos moradores do local. Porém, longe de qualquer neutralidade axiológica, o militar enfatizou o seu ponto de vista e deixou transparecer a cultura da qual fazia parte, evidenciando as necessidades que a sociedade “civilizada” tinha de classificar o outro. A impressão que se tem é que quanto mais diferente e exótico este parecesse, menos culpa sentiriam aqueles que contra eles se voltassem.

Nesta mesma perspectiva de análise, podemos incluir a obra do militar Demerval Peixoto, que esteve no território do conflito no ano de 1915, momento no qual os últimos grandes redutos foram vencidos pelas forças militares. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1884 e formou-se na Escola Militar do mesmo estado, para onde regressou após o término da Guerra. Sob o pseudônimo de Crivelário Marcial, escreveu *Campanha do Contestado*,⁴⁷ onde relatou os fatos ocorridos durante o Movimento, além de aspectos relacionados à geografia e costumes dos sertanejos.

Na visão deste militar, os habitantes do interior paranaense e catarinense poderiam ser compreendidos separadamente, por gênero. Dessa forma, os rapazes eram, “analfabetos”, porém possuíam “compleição física extraordinariamente resistente” devido ao “rústico serviço” do trabalho com o mate. As moças, por sua vez, chegavam muito cedo à maternidade “desenvolvendo-se no mesmo meio obscuro, sob os mais exigentes preceitos de credence religiosa.” Como elemento fundamental em ambos os sexos “trazem ao peito dependurada, a relíquia sagrada – um patuá encerrando a ‘Carta Celeste’”.⁴⁸

Os elementos religiosos presentes no imaginário rebelde foram compreendidos por esses narradores como provenientes do analfabetismo e da ignorância. Na oposição ao novo modelo de sociedade “moderna”, a idéia de

⁴⁶ Ibid., p. 216-218.

⁴⁷ PEIXOTO, op. cit.

⁴⁸ Ibid., p. 32.

monarquia foi um dos elementos privilegiados na construção de uma outra sociedade. O termo monarquia, no caso do Contestado, relaciona-se ao sentimento religioso que possuíam e compunham o arsenal de valores presentes no imaginário sertanejo.

A idéia de monarquia esteve mais relacionada a uma oposição à realidade na qual viviam, do que a uma opção institucional. Para os sertanejos, representava a "lei de rei" e por isso era também a "lei do céu". Conforme Márcia Janete Espig, as avaliações realizadas pelos narradores do Contestado sobre os ideais monárquicos consistiram em um julgamento moral sobre os habitantes locais, caracterizando-os como bandidos ou jagunços e justificando a repressão efetuada pelas forças militares.⁴⁹

Demerval Peixoto, dedicou algumas linhas de sua narrativa para explicar a relação dos sertanejos do interior sulino com a monarquia. Segundo ele, os caboclos eram

Crentes fervorosos das instituições caídas em 1889, os seus habitantes, que carecem sobretudo, da instrução rudimentar, entregam-se a idolatria das apregoadas excelências do Império. (...)

A crença predominante nos sertanejos do interior do Contestado é a que lhes foi pregada pelos monges, na peregrinação de muitos anos por lá: a "Monarquia que é a lei de Deus". Conhecem a República apenas por ouvirem o mal que dela falam e pela campanha de descredito que fazem os exploradores.⁵⁰

O autor relaciona a crença dos sertanejos no Império a uma necessidade de instrução, ausente do meio no qual vivem. A responsabilidade referente à propaganda imperial, é delegada à figura do monge, para o qual também pesa a designação de explorador. Se os monges foram responsáveis por essa propagação, certamente, para os sertanejos faria ainda mais sentido acreditar em suas palavras, já que a sua presença era reconhecidamente de par.

Apesar do discurso militar confluir em vários aspectos, a heterogeneidade marcava a organização desse grupo, que não possuía uma ideologia capaz de unificá-los. O próprio Setembrino de Carvalho, mostrava que as diferenças eram marcadas já na formação dos seus companheiros: "A nossa oficialidade parcela-se em duas categorias perfeitamente distintas: uma parte, oriunda das escolas, possui

⁴⁹ Ver ESPIG, **A presença...**, p. 53 et seq.

essa instrução geral – meio científica, meio literária – dote comum dos homens ilustrados: a outra é inculta.”⁵¹ Essa afirmação demonstra uma contradição bastante evidente no exército, pois uma das principais justificativas no combate aos rebeldes foi o seu estado de incultura.

Segundo Rogério Rosa Rodrigues outros elementos marcaram as contradições e dificuldades vividas pelos militares, como por exemplo, as resistências que criaram durante o conflito, perceptíveis por meio das deserções, das brigas internas e da embriaguez, comum entre as tropas. Incertezas e temores relacionados às forças sobrenaturais que estariam atuando ao lado dos sertanejos também foram lugar comum no front.⁵²

Em diversos momentos também percebemos que alguns militares se comprometeram com as solicitações dos sertanejos. Setembrino de Carvalho, por exemplo, indicou soluções para que o conflito fosse resolvido, fornecendo aos rebeldes terras onde pudessem se estabelecer. “O general, (...) dirigiu seu apelo ao governo, para que os nossos míseros patrícios, transviados do caminho da lei pela ignorância e pelo abandono em que vivem, sejam localizados nas terras férteis do Paraná, sob as vistas generosas e directas de autoridades bondosamente moralizados”.⁵³ Concordamos com Rodrigues, quando este enfatiza que, ao considerar os pedidos dos rebeldes, os militares estariam legitimando, de uma certa forma, as suas reivindicações.⁵⁴

Outra questão que marcou a atuação militar na região contestada e influenciou os soldados em relação às atitudes que deveriam tomar contra os rebeldes, foi o fato de receberem ordem do alto comando para não se envolverem nas questões políticas locais. Existiu ainda entre a corporação, o receio de se tornarem uma espécie de jagunços para os coronéis que desejavam a morte dos sertanejos rebelados.⁵⁵

Portanto, o exército viveu momentos de confronto e incertezas em relação à sua causa, muitas vezes, sensibilizados com os ideais do inimigo. Esse grupo,

⁵⁰ PEIXOTO, op. cit., p. 32.

⁵¹ CARVALHO, Fernando Setembrino de. Ofício remetido ao Ministro de Guerra em 13 de dezembro de 1914. Apud: RODRIGUES, op. cit., p. 28.

⁵² RODRIGUES, op. cit., p. 96.

⁵³ **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 07 de janeiro de 1915, p. 1, c. 1-2.

⁵⁴ RODRIGUES, op. cit., p. 71.

⁵⁵ Essas questões são amplamente discutidas por RODRIGUES, p. 80 et seq.

possuía dúvidas quanto à necessidade de intervenção militar, pois acreditavam na culpa dos políticos locais, que estariam incentivando o conflito, movidos por interesses particulares.⁵⁶ Isso nos leva a verificar que os imaginários sociais não são homogêneos ou lineares, mas são formados a partir da própria experiência social. Principalmente se pensarmos que os militares deveriam justificar a ação contra indivíduos que – como tantas vezes apareceu em seus discursos – eram patrícios, faziam parte da mesma nação. As deserções e as resistências demonstram que os imaginários sociais não são uniformes e muitos menos são absorvidos por todos aqueles que vivem no contexto onde foram produzidos. Embora estejamos procurando encontrar elementos comuns referentes ao pensamento social brasileiro e às narrativas sobre o Contestado, é fundamental apontar a existência dessa pluralidade de orientações, crenças e vontades, que compunham as forças militares.

Mesmo com toda divergência, que não foi específica dos grupos militares, mas que esteve presente também entre os intelectuais brasileiros,⁵⁷ podemos pensar em uma comunidade de sentido no início do século XX, responsável por informar acerca da realidade, apelando para um determinado comportamento e para uma ação dirigida contra aqueles que representaram o perigo para toda a sociedade. Contra esses, existiu um grupo armado e disposto a lutar. Felizmente, alguns deles nos deixaram relatos, os quais podemos utilizar para tentar compreender quais motivos estariam relacionados a essa ação. As representações edificadas sobre os sertanejos, sobre o seu modo de vida e o local onde viviam, acreditamos, são elementos fundamentais na trilha desse caminho.

A interiorização de determinadas representações acerca dos sertanejos, pode ser percebida por meio de uma das designações mais utilizadas no período: o termo fanáticos. Utilizado por militares, jornalistas, políticos e civis que pensaram o Contestado, ao se referirem a esta noção, esses narradores manifestaram a forma como uma parcela da sociedade da época pensou em relação aqueles que não compartilhavam de seus valores.

⁵⁶ Id., p. 64.

⁵⁷ Podemos tomar o caso de Manoel Bomfim enquanto exemplo da divergência de opiniões nesse período. Enquanto grande parte dos pensadores sociais brasileiros assumiam as teorias raciais enquanto verdade, este intelectual defendia a idéia de que “a suposta inferioridade dos povos latino-americanos e, principalmente, da parcela de população mestiça com índios e negros (...) teria por finalidade a simples justificação do exercício de dominação.” Ver NAXARA, **Estrangeiro...**, p. 97 et seq.

Também foi construída uma imagem dos sertanejos em contraposição à figura dos militares mortos no combate. Os sertanejos não foram considerados inimigos de guerra, pois não lutavam lealmente, conforme indicava o modelo europeu, mas à arma branca, por isso só poderiam ser considerados traidores e traiçoeiros.⁵⁸ Mais uma vez, mesmo quando o assunto era a batalha em si, o modelo *civilizado* prevalecia. Neste caso, também o ocidente serviu como parâmetro para o condenação da alteridade.

Podemos perceber uma certa unidade em relação a esses discursos, quanto à classificação do outro. A instituição social fundada pelos sertanejos assustou aqueles que dela não faziam parte. A transgressão e a patologia foram as formas de identificação dessa alteridade. Por isso, figurou nas representações sobre o Movimento, os termos fanáticos, bárbaros, crédulos, míseros, perturbados, para designar os adeptos do monge.

A necessidade de identificar o outro, designando-lhe um lugar, demonstra que “contra todos os fatores que ameaçam sua estabilidade e sua autopetuação, a instituição comporta sempre defesas e respostas pré-estabelecidas e pré-incorporadas”,⁵⁹ sendo que as principais encontram-se no campo das significações, do “pensável”, do “imaginável”, ou seja, do próprio sentido atribuído ao papel que cada um deve exercer na sociedade. Assim, os sertanejos se tornaram signos de alguma coisa: do analfabetismo, do pouco caso da política nacional, representados como portadores de uma patologia, exorcizados, pois capazes de formular projetos de uma outra sociedade. A religião, a monarquia, o analfabetismo, tornaram-se assim, elementos relacionados à idéia de atraso, inconsciência e loucura.

4.3.1 Representações sobre a nacionalidade

O Movimento do Contestado também foi importante para reafirmar o conjunto de valores sociais e políticos republicanos. Na imagem abaixo, podemos observar a presença de Setembrino de Carvalho, no ano de 1914, à cidade de Curitiba. Sua chegada foi recebida com louvores na capital paraense, contando inclusive com uma homenagem, onde militares e civis percorreram as principais ruas da cidade. As

⁵⁸ WEINHARDT, op. cit., p. 41

⁵⁹ CASTORIADIS, *As encruzilhadas...*, p. 129-130.

insígnias republicanas foram utilizadas nesse momento, representadas, sobretudo, pela presença das mulheres que aparecem ao lado de Setembrino de Carvalho. Na extrema direita, elas seguram um estandarte onde, ao que parece, está impressa a alegoria republicana da liberdade, também representada pela figura feminina. As mulheres (podemos ler a República) abrem caminho para outro representante daquele regime político, um militar, cuja missão consistia em lutar contra aqueles que não aceitavam a República. Setembrino de Carvalho representava, no território contestado, a própria instituição republicana e possuía a missão de defender os interesses da pátria. Nesse sentido, “por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz.”⁶⁰



Autor não identificado. **Recepção ao General Setembrino de Carvalho.** 1914. 1 fot.: p & b.

⁶⁰ CARVALHO, A formação... op. cit. p. 14.

A preocupação com a consolidação da identidade nacional, não esteve presente somente na forma como a sociedade conduziu a luta contra os sertanejos. Nos relatos militares, essa questão constitui um dos pontos centrais.

Em um boletim dirigido aos “patrícios revoltados”, o general Setembrino de Carvalho enfatizou estar cansado de participar de uma luta inglória, derrubando o sangue daqueles que moravam na mesma pátria. Talvez buscando alguma forma de se isentar da responsabilidade pela morte de tantas pessoas, justificou “E como sempre nutri o nobre desejo, a consoladora esperança de vencer este punhado de brasileiros sem a dolorosa preocupação de exterminá-los, adotei a ofensiva como gênero de guerra, preferindo que fossemos atacados.”⁶¹ O militar assumiu o mesmo posicionamento do Diário da Tarde, enfatizando a idéia de “Humanidade” para com os rebeldes e solicitando a deposição de suas armas. Este boletim, nos pareceu contraditório quanto a alguns posicionamentos adotados pelo general. Em vários momentos da sua narrativa, Carvalho enfatizou que a população sertaneja era analfabeta, sendo assim, por que motivo publicar um apelo dirigido a eles? Até que ponto esse texto foi escrito para os rebeldes? O relato deste militar, não teria sido publicado com a intenção de manter uma imagem isenta de culpa para os seus pares?

Conforme o pensamento do período, um soldado deveria ser um cidadão armado, porém com uma missão decididamente civilizatória e, certamente, muitos militares acreditavam nessa afirmativa como destino para suas vidas. Salvar os interesses da pátria, no discurso de Setembrino de Carvalho, foi sempre o fim almejado com as ações assumidas pelo exército. Somente em um contexto de paz, a pátria poderia alcançar a utopia do progresso e da civilização. A própria noção de trabalho serviu a este propósito. Uma das soluções apontadas pelo general foi o trabalho: “impõe-se que voltais novamente ao trabalho, meio único capaz de garantir a felicidade do lar e promover a prosperidade da nossa grande Pátria”⁶²

Herculano Teixeira D’Assumpção também se referiu a valores nacionais e, acredito, foi o autor que mais se preocupou com os destinos do solo pátrio ao narrar os acontecimentos do Contestado. No prefácio do seu livro, aconselhou: “Já é tempo

⁶¹ CARVALHO, Setembrino. In: Fanáticos e bandoleiros. **DIÁRIO DA TARDE**, n. 4983, 04 de janeiro de 1915, p. 1, c. 4.

⁶² Id.

de sermos previdentes, olhando com seriedade para os grandes problemas nacionaes.” O conflito, conforme acreditava o militar, deveria ecoar “nos ouvidos dos actuaes homens públicos” e entre os que ainda estavam por vir, no sentido de produzir efeitos benéficos aos “futuros detentores dos poderes públicos”,⁶³ pois considerava a revolta responsabilidade do governo. Os governantes deveriam optar pela prevenção ou pelo arrependimento. E a prevenção, a seu ver, estava diretamente relacionada à implantação de medidas educativas no sertão do Contestado.

Definir o “typo sertanejo” também foi uma das direções seguidas por D’Assumpção em sua narrativa. Ele tentou descrever detalhadamente os hábitos, as atitudes, enfim a forma de vida do habitante dos sertões sulinos. Iniciou a caracterização deste, partindo da diferença e o modelo adotado para tal, novamente foi o ocidental, neste caso o imigrante alemão, que segundo D’Assumpção era uma “população ordeira, disciplinada, inteligente e summamente prestativa” exatamente o contrário da população sertaneja, à qual o militar relacionou a anarquia, a miséria e a desorganização.

O sertanejo é um perfeito grulha: responde ao que se lhe pergunta e conta o que não se quer saber. Desde que percebe que está sendo ouvido com atenção, elle fica á vontade: descalça o cothurno, coça os pés desasseiados, cuspinha, esfrega os olhos remelosos, mette o indicador pelas narinas e, ás vezes, por cumulo de modos tão extravagantes, tira com as pontas das unhas, farto limo dos dentes, virgen de escova! E assim vae elle, gaguejando, repetindo e mastigando as palavras, sempre acompanhadas do infallível estribilho – não é? – com voz cantante e num phraseado tão seu e tão original, procurando, num perfeito estultiloquio, á custa de pataratas, tomando mesmo um aspecto façanhudo, convencer os que de boamente o ouvem, de que a sua valentia é inimitavel, de que as suas proezas são inescediveis... Este é o lado fraco do sertanejo: o seu grande desejo é ser sempre temido.⁶⁴

Nesta representação do tipo nacional, o narrador enfatizou questões relacionadas à falta de higiene entre as populações sertanejas, noção que havia ganho grande espaço nos planos de implantação da modernidade nas capitais brasileiras. Além desse aspecto, na sequência do relato, D’Assumpção aponta questões relativas à agilidade do sertanejo nas matas, onde possui “a ligeireza do jaguar”, ao seu caráter de desconfiança, à importância do cumprimento que “é a primeira cousa que o viajante precisa saber fazer”, à hospitalidade em relação às

⁶³ D’ASSUMPÇÃO, op. cit., p. II-III.

⁶⁴ Ibid., p. 199-200.

visitas, onde o caboclo demonstra ser “affavel”, o costume de utilizar o verbo pôr no infinitivo, etc.⁶⁵ E conclui o militar,

É assim no sertão. Os seus homens mais rudes, dominados pela ignorância que gera superstições que muito concorrem para os seus continuados desvarios, esses homens são como os boidios: nem sempre provocam a lucta. Mas quando uma força superior sacode os seus instinctos perversos, despertando-os com vigor, então elles evidenciam toda a sua maldade inconcebível, tornando-se inimigos terríveis, sanguinários, atilados e traiçoeiros.⁶⁶

Portanto, sobre a docilidade, a falta de higiene, a importância que o sertanejo atribuía à “prosa”, prevalecia, na visão do militar, sua natureza perversa que, a provocação de um inimigo ou simplesmente “aos pequenos actos que elle julga offensivos”, vinha à tona. Esse olhar, que possibilitou a formação de uma representação maniqueísta em relação aos moradores do interior sulino, permeou toda a narrativa de D’Assumpção. Ora comentando a respeito dos costumes mais cotidianos e “inofensivos”, ora se referindo aos sertanejos enquanto semi-bárbaros, sinistros e traiçoeiros, esse militar nos deixou uma das obras que mais foram utilizadas no estudo do Movimento e mostrou, a partir de sua narrativa, aspectos relacionados à imagem que as pessoas da época possuíam em relação àqueles que não compartilhavam de sua cultura e dos seus projetos.

Já, Demerval Peixoto, tratou sobre a questão nacional ao discorrer sobre elementos relacionados à ordem política e institucional. Para ele, a região contestada estava entregue ao despotismo dos “chefetes locais”, ao “desmando de caudilhos temíveis” excluídos da justiça das cidades, como se nos centros urbanos reinasse a ordem e a equidade. Em sua opinião, a politicagem liderada por “esses *coronéis* da roça, mandões políticos uns e proprietários despóticos outros...” foram os propulsores morais das causas que levaram ao levante os sertanejos, como recurso de defesa.⁶⁷ Como exemplo da injustiça reinante nesses meios, enfatizou que os piores crimes ficaram impunes quando praticados no território contestado. Portanto, o motivo do conflito, para este autor, estaria relacionado à politicagem e à falta de uma justiça, de uma “civildade” entre os habitantes do meio rural. Não

⁶⁵ Ibid., p. 200-205.

⁶⁶ Ibid., p. 201.

⁶⁷ PEIXOTO, op. cit., p. 18-19.

atribuiu aos sertanejos, inicialmente “desarmados e inofensivos”⁶⁸, a culpa pela deflagração do Movimento.

O caráter de denúncia do seu texto em relação aos governos estaduais também se fez presente ao culpá-los por deixarem os ódios se acirrarem entre os moradores dos sertões paranaenses e catarinenses. O autor também se posicionou em relação à questão de limites, defendendo a idéia de que esses trâmites deveriam ter privilegiado Santa Catarina. Para ele, um dos motivos da eclosão do conflito ocorreu pela falta de paz nas fronteiras litigiosas, dominadas por grupos locais. Dessa forma, assim como D’Assumpção e Setembrino de Carvalho, Demerval Peixoto deixou transparecer um certo ressentimento para com o governo federal e, principalmente, com os governos locais, que, segundo este militar, nenhuma atitude tomaram frente aos conflitos anteriores ao Movimento do Contestado.

O exército também sugeriu propostas no sentido de evitar a violência, indicando a possibilidade de assentar os sertanejos, garantindo-lhes terras e meios de subsistência. Segundo Rodrigues, essas atitudes estariam indo ao desencontro do interesse dos políticos locais. O exército dessa, forma, teria sofrido pressão desses políticos no sentido de iniciar uma campanha de extermínio aos redutos sertanejos.⁶⁹ Prova disso, seriam as críticas que teceram a esses grupos e a acusação de que a culpa pela deflagração seria desses políticos.

Todas essas narrativas seguiram caminhos muito próximos. Indicando elementos da religião sertaneja, mas geralmente apontando os problemas oriundos da falta de educação e da autoridade exercida pelas oligarquias locais neste meio, aqueles que se voltaram para o evento, demonstraram uma forma de pensar própria do seu tempo e do meio em que viviam. Classificar o outro, foi também reafirmar uma identidade própria, ou pelo menos, aquela que se acreditava ou se desejava como tal.

4.3.2 Representações sobre o espaço

Os narradores que pensaram o Contestado, referiram-se em seus textos, ao sertão como moradia dos sertanejos. Quais os traços geográficos e culturais que

⁶⁸ Ibid., p. 29.

⁶⁹ RODRIGUES, op. cit., p. 69.

definiram a região interiorana paranaense e catarinense como sertão nessas narrativas?

Em seu relatório, Setembrino de Carvalho retratou, de forma bastante detalhada, a região onde ocorreu o conflito, bem como as características geográficas e urbanas do local. Segundo ele, aquela região se caracterizava como uma “bella porção do território Pátrio”⁷⁰. Embora parte integrante do território nacional e belo, aqueles que iam para a guerra lutar, em sua opinião, se divorciavam da civilização.

Para Herculano Teixeira D’Assumpção, a causa do Movimento do Contestado foi fruto tanto da ignorância da população sertaneja, como também do meio em que habitavam. “O mal medrará novamente em tão propício meio, si não procurarmos modificá-lo moralmente, aparando suas grandes arestas, aplainando difficuldades innomináveis, com a relativa educação do povo sertanejo.”⁷¹ O meio onde vivia essa população, o “malfadado sertão” portando, era o local da ignorância, do atraso e, por isso mesmo, moralmente debilitado, possibilitava o surgimento de tais revoltas. Era o espaço da “penuria moral e material” que se caracterizava como “um vasto trecho do território brasileiro”.⁷²

Esse sertão, era “impervio, desprovido de recursos” e os soldados em sua jornadas enfrentavam “diffculdades de transporte”, “inclemencia do tempo” e “as surpresas de tão infatigável e astucioso inimigo” sofrendo os maiores sacrifícios imagináveis.⁷³ O meio era, portanto, uma barreira que dificultou o trabalho do exército. Os sertanejos, por sua vez, beneficiaram-se das agruras do solo pois conheciam esse meio inóspito e sabiam utilizá-lo em seu favor.

O militar Demerval Peixoto, por sua vez, utilizou o termo sertão para designar um local interiorano, caracterizado pela sua longitude, “compreendido pelas águas do Iguaçu e do Uruguai”.⁷⁴ Ao escrever sobre as regiões contestadas de Palmas e União da Vitória, deixou clara sua opinião sobre essa região do país. Para ele, apesar de existirem nesses locais “população mais adiantada” acreditava que “não destoam dos característicos atrasos das cidadelas do interior”.⁷⁵ Em contraposição a

⁷⁰ CARVALHO, Setembrino. In: Fanaticos e bandoleiros. **DIÁRIO DA TARDE**, n. 4983, 04 de janeiro de 1915, p. 1, c. 4.

⁷¹ D’ASSUMPÇÃO, op. cit., prefácio.

⁷² Id.

⁷³ Id, p. III e 198.

⁷⁴ PEIXOTO, op. cit., p. 25.

⁷⁵ Ibid., p. 32.

esse atraso, tão próprio do interior do Brasil, o autor assumiu a postura recorrente nos textos sobre a nacionalidade: “A área vastíssima, em grande parte, vive inteiramente alheada do progresso, olvidada da civilização e dos costumes litorâneos.”⁷⁶ Dessa forma, em sua narrativa, progresso, civilização e litoral aparecem em um oposto, enquanto atraso, na opinião do autor, é próprio do meio interior nacional.

Para Demerval Peixoto, o meio era responsável pela determinação de condutas morais e sociais, uma vez que os rebeldes viviam “acostumados com o viver obscuro e despreocupado da roça, embrutecidos no convívio das florestas”.⁷⁷ Segundo Peixoto, esses aspectos, eram comuns para os habitantes dos sertões, pois o meio lhes moldava as atitudes e o pensamento.

Assim, ora optando por imagens românticas e bucólicas, ora por imagens terríveis e ameaçadoras, os espaços dos sertões catarinenses e paranaenses também fizeram parte de uma literatura que se voltou para a identidade da nação brasileira, tendo como fio condutor o Movimento do Contestado. Essas narrativas serviram também ao propósito de marcar diferenças culturais e sociais entre os habitantes do litoral e os *bárbaros* moradores do interior. Conforme Candice Vidal e Souza

é possível acreditar que a formulação culta da problemática nacional simultaneamente cria e recupera temáticas e padrões explicativos persistentes, sobrepostos à variedade dos autores e, de certo modo, independentes das desigualdades de prestígio, habilidade estilística ou competência analítica dos escreventes da brasilidade. Aqui, a repetitividade das fórmulas narrativas própria das falas míticas aparece nos textos totalizadores de uma idéia de Brasil, na forma de temáticas paradigmáticas e de modos de ver recorrentes.⁷⁸

O contorno de uma identidade nacional, foi sendo delineado a partir dessas narrativas que buscaram definir papéis sociais e classificar lugares e atitudes. Todos esses elementos, fizeram parte de um imaginário que idealizou como deveria ser o brasileiro durante a década de 1910. Essa definição, se deu por meio da identificação das diferenças e daquilo que deveria ser superado.

Esses ideais e anseios para o Brasil, estiveram presentes nas narrativas sobre o Contestado, principalmente nos momentos em que os militares se referiram

⁷⁶ Id.

⁷⁷ Id.

⁷⁸ VIDAL E SOUZA, **A pátria...**, p. 35.

à natureza que, muitas vezes surgiu como um quadro, “uma imagem a ser contemplada e ao mesmo tempo respeitada e temida”⁷⁹, e mediante essa natureza desconhecida e exótica, “os soldados aparecem como homens entregues à própria sorte num ambiente hostil, privados de lar e de família e, principalmente, prestes a doarem a vida em prol da pátria.”⁸⁰ Portanto, fazer o Brasil, delinear seus contornos, domar as partes selvagens, pensar sua população e sua identidade, foi também adentrar nos espaços mais distantes, conquistando o território. O Brasil somente poderia se realizar nesse movimento incessante de conquista de espaços e grupos ainda alheios à civilização.

4.4 Os Sertões: paradigma dos movimentos sociais

Um leitor curitibano, que se debruçasse sobre um dos jornais de maior circulação do Paraná, no início do século XX, o Diário da Tarde, mais precisamente em 25 de setembro de 1912, encontraria notícias referentes à economia no Paraná, como o cultivo de erva-mate ou com outra informação referente à política do estado, mas também, já na primeira página, seus olhos iriam ao encontro de uma notícia intitulada "Um novo Canudos?". Num lapso de memória, recordaria do Movimento ocorrido na Bahia, há quinze anos atrás, tão bem noticiado pelo famoso jornalista, Euclides da Cunha. Dando continuidade à sua leitura, se surpreenderia ao constatar que, longe de estar ocorrendo no Nordeste, como poderia imaginar por um segundo, os sertanejos de tal insurreição estavam mais próximos dele do que estariam de Euclides da Cunha, caso este ainda estivesse vivo naquela data. O evento acontecia nos limites, ainda mal definidos, do seu próprio estado.

Mas por que a comparação com Canudos? Quais elementos, neste evento, poderiam levar a acionar o Movimento baiano, traçando uma comparação? A

⁷⁹ RODRIGUES, op. cit., p. 36.

⁸⁰ Conforme Rodrigues “Possivelmente como justificativa das suas perdas no *front*, nos relatos oficiais, era consenso apontar as dificuldades naturais enfrentadas pelas forças legais e aliadas dos sertanejos. Nas representações, os sertanejos aparecem tendo como vantagem a boa utilização do palco da guerra, valendo-se da topografia e da vegetação como aliado imbatível. A natureza aparece como a grande força, o que remete a duas questões importantes no desenrolar das narrativas militares. A primeira delas é a da impossibilidade de se lutar contra a natureza; a segunda, associada a primeira, é de que o fim da guerra contra os sertanejos implicou também uma vitória sobre as forças naturais, portanto, uma glória sobre-humana para o exército.” Ibid., p. 34 e 83.

próxima frase, constando ainda no enunciado do jornal, remete-nos a um fator recorrente nos discursos sobre Canudos:⁸¹ "João Maria revolucionário quer derrubar a República". A alusão à República, ou melhor, a intenção de acabar com ela, seria o motivo de tal comparação?

4.4.1 Os narradores do Contestado e a presença euclidiana

A recorrência ao Movimento de Canudos foi constante nas primeiras notícias que o Diário da Tarde apresentou sobre o Contestado. Da mesma forma, posteriormente, alguns narradores ao se referirem ao conflito, solicitaram a presença euclidiana, como foi o caso de Jayme Ballão, em uma sessão do Congresso: "eu precisava de ter a penna, o fulgor de Euclides da Cunha, para desenhar, com a necessária vibração esse scena pungentíssima, esse drama que lacera o coração menos afeito á bondade, á benignidade."⁸² A épica euclidiana surge aqui enquanto drama bem narrado. O autor de *Os Sertões*, foi capaz de comover o leitor ao relatar os acontecimento de Canudos. Tal capacidade literária euclidiana foi relatada nas páginas do Diário da Tarde, em 1909, quando da morte do escritor: "A personalidade literária de Euclides da Cunha impoz-se de chofre ao mundo intelectual brasileiro. Emergiu subitamente dentro da irradiação offuscadora de *Os Sertões*".⁸³ O obra por sua vez, também foi alvo de adjetivos: "Marcou época o livro e foi sensacional como poucos. (...) o assumpto não podia ser mais empolgante: a grandeza trágica da epopéa de Canudos. (...) *Os Sertões* foram uma revelação de luz."⁸⁴ Canudos, surge na narrativa do jornal, enquanto um tema apropriado e bem trabalhado pelo autor. Não se comenta muito sobre o conflito em si, o que interessou foi a capacidade euclidiana de dar vida à epopéia.

No final da notícia, o jornal deixa clara a filiação dos escritores paranaenses com o jornalista carioca, tomando como exemplo, coincidentemente, um advogado da questão de limites. "A morte do emerito prosador enluta profundamente o Brazil

⁸¹ Segundo Walnice Nogueira Galvão, a oposição à República foi uma referência recorrente nas publicações periódicas sobre Canudos, durante o período em que ocorreu esse conflito. GALVÃO, **No calor...**, op. cit.

⁸² Discurso pronunciado pelo sr. Jayme Ballão, na sessão de hontem. **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 17 de fevereiro de 1914, n. 4615, p. 1, c. 3-4.

⁸³ **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 18 de agosto de 1909, n. 3181, p. 1, c. 1-2.

⁸⁴ Id.

mental; para nós paranaenses mais arpoante a magoa pois em Euclides da Cunha o eminente Ubaldino do Amaral, advogado do Paraná na questão de limites com S. Catharina, tinha auxiliar lucido e avesado ás pesquisas histórico-geographicas.”⁸⁵ Ubaldino do Amaral, assim como tantos outros, seguiu o modelo descritivo euclidiano nas pesquisas realizadas com o intuito de comprovar o direito paranaense ao território contestado.⁸⁶

Alguns pesquisadores contemporâneos do Contestado, indicaram a influência euclidiana nas narrativas sobre o conflito, especialmente no que se refere aos textos produzidos pelos militares.⁸⁷ Tal apropriação pode ser percebida, por exemplo, quando os escritores militares utilizam um artifício mais ficcional que historiográfico, preocupando-se com a forma “envolvente e dinâmica” de narrar os acontecimentos.⁸⁸ Muitos deles, especialmente Herculano Teixeira D’Assumpção, assume um retórica permeada por elementos dramáticos, buscando mostrar a tragicidade dos acontecimentos que ocorreram em solo contestado, mas também, como já comentamos, elevando o exército à categoria de herói e defensor da pátria, e, principalmente, tentando se estabelecer enquanto narrador do conflito.⁸⁹

Os títulos de capítulos adotados por esses autores e a seqüência com a qual descrevem o conflito, são importantes pistas da apropriação que realizaram da obra euclidiana e da importância que adquiriram, no período, as teorias explicativas apoiadas no determinismo do meio e na caracterização do homem sertanejo. A maioria deles, iniciou suas narrativas descrevendo o local onde moravam os sertanejos, com informações minuciosas quanto à geografia e às características urbanas, ou melhor, à ausência de urbanismo no local.⁹⁰

⁸⁵ Id.

⁸⁶ A associação do Contestado ao Movimento de Canudos, não esteve presente somente nas páginas do Diário da Tarde. Em Santa Catarina, tal referência também foi recorrente. Em 30 de dezembro de 1912, por exemplo, o jornal Folha do Comércio, publicava uma notícia enfatizando que “A semente talvez de um novo Canudos começa germinar no interior do Estado”. Apud: RODRIGUES, op. cit., p. 18

⁸⁷ RODRIGUES, op. cit., p. 35; WEINHARDT, op. cit., p. 85.

⁸⁸ RODRIGUES, op. cit., p. 35.

⁸⁹ Essa tentativa de demonstrar a habilidade enquanto narrador do conflito é bastante evidente em Herculano Teixeira D’Assumpção e em Demerval Peixoto.

⁹⁰ Setembrino de Carvalho, embora também dedique páginas do seu relatório a essas descrições, publicou um relatório de campanha. Devido a isso, seu texto procura comprovar aspectos relativos à alimentação, vestimentas, saúde, enfim, aos detalhes relacionados ao cotidiano da campanha militar, demonstrando uma atitude de indignação frente às condições precárias do exército brasileiro.

É interessante observar que alguns desses militares, possuíam uma formação muito próxima à de Euclides da Cunha. Herculano Teixeira D'Assumpção, por exemplo, além de compartilhar da formação no exército também era membro efetivo de um Instituto Histórico e Geográfico (de Minas Gerais). Marilene Weinhardt, realizou uma interessante discussão a respeito da aproximação entre esses dois autores. Segundo ela, Euclides da Cunha conseguiu perceber os problemas relativos aos modelos explicativos da nacionalidade do período no qual escrevia e D'Assumpção, por sua vez, ainda seguia uma concepção fechada, tendo essas teorias enquanto verdade. Para esta autora, D'Assumpção pode ser caracterizado enquanto “fruto da militarização”, o que o fazia sentir uma confiança inabalável na necessidade de defesa da Pátria e da formação da nação “com a obediência cega à hierarquia”, observando como única possibilidade para a construção e solidificação do Estado, a violência contra os rebeldes. Euclides da Cunha, teria absorvido as reformas pelas quais o exército passou e que objetivaram um ensino mais voltado à participação na vida pública.⁹¹ Essa diferença de formação entre os militares, conforme já indicamos, foi percebida por Setembrino de Carvalho, nas tropas que atuaram no Contestado.

Weinhardt comenta ainda que no texto de d'Assumpção, “Canudos brilha pela ausência” e que o militar possivelmente havia percebido que ao se referir ao movimento baiano, estaria reconhecendo a ineficácia da literatura como ensinamento, já que a história se repetia mesmo após *Os Sertões*.⁹² Discordamos da autora quanto a essa afirmação. Apesar de Herculano Teixeira d'Assumpção, não fazer referência ao Movimento de Canudos, o texto euclidiano, a estrutura de pensamento e as noções presentes em *Os Sertões*, também podem ser percebidas na leitura de *Campanha do Contestado*. Quando observamos, por exemplo, as características atribuídas aos sertanejos, referindo-se aos seus aspectos negativos e positivos. O texto segue a mesma forma de descrição, evidenciando os elementos que tornam o homem do interior um sertanejo. A forma de andar, de sentar, de falar, as roupas, a preguiça e, em seguida, o enaltecimento da coragem, valentia, destreza

⁹¹ Ver WEINHARDT, op. cit., p. 74.

⁹² Ibid., p. 85.

quando montado em seu cavalo. Essas duas direções de definição, encontram-se presentes nas narrativas desses dois autores.⁹³

Assim como Euclides da Cunha, Demerval Peixoto também se formou na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde pesou uma educação de inspiração positivista, o que é perceptível em seu texto. Com relação à obra euclidiana, percebemos uma semelhança quanto às descrições do meio e do homem no livro de Peixoto. Ele comenta sobre a geografia do sertão sulino e a distância em relação ao meio “civilizado”, faz uma revisão histórica da questão litigiosa, tratando dos pormenores jurídicos do fato, relata sobre a beleza, o clima e a fertilidade das terras contestadas, além de comentar sobre os povoados e o “terreno da luta”. Além da forma como constrói sua narrativa, cita Euclides da Cunha, quando comenta a respeito dos monges que percorreram a região contestada. “A aura da loucura soprava também pelas bandas do sul: o Monge do Paraná, por sua vez, aparecia nessa concorrência extravagante para a história e para os hospícios (...) disse o admirado autor do Sertões, numa de suas páginas empolgantes.”⁹⁴ Certamente, o narrador fez questão de mostrar que *Os Sertões* constituía uma de suas leituras.

Um pensamento permeado por noções positivistas e evolucionistas fizeram parte da formação desses militares, fator preponderante em seus textos, da mesma forma que uma perspectiva de responsabilidade em relação aos destinos da nação. Determinados padrões explicativos da nacionalidade brasileira foram recorrentes e permearam a descrição dos acontecimentos relativos ao Movimento do Contestado. Portanto, embora muitas diferenças tenham sido apontadas quanto a esses narradores, podemos situá-los em uma mesma comunidade de imaginação. Acreditamos ainda, que uma grande parcela dos sentidos criados por essa comunidade, devem-se à presença e ao pensamento euclidiano, no qual foram sistematizados elementos fundamentais para a constituição de uma identidade nacional, à qual privilegiou determinados grupos em detrimento de outros, o que culminou na luta dos “civilizados contra os bárbaros”. Sem dúvida, a presença

⁹³ Ver CUNHA, p. 105-107 e ASSUMPÇÃO, p. 199-201.

⁹⁴ PEIXOTO, op. cit., p. 52.

euclidiana entre os pensadores do início do século XX, foi paradigmática a ponto de se tornar recorrente nos textos posteriores e em projetos políticos.⁹⁵

4.4.2 Euclides da Cunha e o Movimento do Contestado

Diversos autores indicam que a recorrência ao Movimento do Canudos nas ciências humanas, em detrimento de outros movimentos sociais, como o Contestado, deve-se ao sucesso que alcançou a obra euclidiana *Os Sertões*. Segundo Francisco Foot Hardman, por exemplo, *Os Sertões*, foi um elemento fundamental na constituição de uma memória sobre Canudos que, incluindo mito e história, transformou-se em uma “narrativa épico-dramática canônica da literatura brasileira”⁹⁶. O autor aponta a falta de um “auto-narrador à altura da prosa poética de Euclides” em movimentos que, em número de mortes se aproximaram de Canudos, indicando que, devido a essa ausência, esses conflitos não conheceram repercussão equivalente, citando o exemplo do Contestado. A ausência da lembrança de outros movimentos no imaginário da memória nacional, segundo Hardman, pode ter ocorrido devido à falta de um Euclides da Cunha.

Edgar De Decca, ao realizar uma reflexão em torno da relação entre história e literatura, utilizando como fio condutor a obra de Lima Barreto, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, indica a inexistência de “uma narrativa dramática e marcante na literatura” para os mortos anônimos do Contestado, quando estes buscaram erigir-se como sujeitos históricos.⁹⁷ *Os Sertões*, por sua vez, constitui, para este autor, uma narrativa que possui sua autonomia em relação aos seus referentes. A imagem mítica do sertanejo teria sido marcada pela narrativa épica euclidiana. É que a literatura, até a década de 1930, na opinião do historiador, teria servido também ao

⁹⁵ No caso dos narradores do Contestado, essa apropriação percorreu as décadas posteriores influenciando médicos, jornalistas e sociólogos que escreveram sobre o conflito. Exemplo disso, é o livro de Aujor Ávila da Luz, *Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Esse autor, foi um médico catarinense e publicou seu livro na década de 50. Desenvolveu reflexões considerando a psicologia e a mestiçagem fatores preponderantes na formação do homem do interior catarinense. Sua narrativa, segue a estrutura do texto euclidiano, iniciando pelas descrições geográficas e climáticas, seguida da história do local e da definição do homem.

⁹⁶ HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. (org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998, p. 129-130.

propósito de “resgatar do silêncio da história os personagens anônimos”, assumindo o projeto de uma história social e cultural brasileira. Neste sentido, visto a ausência de um escritor à altura de Euclides da Cunha, o Contestado não teria conhecido a mesma repercussão.

A publicação de *Os Sertões*, em 1902, também pesou sobre o regionalismo e “exerceu uma influência incalculável, que excedeu de muito a seu tempo” ao ponto de “deixar marca visível na produção da década de 1930. E isso, tanto no romance quanto no pensamento social que produz as grandes interpretações do Brasil”, além de influenciar as ciências sociais brasileiras da década de 40. Conforme Galvão, nesta obra, foi sistematizado o abismo que separava o litoral civilizado do interior atrasado “denunciando que a relação entre ambos só se dava quando o primeiro chacinava o segundo.”⁹⁸

Mas até que ponto podemos reduzir o sucesso da narrativa euclidiana de *Os Sertões*, às habilidades pessoais do escritor? Existem outros fatores que poderiam ter possibilitado a monumentalização desta obra?

O sucesso da obra euclidiana não pode ser atribuído exclusivamente ao gênio de Euclides da Cunha. Devemos considerar, como estão indicando diversos estudiosos do pensamento social brasileiro, que o livro *Os Sertões* sofreu um processo de sacralização desde o momento de sua publicação, em 1902. Questões relativas ao imaginário social devem ser considerados, uma vez que a obra adquiriu sucesso, pois estava inscrita nas possibilidades e necessidades das épocas que elegeram essa obra como a “Bíblia” da nacionalidade.

Regina Abreu realiza um estudo enfocando a monumentalização de *Os Sertões* e a forma como este livro passou a ser considerado o mais representativo do povo brasileiro, uma espécie de Bíblia da nacionalidade e como Euclides da Cunha, o seu autor, tornou-se um mártir do pensamento social brasileiro. A autora, compreende o processo de eleição da obra euclidiana como parte de um fenômeno

⁹⁷ DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: _____; LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000, p. 141-142.

⁹⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 5, p. 44-55, 2000, p. 49.

cultural mais abrangente, envolvendo intelectuais e políticos numa rede ampla de constituição e legitimação da nação brasileira.⁹⁹

Abreu busca a origem e a permanência de *Os Sertões*, como patrimônio e símbolo nacional, evidenciando as demandas sociais que estiveram relacionadas a esse processo de monumentalização, tanto por meio de programas educacionais, como através de inúmeras edições e da eleição de um lugar caracterizado como fundante da obra.¹⁰⁰ Segundo a autora, no processo de transformação de uma obra literária em lugar de memória, ela “extrapola suas características iniciais, desempenhando funções sociais que ultrapassam seu valor puramente literário.”¹⁰¹

Segundo essa pesquisadora, foram pontos fundamentais na consagração de Euclides da Cunha enquanto escritor, as críticas recebidas por intelectuais consagrados do período, como Araripe Júnior, Silvio Romero e José Veríssimo. Todos eles, encontraram pontos de confluência entre a obra euclidiana, as próprias idéias e as teorias raciais e evolutivas, em alta no Brasil durante as duas primeiras décadas do século XX.

Araripe Júnior, por exemplo, compartilhou das idéias euclidianas quanto ao meio como determinante na formação da população brasileira, sendo que interior foi considerado por esses dois intelectuais, o local onde moravam os brasileiros autênticos, apesar de representar o isolamento. Também concordavam com a idéia de que o litoral estava contaminado pelas influências externas.

Silvio Romero, por sua vez, acreditava que Euclides da Cunha, ao escrever sobre o homem e a terra, também escrevia sobre a realidade, sobre o povo brasileiro. Assim como o autor de *Os Sertões*, Romero possuía uma visão determinista quanto ao meio e acreditava na oposição entre sertão e litoral. Os três,

⁹⁹ ABREU, **O enigma...**, op. cit.

¹⁰⁰ Walnice Nogueira Galvão traça um quadro detalhado das edições de *Os Sertões*. Somente pela Livraria Francisco Alves Editora, em 1997, a obra euclidiana estaria em sua trigésima oitava edição. Após cair em domínio público, em 1969, proliferaram edições, publicadas pelas mais diversas editoras, como a UNB, Aguilar, Edições de Ouro, Cultrix, Círculo do Livro, entre muitas outras. Além das edições nacionais, diversas traduções também foram feitas. Abreu comenta a sua tradução para o inglês (Inglaterra) ainda em 1920, além de traduções realizadas para os Estados Unidos, para a língua espanhola, sueca, dinamarquesa, italiana, holandesa, chinesa, alemã e francesa. Ver GALVÃO, Walnice Nogueira. Edição crítica. IN: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2001, p. p. 523-529 e ABREU, **O enigma...**, p. 34.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 23.

possuíam crenças românticas quando pensavam na sociedade e no homem brasileiro.¹⁰²

Mesmos entre esses intelectuais, muitas ambigüidades estiveram presentes, ao refletirem sobre o homem e o meio, algumas vezes enaltecendo as características sertanejas, outras vezes criticando-as. Araripe Júnior pensava de forma parecida com Cleto da Silva, o qual considerava o sertão um símbolo da purificação em relação aos malefícios causados pela civilização, como verificamos no segundo capítulo. Não é nosso interesse analisar a obra de Araripe Júnior, mas as idéias desse pensador servem como ponto de reflexão para pensarmos o quanto as noções presentes entre os intelectuais desse período, estavam em sintonia, fossem eles pensadores do Contestado, de Canudos ou ainda de outros temas da cultura brasileira.

Os Sertões, abria diversas possibilidades no sentido de estimular reflexões, indagações e construções discursivas bastante significativas para uma nação em vias de formação, para a consolidação de uma identidade nacional. Muitos compartilharam dessa comunidade de sentido, elaborando teorias referentes à formação da população brasileira e ao seu lugar no compasso da civilização que tanto se almejava. A partir de *Os Sertões*, o progresso e a civilização passaram a ser observados por uma ótica diferenciada, não somente como fim desejado, mas como devir, como caminho inevitável para o qual se dirigia a humanidade.

Dessa forma, esses autores foram responsáveis pela “entronização de Euclides no panteão dos imortais”¹⁰³. Conforme Abreu, *Os Sertões* foi uma importante obra para esses estudiosos, que além de estarem ligados ao regionalismo e ao estudo da cultura sertaneja puderam exercitar “seus métodos científicos de crítica literária. Consagravam-se como críticos ao encontrar uma obra à altura de suas pretensões modernizadoras.”¹⁰⁴ Acreditavam também que a literatura deveria estar a serviço da realidade nacional, de forma que “o criador e a criatura se encontravam. Um alimentaria o outro. Tanto a crítica moderna e científica

¹⁰² Abreu analisa detidamente a relação desses autores com a obra euclidiana. *Ibid.*, p. 242-243, et seq.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 240.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 254.

seria fundamental para a consagração de *Os Sertões* quanto o aparecimento de *Os Sertões* seria fundamental para o exercício e afirmação da nova crítica.”¹⁰⁵

Outros “instrumentos” de consagração da obra e do autor, enquanto ele estava vivo, foram o IHGB (para o qual Euclides da Cunha passou a fazer parte a partir de 1903) e a Academia Brasileira de Letras.

Após verificar a trajetória pessoal de Euclides da Cunha, Regina Abreu procura mostrar as demandas sociais que possibilitaram a eleição *Os Sertões* como símbolo nacional e de Euclides da Cunha como um escritor da nacionalidade. Nesse trajeto, a autora constatou a vinculação das propostas ligadas ao enaltecimento de *Os Sertões*, com a construção ou reforço de uma identidade nacional. Isso ocorreu após a morte de Euclides da Cunha, com a criação de um grêmio em sua homenagem; com a criação da Sala Euclides da Cunha, no Museu Nacional; com a sua consagração enquanto escritor em São José do Rio Pardo, local onde escreveu a obra e, posteriormente, com a apropriação de *Os Sertões* pelo Estado Novo, representado por Cassiano Ricardo, que se apropriou das idéias euclidianas para o projeto *A marcha para o Oeste*, cujo objetivo consistia “conquistar” territórios ainda despovoados do Brasil¹⁰⁶.

Portanto, Euclides da Cunha passou a ser cultuado e diversos ritos surgiram em sua homenagem. Conforme Abreu, esse autor representou o mestiço que deu certo, já que escreveu a obra-prima da nacionalidade. Os cultos em sua homenagem, também foram fundamentais na continuidade do regionalismo e da oposição entre sertão e litoral, fortalecida pela idéia de que o mestiço do interior era o verdadeiro brasileiro, em contraposição aos habitantes litorâneos. Por isso, no trajeto da consagração da obra euclidiana, o interior do Brasil foi considerado o local privilegiado, onde diversos intelectuais buscaram elementos para a construção de uma identidade nacional.¹⁰⁷

Talvez pelo pioneirismo da obra de Euclides da Cunha – tanto por narrar os detalhes do Movimento de Canudos, mostrando-se decepcionado com os caminhos

¹⁰⁵ Ibid., p. 262.

¹⁰⁶ Enquanto ideólogo do Estado Novo, Cassiano Ricardo registrou a meta de avançar os espaços ainda despovoados do território brasileiro no livro cujo nome era o mesmo do programa governamental: *A marcha para o Oeste*. Euclides da Cunha se tornou símbolo da “tradição de bandeirar”, importante para a política do período, pois aqueles que adentrassem o território ainda despovoados seriam os “bandeirantes modernos” do Estado Novo. Ibid., p. 321.

¹⁰⁷ Ibid., p. 230.

adotados pela República, quanto por produzir uma leitura que correspondia às expectativas da *intelligentsia* republicana e pelo desconhecimento que estes tinham da realidade do sertão – acabou-se reproduzindo entre os novos narradores os arquétipos presentes em *Os Sertões*.

4.4.3 Uma comparação para se pensar o Brasil

Assim como os narradores do Contestado, Euclides da Cunha viveu um conflito de ideais, onde as noções iluministas conviveram com os ideais românticos, saindo vencedor o último.

Ao estudarmos a comunidade de imaginação existente nesse período, podemos perceber a existência contrastante de posicionamentos, ora declinados a uma análise racional da realidade, ora voltados a uma vertente romântica, que idealizou o habitante do interior do Brasil. Esses elementos nos possibilitam refletir acerca da tentativa de construção de uma identidade nacional, que ocorre de forma difusa, permeada pelos receios e desejos dos grupos que a forjam e do contexto nos quais são alimentadas. Essa pluralidade de sentidos, fica bastante evidente quando nos voltamos para os textos fundadores do Movimento do Contestado.

Como muitos autores indicaram, a obra euclidiana criou sombras sobre movimentos que surgiram posteriormente. Mas como não utilizar como referência o conflito de Canudos? Como bem indicou Marilene Weinhartd, “A evocação de Canudos situa os acontecimentos na esfera do conhecido, mas essa evocação não contribui para torná-los menos temíveis.¹⁰⁸” A utilização de chamadas no Diário da Tarde, fazendo menção ao conflito baiano, aparecem como um alerta, indicando a possibilidade de um novo embate. Para os letrados que viveram no início do XX, fazia sentido falar de Canudos, uma vez que muitos deles acompanharam na imprensa o conflito nordestino. Fazia diferença se recebia o nome de Canudos ou Contestado, de Conselheiro ou João Maria? Todos estavam à margem da civilização e da história. E constituía um importante aviso, referir-se ao já conhecido, até mesmo como forma de prevenção. Além disso, existiria uma melhor justificativa para

¹⁰⁸ WEINHARDT, op. cit., p. 29.

a repressão e crítica à irracionalidade do que acionar o movimento de Canudos, que tantas feridas deixou na República?

Por um lado, a obra euclidiana não permitiu que o Contestado figurasse na memória nacional, por outro, entretanto, evidenciou as falhas recorrentes do novo regime, mostrando que ele não foi criado para todos os brasileiros. Evidenciou ainda a falta de preparo, de um objetivo comum do exército e que a utopia moderna da ordem e do progresso estavam distantes de se tornarem realidade em um país onde existiam muitos “barbáros” (no interior, mas também nas cidades), os quais o discurso e a bala não foram capazes de exterminar.

Nesse movimento de aproximação dos dois conflitos, há uma comparação pertinente a ser feita. Depois de quase um século do seu trágico acontecimento, referir-se ao Contestado, a Canudos, ou a outros movimentos de outras datas, é indicar permanências na história brasileira e na busca desenfreada por uma unidade nacional. Lembrar desses acontecimentos é também dar voz a essa inquietação que nos persegue, de denunciarmos e rememorarmos a posição do Estado, das forças oficiais em sua conquista por uma civilização homogênea e coesa. Mas também, rememorar esses fatos é afirmar o fracasso, ainda que parcial, dessas instituições.

Segundo Edgar De Decca, os homens comuns, somente na contravenção encontram seu lugar na história, através das narrativas de seus crimes contra o poder estabelecido. Nesse sentido, podemos aproximar diversos movimentos sociais, mostrando que somente no momento em que representam um perigo para a ordem estabelecida, esses indivíduos são passíveis de lembrança.¹⁰⁹ Nesse sentido, lembrar dos movimentos brasileiros para refletir acerca do papel das instituições, da formação dos discursos, dos sentidos criados no decorrer da nossa história são fundamentais para pensarmos a respeito da sociedade na qual vivemos. Segundo De Decca, “nas narrativas de massacres, um acontecimento remete ao outro, formam uma série que subverte à lógica histórica do antes e do depois”¹¹⁰ por esse motivo, “Canudos ilumina o Contestado, que revela a Revolta da Chibata, que denuncia as mortes não investigadas da greve anarquista de 1917...”¹¹¹

¹⁰⁹ DECCA, op. cit., 150.

¹¹⁰ Ibid., p. 152.

¹¹¹ Id.

5. CONCLUSÃO

Mentiras sinceras são, afinal, racionais? A domesticação do messianismo na aliança positivista entre as leis do mercado, as armas do Estado e as imagens da mídia garantiria, enfim, a conclusão de nosso processo civilizatório? Mas a história humana tem sugerido, até exaustivamente, que tal iluminismo acachapante reintroduz a loucura e a barbárie ali onde eram menos esperadas.

Francisco Foot Hardman – Morte e progresso

Em um artigo já citado neste trabalho, Edgar De Decca refletiu sobre uma questão importante. Os homens comuns somente se tornam visíveis quando transgridem a ordem instituída.¹ Da mesma forma, as transgressões tornam mais visíveis, a maneira como uma sociedade pensa os moradores do seu território.

No presente trabalho, refletimos sobre a visibilidade que alguns homens alcançaram no início do século XX, por terem dado início à uma revolta que, de alguma forma, abalou as bases da sociedade república. A utopia que nos interessou nesse estudo, não foi aquela na qual o líder retornaria na figura dos monges e dos guerreiros de São Sebastião mas sim, aquela que consistiu no desejo de formação de um mundo pautado na civilização, no progresso e no universalismo difundido pela cultura letrada. A utopia dos pensadores que refletiram acerca do conflito, indicando o existência de um projeto de formação da nação brasileira.

Analisando as narrativas da imprensa paranaense e dos militares que participaram do Movimento do Contestado, observamos que determinadas noções, como sertão, sertanejo, pátria e civilização, fizeram parte do repertório discursivo desses grupos.

O Diário da Tarde, mostrou-se uma fonte bastante rica, no sentido de agregar em suas páginas diversas notícias referentes ao conflito, possibilitando refletirmos acerca do seu posicionamento, inclusive a nível nacional. A morte de João Gualberto, foi importante para percebermos a importância atribuída ao exército enquanto salvador da pátria e à formação de uma identidade regional. Um ano depois, esse jornal alterou o teor do seu discurso e, de bárbaros e assassinos os sertanejos se tornaram vítimas das decisões políticas tomadas pelos governantes catarinenses e pelo presidente do Brasil.

¹ DECCA, p. 149-150.

Alguns artigos da imprensa evidenciaram diversos caminhos adotados na época para a compreensão do homem do campo, revelando uma tensão existente entre o romantismo e o racionalismo. A ausência de escolas e de livros nos sertões foi apontada como um dos fatores responsáveis pelo conflito, segundo esses narradores. A perspectiva romântica de compreensão do homem sertanejo, pôde ser observada, por exemplo, nos artigos de Cleto da Silva (um morador dos sertões, porém importante político paranaense). Ele encontrou no sertanejo a verdadeira essência nacional, livre da contaminação dos costumes civilizados.

As notícias referentes ao Movimento do Contestado também foram fundamentais para que o Diário da Tarde consolidasse uma identidade regional, demonstrando a existência de ressentimentos para com o governo federal e catarinense. Para isso, os argumentos utilizados consistiram na atribuição da responsabilidade pela deflagração do conflito aos políticos e governantes do Estado vizinho e da capital brasileira e na vitimização dos sertanejos. Esses recursos, também foram importantes para destituir de culpa o jornal. Ao denunciar o governo e se colocar enquanto protetores da humanidade, procuravam se isentar de um sentimento de responsabilidade para com a morte dos rebeldes.

Em relação aos militares, observamos a existência de desejos e receios muitas vezes contraditórios. Isso ocorreu, principalmente, porque esse grupo encontrou dificuldades na execução de sua tarefa, devido à falta de conhecimento quanto ao inimigo e ao terreno e à capacidade que tiveram esses últimos de afrontar e, em muitos momentos, vencer as tropas oficiais. Ainda assim, os militares levaram adiante seus planos de guerra. Embora pairassem incertezas quanto às atitudes que deveriam tomar frente aos “irmãos do mesmo solo”, buscaram apagar as dúvidas que essas escolhas comportavam, iniciativa fundamental nos momentos de crise ou conflito.²

A instituição militar, durante a década de 1910, foi uma das porta-vozes e das principais defensoras do regime republicano. Imbuindo seus membros de um caráter civilizador, estabeleceu regras e códigos que possibilitaram e justificaram a tomada de ações no *front*. Ainda assim, esse discurso não atingiu os militares de forma homogênea, pois muitos criaram resistência, por meio do alcoolismo ou da

² Cf. BACZKO, op. cit., p. 312.

deserção, à missão que lhes foi atribuída. Nas narrativas militares, a tensão entre a atitude patriótica de vencer o inimigo, conviveu com o sentimento romântico de que a única solução possível para acabar com o conflito e civilizar os sertanejos eram as escolas, o trabalho e a atenção dos governantes.

Essas narrativas estiveram imbuídas dos valores da época, deixando transparecer a pluralidade de direções possíveis naquele contexto. Voltando-se ora para uma perspectiva racionalista, ora para uma compreensão mais romântica do homem e do meio interior brasileiro, os pensadores do Contestado evidenciaram o desejo de incluir essa população no segmento social “civilizado”, por meio da educação, do trabalho mas, também da violência.

Estabelecemos ainda algumas reflexões visando compreender a forma como se deu a apropriação da obra euclidiana, *Os Sertões*, não somente pelos militares, mas também pelo Diário da Tarde, priorizando a reflexão em torno do imaginário social que possibilitou a emergência de representações referentes aos brasileiros e a nacionalidade.

Nessa comunidade de imaginação, o pensamento euclidiano assumiu um lugar central, muitas vezes obscurecendo reflexões sobre o Movimento do Contestado, que foi noticiado e relatado a partir de um apelo à memória do leitor, trazendo a mácula da saga conselheirista, eternizada por meio do relato que Euclides da Cunha imprimiu na sociedade brasileira. Diversas apropriações foram feitas, nesse sentido, evidenciando que os pensadores brasileiros, inclusive aqueles que se voltaram para o conflito sulino, preocuparam-se com o futuro da sociedade brasileira e com as possibilidades de inclusão da parcela *inculta* da população.

Uma das grandes dificuldades encontradas pelos pesquisadores que estudam o Contestado constitui na ausência do olhar dos rebeldes que viveram o conflito. Não existem documentos escritos ou iconográficos, produzidos pelos indivíduos que se reuniram em redutos do interior catarinense e paranaense, entre os anos de 1913 e 1916, que possibilitem uma análise mais específica dos objetivos, modo de vida e pensamento desse grupo. As fontes históricas que possuímos advêm, em sua grande maioria, de outras camadas da sociedade. Pessoas que, muitas vezes, somente se deslocaram para a região devido ao conflito, como foi o caso dos militares. Ou ainda, como no caso do Diário da Tarde, referem-se a olhares de grupos que estavam distantes dos sertanejos, tanto geograficamente quanto

culturalmente. De qualquer forma, esses documentos constituem uma leitura sobre os seguidores de José Maria e, nesse sentido, acreditamos na importância de situar a partir de quais lugares e elementos simbólicos, seus autores edificaram uma representação sobre o Contestado.

Janaína Amado comentou sobre a importância de sabermos o lugar de onde se fala. Por um lado, aqueles que viviam no litoral consideravam o sertão um espaço inóspito e perigoso, desconhecido e desabitado pelos seus, por outro, para os indígenas perseguidos, os homiziados, os escravos, e tantos outros, o sertão era o espaço da liberdade e da esperança. Portanto, observar que os lugares são definidores de identidades é fundamental.³

³ AMADO, op. cit., p. 150.

REFERÊNCIAS

Fontes:

CARVALHO, F. S. de. **Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1916.

D'ASSUMPÇÃO, H. T. **A campanha do contestado**: as operações da columna do sul. Bello Horizonte: Imprensa Official, 1917.

Diário da Tarde, Curitiba, 1912-1916.

OLIVEIRA, João Pereira de. Diário de campanha de um aspirante a oficial: Contestado - 1914/15. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Enográfico Paranaense**. Curitiba: [s. e.], 1975. p. 51-105.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

SILVA, Cleto da. **Accordo Paraná-Santa Catharina ou o Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Graphica Paranaense, 1920.

STULZER, Frei Aurélio. **A guerra dos fanáticos (1912-1916)**: a contribuição dos franciscanos. Espirito Santo: [s.e.], 1982.

Bibliografia

ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 205-230, 1994.

_____. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

AFONSO, Eduardo José. **O Contestado**. São Paulo. Ática, 1994.

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. **Pelos Caminhos do Sul**: história e sociologia do desenvolvimento sulino. Paraná. [s.n], 1978.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 5 – Anthopos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1985, p. 296-332.

BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. **A (des)construção do discurso histórico**: a historiografia brasileira dos anos 70. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. São Paulo: Papirus, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto III**: o mundo fragmentado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

CHARTIER, Roger. As práticas da história. In: _____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTED Editora, 2001.

_____. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora da USP, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CORDEIRO, Celeste. O Brasil vira manchete: o papel da imprensa na formação do Brasil moderno. **Revista de Ciências Sociais**, Ceará, v. 29, n. ½, P. 84-91, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2001.

DALFRÉ, Liz Andréa. **O reencantamento do mundo**: representações e construção de identidade no Movimento do Contestado (1912-1916). Curitiba, 2001, 92 f. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná.

DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: _____. LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000, p. 137-158.

ESPIG, Márcia Janete. **A presença da gesta carolíngia no movimento do Contestado**. Porto Alegre-RS, 1998, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 269-289, dez. 1998.

_____. Seguindo as pegadas do grande cavaleiro: Carlos Magno e os Doze Pares de França no Movimento do Contestado (1912-1916). In: **Revista Pós-História: Assis**. São Paulo. v. 7. p. 157-178, 1999.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: UNESP, 1997.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. O Contestado e seu lugar no tempo. **Tempo**. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 6, n. 11, p. 143-156, jul. 2001.

_____. **O Contestado**: o sonho do milênio igualitário. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Anotações à margem do regionalismo. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 5, p. 44-55, 2000.

_____. Douglas Teixeira Monteiro, um intelectual a contracorrente (1926-78). **Sexta-feira: utopia**. São Paulo: Editora 34, n. 6, 2001, p. 189-198.

_____. **No calor da hora**: a guerra de Canudos nos jornais 4^a. expedição. São Paulo: Ática, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. (org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998, p. 125-136.

HERMANN, Jaqueline. Canudos sitiado pela razão: o discurso intelectual sobre a "loucura" sertaneja. In: **Revista História: Questões e Debates**. Curitiba, v. 13, n. 24, p. 126-150, jul./dez. 1996.

HERSCHMANN, Michael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____ (orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCA, 1999.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos**: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo da antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas-SP, 2001, 497 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

MATOS, Olgária. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 6, n. 1-2, p. 83-90, 1994.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. Canudos e Contestado. In: **História do século 20: 1900-1914**. São Paulo: Abril Cultural, 1968. Vol. I, p. 251-256.

_____. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Editora da USP, 1993.

_____. Sertão e civilização: compassos e descompassos. In: **Anais do Colóquio de Estudos Regionais, Comemorativo do I Centenário de Romário Martins**. Curitiba: UFPR, n. 21, p. 31-42, 1974.

_____. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**: Tomo III, o Brasil Republicano, 2º vol.: Sociedade e Instituições (1889-1930), 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 71-92.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do brasileiro 1870/1920. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lipi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. In: _____. **Americanos**: representações da identidade cultural nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 69-91.

OLIVEIRA, Susan Aparecida de. **Contestado**: visões e projeções da modernidade. Florianópolis-SC, 2001, 215 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: _____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba-PR, 1996, 215 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.

PEREIRA, Osny Duarte. O cinqüentenário da guerra sertaneja do Contestado Paraná-Santa Catarina. **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 9/10, p. 235-246, set./nov., 1966.

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**: representações. São Paulo: v. 15, n. 29, 1995.

PINTO, Surama Conde Sá. Revisitando “velhas” questões: coronelismo e clientelismo na Primeira República brasileira. **Revista de história**, Espírito Santo: UFES, n. 6, p. 125-150, 1998.

QUEIROZ, Maurício Vinhas. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. São Paulo, 1985, 264 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Os sertões catarinenses**: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado. Santa Catarina, 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 201-218, mai. 2000.

SÁ FILHO, João Gualberto Gomes de. No centenário de João Gualberto. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. XXV, p. 11-26, 1975.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 15.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil** – v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, introdução. p. 7-48.

SILVA, Alberto da Costa e. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil. In: MOTA, Carlos Guilherme. (org.). **Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) – A grande transação**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 19-41.

THOMÉ, Nilson. **Os iluminados**: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999.

TONON, Eloy. **O Contestado**: uma interpretação da rebeldia sertaneja. União da Vitória, 2000. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. **Normas para apresentação de trabalhos**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: UFG, 1997.

_____; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, , 2001. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 20/11/03.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7 ed. Curitiba: Editora e Gráfica Vicentina, 1995, p. 190-192.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil** – v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 49-130.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho consiste em realizar um estudo referente a algumas representações produzidas sobre o Movimento do Contestado, buscando analisar de que forma, no conjunto de uma comunidade de imaginação¹ datada do início do século XX, esse evento foi representado, localizando as categorias recorrentes, as definições quanto aos participantes e os interesses imediatos assumidos pela imprensa paranaense e pelos militares que classificaram e deram seu parecer sobre o conflito. Procuramos saber de que forma essas análises estiveram pautadas em uma necessidade de constituição da nação brasileira.

Este evento, convencionalmente delimitado entre os anos de 1912 a 1916, ocorreu na região então disputada judicialmente pelos estados do Paraná e de Santa Catarina e envolveu a população sertaneja que vivia no interior catarinense e em parte do território paranaense, bem como as forças militares enviadas ao local para conter os revoltosos.² Durante esse período e nos anos posteriores a ele, diversos indivíduos tentaram entendê-lo e defini-lo, criando imagens sobre os seus participantes, fossem estes favoráveis ou não ao novo regime republicano. Considerado um dos maiores movimentos sociais que ocorreu em território nacional,³ o Contestado foi objeto de estudo de inúmeros cientistas sociais que elaboraram representações referentes ao conflito, cada qual relacionando-o e observando-o a partir de uma determinada visão de mundo e de um posicionamento político específico, comprometidos com o seu tempo, tornando-se, por sua vez,

¹ Utilizamos a noção de comunidade de imaginação conforme o sentido atribuído por Baczko: de um grupo social que compartilha do mesmo imaginário. BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 5 – Anthopos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1985, p. 321.

² A região onde ocorreu o conflito estende-se ao meio-oeste, ao planalto central e ao norte do estado catarinense. A parte paranaense envolvida no conflito estava localizada à margem direita do Rio do Peixe, onde hoje se encontram os municípios de Rio Negro, União da Vitória e Palmas, região disputada judicialmente pelos dois estados no período em que ocorreu o conflito. O Movimento não se estendeu para o oeste paranaense.

³ Como apontam DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história. In: _____; LEMAIRE, Ria. (orgs.). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade – UFRGS, 2000, p. 141; HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. (org.). **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998, p. 130-131; MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Editora da USP, 1993, entre outros.

narradores da nacionalidade, de um pensar o Brasil, mesmo que seja na singularidade de um movimento social inscrito no tempo e no espaço.

Buscando compreender algumas dessas representações, procuramos analisar o imaginário social do período, evidenciando uma rede comum de significações que deram origem a um pensamento sobre o Movimento e seus participantes. Para isso, selecionamos dois grupos de memórias que foram fundamentais para a transmissão de um conhecimento sobre o Contestado: a imprensa paranaense do período e os militares que participaram do evento. Cada um a sua maneira, elaborou uma visão acerca dos acontecimentos, do homem sertanejo e do local onde estes moravam, por eles denominado sertão. Partindo desses documentos, da bibliografia pertinente ao tema e ao período, algumas dúvidas surgiram quanto às representações edificadas sobre o Movimento do Contestado por essas instituições: Quais foram as noções que ocuparam o lugar central nesse pensamento? Como foi construída, nestes textos, a idéia do conflito? Qual a relação dos discursos proferidos sobre o Contestado com o momento sócio-político brasileiro do início do século XX? Qual foi o lugar ocupado pelo Paraná nesse debate? Quais foram as imagens de homem e de lugar produzidas e idealizadas por esses indivíduos?

Estamos entendendo como representação o processo pelo qual determinados grupos sociais constroem um sentido, realizando classificações, exclusões e edificando imagens referentes a si próprios e àqueles que consideram seus inimigos. Nessa perspectiva, pretendemos analisar alguns recursos simbólicos utilizados pelos narradores do Contestado, traduzidos por meio das categorias e conceitos empregados por esses grupos no intuito de nomear o outro, evidenciando uma identidade social “tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”⁴.

Mostraremos como essa elaboração de sentido foi fundamental para que os narradores do Contestado pudessem justificar suas escolhas e condutas, assim como refletiremos acerca do lugar ocupado por esses indivíduos na hierarquia social, elementos imprescindíveis para a compreensão dos discursos por eles proferidos. O levantamento desses itens, será importante para a percepção de uma

⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: Editora da USP, v. 11, n. 5, 1991, p. 19.

vinculação desses grupos a uma comunidade de imaginação que marcou sua presença no início do século XX, por meio da produção de reflexões referentes à constituição da nação brasileira.

Essas representações sobre o Movimento do Contestado, durante a década de 10, estiveram inseridas em um contexto mais amplo, constituindo parte do pensamento social brasileiro⁵. Pensar o Brasil, sua especificidade em relação à civilização ocidental, seus problemas e as soluções possíveis ou desejáveis para a resolução do seu atraso e das tensões associadas a essa noção, fizeram parte das narrativas que figuraram em jornais e textos produzidos durante o período do Movimento e logo após a ele. Nesse sentido, apresentar algumas características do imaginário social que vigorou entre os intelectuais e/ou pensadores que escreveram nesse momento se torna fundamental, uma vez que ele mobiliza desejos e emoções, orienta práticas e atribui sentido às ações.

A tradição intelectual racionalista e cientificista que herdamos do ocidente europeu nos dois últimos séculos, criou uma distinção entre aquilo que faria parte da realidade e aquilo que pertenceria ao mundo da ilusão. Neste trabalho, entendemos que o mundo da imaginação, dos desejos, das utopias, faz parte da sociedade na qual vivemos. E assim, da mesma forma como as guerras, as mortes e o trabalho, também as tradições, os pensamentos, o imaginário de uma coletividade se constituem como objetos passíveis de passarem pelo crivo do historiador. As noções “racional” e “científico” e suas contraposições “irracional” e “senso comum”, constituem o próprio imaginário de uma sociedade, no caso a ocidental, que encontrou nesses e em muitos outros termos, definições para si própria e para outros grupos sociais, evidenciando as alteridades e as relações de poder inerentes à formulação de conceitos representativos. É por meio de seu imaginário social que “uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si;

⁵ Entendemos por pensamento social os textos nativos que possuem como eixo central o tema da nacionalidade, conforme definiu Candice VIDAL E SOUZA. “Quando e onde começa a existir o Brasil e por quais caminhos tem evoluído a formação nacional são as temáticas de inspiração para se construir modelos explicativos do país. Por esse núcleo de preocupação, distribuem-se as obras que expõem descrições-pareceres da situação brasileira, as quais podem ser desenvolvidas sob perspectivas diversas de construção da realidade pensada.” VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: UFG, 1997, p. 21. Mesmo quando utilizam idéias estrangeiras elas estão subordinadas ao tema principal: a nação.

estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’.⁶

Essas questões se tornam importantes, uma vez que a forma como o Movimento do Contestado veio a ser conhecido, relaciona-se com o momento em que as elites intelectuais e políticas do país projetaram um ideal de nação influenciada por noções apropriadas do darwinismo social, do positivismo e do evolucionismo. Entre os principais representantes desse modo de pensar o Brasil apontamos os mais citados nos estudos temáticos sobre pensamento social do final do século XIX e início do XX: Euclides da Cunha, Silvio Romero e Nina Rodrigues. Tendo a idéia de civilização como principal projeto nacional, esses intelectuais forneceram os caminhos que consideraram necessários para alcançá-la. Nesse sentido, entre os muitos elementos constitutivos desse pensamento, o espaço e o homem representaram objetos de estudo, análise e classificação privilegiados.

Muitos desses pensadores, ao discutirem sobre as questões da nacionalidade também elaboraram um parecer referente ao “ser” brasileiro. Tendo a Europa como modelo, construiu-se uma visão acerca daqueles que aqui moravam, dos que conseguiriam ou já estariam bem próximos a esse ideal civilizatório e, de forma maniqueísta, deixando bem claro quem eram os civilizados, denominaram a barbárie brasileira, classificaram-na, encontrando para ela um lugar, geograficamente determinado. Assim, no litoral estariam aqueles mais aptos a conquistar o lugar reservado para os civilizados; enquanto o lugar de bárbaros, coube à população que morava no interior, no sertão, onde os narradores da nacionalidade apontavam a predominância do analfabetismo, da ignorância e do fanatismo.

Por outro lado, essa população na maioria das vezes designada por esses pensadores como bárbara e inculta, conferiu, para o pensamento do período, a autenticidade para uma nação em vias de formação, em um momento em que se buscava a identidade do povo brasileiro. Nesse sentido, a literatura do final do XIX e início do XX, ao utilizar-se do termo nacional, reportou-se, geralmente, à população interiorana e nativa, porém pobre e mestiça. O Brasil, nessa perspectiva, era um território formado por pobres, analfabetos e bárbaros.

⁶ BACZKO, op. cit., p. 309.

Como alcançar a civilização e o progresso, em um país onde a população nativa era atrasada? Essa constatação não foi sentida sem angústias pelos pensadores do período, que definiram o “ser” brasileiro a partir daquilo que lhes faltava. Na construção desse pensamento, esses estudiosos não viam sua imagem refletida no espelho quando se voltavam para o ocidente, mas sim, percebiam-se como um povo que ainda não havia alcançado os mínimos elementos necessários para embarcarem em direção ao progresso, ao futuro de uma nação desejada. Ao olhar para o ocidente, somente encontravam a alteridade. Esta, marcada pela miséria, pela miscigenação, por um passado de senhores e escravos, de índios e bastardos. Suas reflexões, giraram em torno de idéias opostas como civilização/barbárie, progresso/atraso, elite/povo, litoral/sertão⁷. Enfim, esses idealizadores, “pensavam como europeus e sentiam como brasileiros.”⁸

Convivendo com essas idéias pessimistas em relação ao Brasil e aos brasileiros, durante a década de 1910, o modelo europeu de civilização foi alvo de diversas críticas que cingiam, principalmente, sobre a inadequação das idéias vindas de fora quando aplicadas para a compreensão do Brasil.⁹ Segundo Nicolau Sevcenko, os primeiros anos do regime republicano foram marcados por crises, pela especulação, pela desestabilização social, fator que culminou em diversos conflitos, como o Movimento de Canudos, a Revolta da Vacina e a Guerra do Contestado. Entre essas transformações, encontra-se também a desilusão de intelectuais brasileiros em relação à República e o caráter missionário que atribuem à suas atividades.¹⁰ Essa missão, consistia na “afirmação de um conhecimento da realidade

⁷ Essas questões são discutidas principalmente por NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920**. São Paulo: Annablume, 1998, p. 15 et seq.

⁸ Ibid. e LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCA, 1999, p. 13.

⁹ Segundo Regina Abreu, Euclides da Cunha, Araripe Júnior e Silvio Romero, foram representantes dessa perspectiva que condenava as idéias vindas de fora, consideradas inautênticas ao passo que elegia o homem do interior como o verdadeiro representante da nacionalidade brasileira. ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998, p. 215, et seq.

¹⁰ LIMA, op. cit., p. 45; SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999 e _____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: **História da vida privada no Brasil – v. 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, introdução. p. 7-48.

social em bases científicas que orientasse o processo de consolidação do Estado nacional e seu papel pedagógico de construtor da nação.”¹¹

As dificuldades sócio-políticas que atingiam o Brasil, foram uma constante preocupação dos narradores do Contestado. A crise do regime político, nesse período, se fez sentir tanto por meio da “voz” da imprensa paranaense, quanto através dos textos dos militares.

No pensamento social do período, prevaleceu a idéia de que a construção da nação brasileira deveria ocorrer a partir dos elementos verdadeiramente nacionais e não com a importação e adaptação de teorias européias. Com o objetivo de valorizar os aspectos nacionais, os intelectuais elegeram o homem do interior como o autêntico brasileiro, pois ainda não havia sido contaminado pelas idéias e hábitos vindos de fora, ao contrário dos habitantes do litoral. Os narradores do Contestado, demonstraram a vinculação a essas noções, ao criticarem, por exemplo, o acolhimento de imigrantes no território brasileiro, em detrimento do elemento nativo.

A alma da nossa pátria origina-se dos elementos étnicos, esparsos e ainda não bem caldeados que concorrem para a formação da nossa raça.

O caboclo representa ahi um fator preponderante, que, entretanto, é desprezado e, muitas vezes, perseguido e esmagado em benefício do estrangeiro que vem exactamente, (...), destruir a alma nacional.

Como uma dolorosa antithese, o colono estrangeiro, tem todas as regalias; - occupa as terras que de direito pertencem ao nacional, recebe do Estado toda a sorte de auxílios, tornando-se, com os elementos de superioridade intellectual que já traz do seu pais, um competidor, a que o sertanejo ignorante, supersticioso, fatalista, tem de submeter-se, por se encontrar isolado e sem apoio moral e material de seus patrícios.¹²

Esse interesse pelo homem do interior, conforme aponta Nísia Trindade Lima, foi objeto de estudos de cunho sociológico durante um período que compreende a segunda metade do XIX até 1964, consolidando uma tradição de análise do Brasil que tende a remetê-lo ao dualismo litoral/sertão, perpassando inclusive a fase de institucionalização universitária.¹³ Este item, torna-se importante em nosso estudo, uma vez que entre as obras clássicas¹⁴ sobre o Movimento do Contestado, duas

¹¹ LIMA, op. cit., p. 49.

¹² **DIÁRIO DA TARDE**, Curitiba, 07 de janeiro de 1915, p. 1, c. 1-2.

¹³ LIMA, op. cit., p. 14.

¹⁴ Compartilhamos da idéia de “obras clássicas” conforme definiu VIDAL E SOUZA “A produção social de uma obra clássica da análise sociológica se faz pela consagração e reprodução no âmbito acadêmico. Um clássico não é uma construção voluntarista, mas requer o concurso de agentes e espaços sociais de instituição e validação de sua reputação.” Ver VIDAL E SOUZA, Candice; BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento

provêm desse período: o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz e o de Maurício Vinhas de Queiroz, os quais serão analisados adiante.¹⁵

As idéias que remetem à necessidade de construção de uma identidade nacional no início do século XX, tiveram grandes representantes no Brasil, cujo pensamento tornou-se paradigmático nas questões relativas à história do povo brasileiro, a sua constituição e a sua geografia. Nomes como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha se tornaram portadores autorizados e reconhecidos de um pensar o Brasil e os seus habitantes.¹⁶ Eles elaboraram representações fundamentadas em um imaginário para o qual o progresso era o fim último e inevitável da humanidade.

O conjunto dessas representações – traduzido principalmente pela figura de Euclides da Cunha –, poderá nos auxiliar a compreender a forma de pensar dos escritores que se debruçaram sobre o Movimento do Contestado, onde também podemos observar tentativas de construção de uma identidade nacional.

À luz desse imaginário, alguns jornalistas, militares e intelectuais construíram, cada um a seu modo, uma visão acerca do conflito, dos seus participantes e do local onde ele ocorreu. Ao escreverem sobre o Movimento, também pensaram a respeito do Brasil, refletindo acerca dos impasses e indefinições que permearam o projeto de formação de uma identidade nacional durante a década de 1910. Nessa perspectiva, os discursos sobre o Movimento do Contestado elaborados no início do século XX podem ser considerados narrativas da nacionalidade.

Buscando construir uma reflexão em torno dessas questões, selecionamos algumas fontes com o intuito de realizar leituras referentes ao imaginário social formado a partir do conflito, refletindo acerca da importância desse acontecimento para a consolidação de um pensamento referente aos problemas e aos destinos do

social brasileiro. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n. 2, , 2001. Disponível em: www.scielo.com.br. Acesso em: 20/11/03. No caso das obras expostas acima, com certeza se tornaram clássicos pela comum referência daqueles que estudam o Movimento do Contestado. No caso dos dois autores citados adiante, há que se considerar ainda o pioneirismo quanto a publicação de cunho sociológico em relação a esse tema.

¹⁵ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1977.

¹⁶ Esses autores, entre outros, estabeleceram discussões fecundas para o pensamento social brasileiro, na última década do século XIX e na primeira década do século XX. Cf. HERMANN, Jacqueline. Canudos sitiado pela razão: o discurso intelectual sobre a “loucura” sertaneja. In: **Revista**

país.

Para tal, o jornal paranaense *Diário da Tarde* foi um dos discursos que mais nos chamou atenção. Durante o período do conflito, esse periódico da capital paranaense se voltou para o Movimento emitindo opiniões e pareceres, evidenciando claramente a tentativa de convencimento da opinião pública. Foram muitas páginas de textos sensacionalistas, controversos e irônicos, que demonstraram a relação existente entre um pensamento regional e a forma como outros intelectuais pensavam a questão da nacionalidade brasileira. O *Diário da Tarde* também se mostrou regionalista, defendendo os interesses do Paraná por meio de contundentes críticas ao governo federal, tendo sempre como fio condutor a questão de limites territoriais entre este Estado e Santa Catarina. Essas generalidades e especificidades foram pouco abordadas na bibliografia sobre o tema, apesar desse periódico ter sido citado por diversos autores.¹⁷

Com exceção da obra de Marilene Weinhardt, uma das poucas estudiosas do Movimento que não somente analisou o *Diário da Tarde*, como também teceu um comentário crítico sobre o desinteresse da academia paranaense – principalmente na área de letras – em relação à temática do Contestado. Esse foi um dos motivos que a levou a considerar esse evento uma ferida cultural. É importante apontar que essa “dor moral” é muito forte na constituição da historiografia paranaense, a ponto de ser silenciada como objeto de estudo da história.¹⁸

Apesar de analisar o *Diário da Tarde* de uma forma bastante detalhada, o objeto de estudo de Weinhardt se diferencia do nosso uma vez que sua reflexão se concentra na tentativa de compreender alguns aspectos dos romances históricos baseados na temática da Guerra do Contestado. Para trilhar esse caminho, a autora

História: Questões e Debates. Curitiba, v. 13, n. 24, p. 126-150, jul./dez. 1996, p. 128-129 e NAXARA, op. cit., p. 78 e 89.

¹⁷ O *Diário da Tarde* consta da bibliografia e em algumas citações nas obras de: MONTEIRO, **Os errantes**..., op. cit.; PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit. e QUEIROZ, op. cit.

¹⁸ Weinhardt inova ao romper com o silêncio sobre o tema na academia curitibana nas últimas décadas. No que se refere a dissertações e teses, existe uma ausência de trabalhos sobre o Movimento do Contestado na Universidade Federal do Paraná, na área de Humanas. Ainda assim, seu trabalho não se caracteriza como uma conclusão de mestrado ou doutorado mas como uma tese para o ingresso na cadeira de Literatura Brasileira da UFPR.

Anotamos aqui a nossa dívida para com a obra desta autora, que iluminou nossa reflexão relativa as fontes sobre o Movimento. A idéia de buscar uma especificidade no discurso, tanto em relação à questão da construção de uma identidade regional como em relação ao Movimento enquanto único, é apontado por ela. Ver WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?** Algumas narrativas sobre o Contestado. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000, P. 11-23.

lançou mão dos textos militares, jornalísticos e bibliográficos produzidos no decorrer do século XX. Essas obras, serviram, no trabalho de Marilene Weinhardt, ao propósito de possibilitar a busca por elementos que evidenciem sua potencialidade para a criação dos textos de ficção.¹⁹ Assim, a leitura que teceu sobre os documentos históricos não ficcionais, foram necessários em seu trabalho para o alcance de uma compreensão referente aos textos de ficção.

Devido a essa ausência de abordagens históricas mais específicas, acreditamos na necessidade de dispensar uma atenção maior ao Diário da Tarde, que tanta ênfase deu ao Movimento, tentando percebê-lo a partir do imaginário que o informava e das representações que atribuiu aos diversos personagens desse conflito, a si próprio e aos outros, fossem estes catarinenses, sertanejos ou “cabecilhas”²⁰. Ao escreverem notícias e artigos, traduzindo suas impressões sobre os acontecimentos, posicionaram-se demonstrando parte do pensamento da sociedade paranaense do período. Portanto, a questão da identidade regional e nacional também são elementos possíveis de serem apreendidos por meio da análise dos periódicos, principalmente se pensarmos que esse era o principal meio de comunicação na época. Nele, parte da sociedade paranaense também retratou a forma como se imaginava. Enfim, a utilização desses documentos servem ainda ao propósito de tentar preencher uma lacuna relativa à ausência de trabalhos sobre o discurso paranaense relativo ao Contestado, exaltando suas características e seu comprometimento com as ideologias e utopias de uma capital em vias de modernização.

Há que se considerar ainda, em relação a esse corpo documental, que a construção de um sentimento regionalista sofreu um grande impulso no início do período republicano, tanto devido à descentralização administrativa iniciada com a nova política do princípio federativo, como pela efervescência cultural que sofreu a capital do Estado paranaense, propiciada pela ascensão da economia ervateira. Neste momento de formação de um sentimento republicano, no imaginário da elite paranaense, prevaleceram elementos relacionados a um anticlericalismo exacerbado e um positivismo radical onde estiveram presentes as noções de

¹⁹ Ibid., p. 23.

²⁰ Cabecilhas foi um termo utilizado correntemente pelo Diário da Tarde, referenciando, na maioria das vezes, os políticos e “coronéis” catarinenses.

progresso e ciência, em contraposição à idéia de monarquia e à figura do Imperador.²¹

Dentre os diversos textos publicados durante a década de 10 sobre o Movimento, os relatórios e livros escritos pelos militares que estiveram presentes no local também foram selecionados. Primeiramente, por apresentarem uma forma de abordagem diferente daquela a que teremos acesso com os periódicos. Mas, principalmente, pelas preocupações que demonstraram quanto à formação da nação brasileira e ao lugar do homem do interior nesse processo.

Os militares que se dedicaram a relatar os acontecimentos, foram pessoas que percorreram aquela região e buscaram conhecer o seu inimigo de guerra. Ao descreverem a forma de vida do homem do campo, também construíram uma visão idealista de como deveria ser o brasileiro, de como teria que viver e se portar frente à nação. Por outro lado, também refletiram acerca de como a nação deveria tratá-los, já que representavam a verdadeira essência nacional. A forma de vida e o local onde habitavam os “carolas impenitentes” ou “semi-bárbaros” – expressões bastantes utilizadas para a designação dos rebeldes –, foram objeto de análise, classificação e definição por parte dos militares.

Assim como os jornalistas, os militares também estavam informados pelo imaginário de sua época e, em muitos aspectos, seu pensamento confluiu com aquele dos pensadores sociais do período, reproduzindo, por meio das representações que criaram, noções evolucionistas e, principalmente, positivistas²². Ao elaborarem representações referentes ao homem sertanejo, mostraram-se preocupados com os rumos tomados pela nação brasileira, bem como com os impasses que a impediam de se tornar civilizada.

O primeiro texto militar fundamental na construção de uma visão sobre o Movimento foi publicado em 1916 e consiste em um relatório de guerra, apresentado por Fernando Setembrino de Carvalho,²³ comandante das tropas que derrotaram os últimos redutos rebeldes. Também utilizaremos a obra de Herculano Teixeira

²¹ Essa questão é amplamente discutida por PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo:** cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba-PR, 1996, 215 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.

²² Segundo Schwarcz, a doutrina positivista teve sua penetração sobretudo nos meios militares. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 15.

D'Assumpção,²⁴ bastante rica por enfatizar as diferenças culturais existentes entre os moradores do interior e das capitais e, principalmente por situar-se “na confluência do discurso militar com as leituras interpretativas do Brasil.”²⁵ Nesse mesmo viés de abordagem, incluímos o livro de Demerval Peixoto²⁶ que, durante o conflito, em 1915, anotou diversos detalhes dos acontecimentos, enfatizando os aspectos culturais e geográficos da região do Contestado. Esses três autores, enalteceram a nação brasileira e delegaram aos sertanejos o lugar da ignorância, do fanatismo e da barbárie. Mas, assim como boa parte dos pensadores sociais do período, não culparam os habitantes do interior por viverem nessas condições, mas sim, àqueles que decidiam sobre os rumos tomados pela política no país. De uma certa forma, e, aproximando-se de uma visão euclidiana, apontaram os governantes da República como responsáveis pela guerra nos sertões, devido ao abandono e descaso com o qual a população interiorana era obrigada a conviver.

Nesse trabalho, mostraremos o que estes relatos possuem de singular e de comum em relação ao imaginário do período. Perceber a forma como o Contestado e os seus participantes foram representados, sobre o governo republicano e sobre os próprios militares, bem como o posicionamento ideológico defendido por esses indivíduos, constituem itens fundamentais para compreendermos como o conflito foi pensado no interior de uma reflexão mais ampla sobre os futuros da nação e as (im)possibilidades para se chegar lá. Muito mais do que respostas, pretendemos buscar questionamentos referentes às representações sobre o Contestado e à maneira de se pensar o Brasil, por grupos que estavam vinculados a uma elite dominante, seja ela ligada aos militares, aos intelectuais ou aos jornalistas. Mais importante do que saber qual foi a idéia de homem e de lugar no imaginário sobre o Contestado, cabe-nos indagar os motivos que levaram determinadas noções a serem apropriadas para a explicação desse conflito.

Para analisarmos esses documentos, que constituem representações sobre o Contestado, mas também sobre o imaginário social do período, foram de fundamental importância os apontamentos presentes na bibliografia produzida sobre

²³ CARVALHO, Fernando Setembrino de. **Relatório apresentado ao General de Divisão José Caetano de Faria, Ministro da Guerra**. Rio de Janeiro. Imprensa Militar, 1916.

²⁴ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. **A campanha do contestado: as operações da columna do sul**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917

²⁵ WEINHARDT, op. cit., p. 72.

o tema nas décadas posteriores.

Muitos estudiosos do Contestado, indicaram a inadequação de algumas teorias explicativas sobre os participantes do Movimento e sobre o próprio conflito, presentes no início do século XX, sem se deterem mais atentamente sobre essa questão. Dessa forma, esses textos possibilitaram o surgimento de nossa problemática, ao tecerem críticas quanto às representações que pesaram sobre os sertanejos do Contestado, bem como ao local onde moravam.

No primeiro capítulo, buscamos observar a forma como os pesquisadores contemporâneos observaram o Contestado. Para isso, selecionamos obras vinculadas à academia, pelo fato desses trabalhos se apresentarem de forma mais analítica e por lançarem mão de orientações metodológicas, evidenciando a necessidade dos cuidados referentes ao estudo de um grupo social localizado em um tempo e espaço distinto.

Neste trabalho, enfatizamos nosso respeito por todos esses estudiosos que se debruçaram sobre o Contestado, lembrando que o objetivo deste texto não é o de criticar visões que já não são correntes atualmente ou versões que, teórica ou metodologicamente, diferenciam-se de nossa forma de trabalho, mas sim desenvolver reflexões na premissa de que, se um autor pode oferecer algo, é o trabalho de reflexão que ele suscita no leitor que absorve o seu texto.

A opção pelo termo “Contestado”, utilizado no decorrer deste trabalho para definir o acontecimento do qual tratamos, também será explicado no primeiro capítulo. Tentaremos, ainda, encaminhar o leitor a perceber que o “Movimento do Contestado”, constitui uma expressão polissêmica, que designa inúmeras representações.²⁷ Definir como cada autor construiu uma reflexão em torno dos acontecimentos, geralmente utilizando o mesmo corpo de fontes – além de ampliar nossa compreensão a respeito do tema, possibilita perceber que um movimento social definido como objeto de estudo também é passível de inúmeras

²⁶ PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

²⁷ A importância de apresentar uma explicação quanto aos caminhos adotados por aqueles que se debruçaram sobre o tema, consiste ainda em uma tentativa de apresentar aos leitores leigos no assunto, análises que conferiram ao Contestado *status* de um movimento social. Sua amplitude e especificidade, confunde-se, muitas vezes, com a questão de limites, obscurecendo os lugares ocupados pelos atores sociais nesse conflito. Enfim, acredito que a academia paranaense (da capital, principalmente) desconhece o Contestado e o primeiro capítulo é, sobretudo, uma tentativa de apontar alguns caminhos percorridos – por pensadores de diversas áreas – na tentativa de conhecê-lo.

interpretações. Lembramos que, para nós estudantes de história, foram essas representações que deram corpo e forma ao que conhecemos hoje como Movimento do Contestado.²⁸

Estabelecemos um recorte para analisar algumas representações referentes ao Contestado em sua relação com o pensamento social do início do século XX. Assim, no segundo capítulo, nos dedicaremos ao caso específico do discurso paranaense, por meio do periódico *Diário da Tarde*. Desde o começo do conflito, a imprensa da capital paranaense deu início a numerosas publicações sobre a questão, comentando, noticiando e opinando. Podemos observar nesse jornal, narrativas referentes à posição tomada pelos governos do Paraná, de Santa Catarina e da capital brasileira, demonstrando tentativas de construir e manipular a opinião pública no que concerne às representações em torno da questão de limites, dos sertanejos e dos militares.

Indicaremos, nesse momento, a relação desse discurso com o imaginário social do período, tentando mostrar até que ponto o *Diário da Tarde* compartilhava das noções e olhares que estiveram presentes entre os grupos que pensaram o Brasil e os brasileiros.

Ao refletir sobre os rumos do Movimento, esse periódico também construiu representações sobre os moradores do Brasil almejando, além de um ideal de nação, um ideal de Estado. Portanto, refletiremos em torno das questões relativas à construção de uma identidade nacional e regional, presentes nos discursos do *Diário da Tarde*, principalmente, ao abordar a participação e morte do militar João Gualberto.

Ao pretender dar uma definição da realidade, as interpretações sobre o conflito estiveram permeadas por noções como pátria, civilização e progresso em contraposição a fanatismo, barbárie e analfabetismo, evidenciando o caráter evolucionista e positivista do imaginário do período e das representações que dele fizeram parte. Os autores que pensaram o Contestado partiram desse acontecimento para compreender o país. Constituí a tese central do terceiro capítulo tentar compreender de que forma se consolidou essa busca por uma identidade nacional, chamando a atenção para as imagens construídas pelos militares,

²⁸ Isso vale principalmente para os trabalhos de PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit.; QUEIROZ, op. cit., e MONTEIRO, *Os errantes...*, op. cit.

pautadas, principalmente, pela definição do homem e do espaço. Essas noções, foram acionados com o intuito de explicar o conflito, classificar o sertanejo, bem como o lugar “sertão”.

Partindo da análise dos relatórios militares e do Diário da Tarde, às noções presentes no imaginário sobre o Contestado constituem um item importante neste momento, especialmente quando analisadas à luz do Movimento de Canudos. Nesta parte do trabalho, evidenciamos o caráter fundador da obra euclidiana e a forma como ela foi apropriada por aqueles que se voltaram para o Movimento do Contestado.